

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CAMILA SANTOS SEIMARU

**VER E OUVIR ESTRELAS NO COTIDIANO ESCOLAR:
narrativas de egressas de Pedagogia do Vale do Ribeira/SP.**

Sorocaba/SP

2017

CAMILA SANTOS SEIMARU

**VER E OUVIR ESTRELAS NO COTIDIANO ESCOLAR:
narrativas de egressas de Pedagogia do Vale do Ribeira/SP.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliete Jussara Nogueira

Sorocaba/SP

2017

Ficha Catalográfica

S462v Seimaru, Camila Santos
Ver e ouvir estrelas no cotidiano escolar : narrativas de egressas de pedagogia do Vale do Ribeira/SP / Camila Santos Seimaru. -- 2017.
123 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

1. Professores – Formação. 2. Prática de ensino. 3. Mulheres – Educação. 4. Egressos. I. Eliete Jussara, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

CAMILA SANTOS SEIMARU

VER E OUVIR ESTRELAS NO COTIDIANO ESCOLAR:

narrativas de egressas de Pedagogia do Vale do Ribeira/SP.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 18 / 12 / 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr.^a Alda Regina Tognini Romaguera
Universidade de Sorocaba

Prof.^a Dr.^a Selma de Araújo Torres Omuro
Faculdades Integradas do Vale do Ribeira

Com saudades, ao meu pai.

AGRADECIMENTOS

A Deus por esta grande e enriquecedora experiência.

Às mulheres egressas do curso de Pedagogia do Vale do Ribeira que gentilmente me concederam entrevista e sem as quais este trabalho não seria possível.

À Prof.^a Eliete Jussara Nogueira, minha orientadora, pela confiança depositada, incentivo durante o caminho percorrido até aqui e grande colaboração na concretização deste estudo.

Ao Prof. Marcos Reigota, Prof. Pedro Goergen, à Prof.^a Alda Romaguera e Prof.^a Vilma Nista-Piccolo colaboradores efetivos nos ensinamentos e concretização deste trabalho.

A todos os demais professores do programa de mestrado pelos saberes e vivências compartilhados.

Aos meus colegas do programa que proporcionaram rico ambiente de aprendizagem e colaboração.

A minha mãe/professora Mara, meu irmão Luciano e sogra/professora Vera que de diferentes maneiras colaboraram para a realização deste trabalho.

Ao Hugo pelo companheirismo e carinho de sempre.

Ao meu esposo Guilherme, pela paciência, amor, prontidão e apoio incondicional em todos os momentos.

Muito obrigada.

Ouvir Estrelas

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo,
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite,
enquanto a Via-Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo? "

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.

Olavo Bilac.

RESUMO

Narrar vidas singulares é uma forma de sensibilizar e dar visibilidade a identidades, que por vezes não são percebidas, ou valorizadas. A presente pesquisa teve como objetivo apresentar narrativas de mulheres que cursaram Pedagogia, na primeira faculdade privada do Vale do Ribeira. Justifica-se a pesquisa, na medida em que foi verificado não haver muitos estudos referentes ao alunado desse curso, especificamente dessa região do estado de São Paulo, e, principalmente com mulheres, com o objetivo primordial de constatar o impacto da graduação em suas vidas. Para obtenção de dados foi utilizada entrevista semiestruturada com base na história oral realizada com alunas egressas de Pedagogia do último ano da matriz curricular 2012/2016. Ao investigar as histórias foi possível relacionar o cotidiano escolar, mais amplo, a importância para as egressas entrevistadas adquirirem conhecimento em nível superior e as mudanças de entendimento da vida. Essa pesquisa entrevistou cinco mulheres, investigando os motivos da escolha do curso, e as possíveis contribuições pessoais e profissionais. Como resultados gerais as narrativas apresentam histórias de superação, das dificuldades em estudar, os enfrentamentos pessoais, financeiros, familiares que as entrevistadas venceram para conseguirem seus sonhos.

Palavras-chave: Educação. Mulheres. Pedagogia. Cotidiano Escolar.

ABSTRACT

To narrate individual lives is a way to sensitize and give visibility to identities, which are sometimes not perceived, or valued. The present research was intended to report narratives from women that studied Pedagogy, at the first private university from *Vale do Ribeira*. The research is justified, to the extent that it was verified there are not many studies related to this course scholars, specifically at this region in São Paulo state, and, mainly with women, with the primary objective of determining the graduation impact in their lives. For generation of data, a semi-structured interview was utilized based on the oral history performed with Pedagogy returning students of the 2012/2016 last year curriculum. When investigating the histories, it was possible to relate the school routine, in a broader way, the importance to the returning interviewees acquire higher education knowledge and the changes of life understanding. That research interviewed five women, investigating the reasons of the course choice, possible personal and professional contributions. As general results the narratives describe overcoming histories, difficulties to study, personal, financial and family's confrontations, which the interviewees overcame to achieve their dreams.

Keywords: Education. Women. Pedagogy. School Daily Life.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Municípios do Vale do Ribeira/SP.....	23
Tabela 2 - População e densidade demográfica dos municípios do Vale do Ribeira/SP.....	102
Tabela 3 - PIB <i>per capita</i> (R\$) dos municípios do Vale do Ribeira/SP.....	102
Tabela 4 - Ranking dos municípios com relação ao IDH.....	103
Tabela 5 - Matrículas na educação básica dos municípios do Vale do Ribeira/SP.	103
Tabela 6 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal: IDH 2000 dos municípios do Vale do Ribeira/SP.....	104

LISTA DE SIGLAS

ANFOPE – Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação
CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CNE – Conselho Nacional de Educação
CPDOC-FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas
DOU – Diário Oficial da União
EJA – Educação para Jovens e Adultos
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FIES – Financiamento Estudantil
FIVR – Faculdades Integradas do Vale do Ribeira
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IDMH – Índice de Desenvolvimento Municipal Humano
IES – Instituição de Ensino Superior
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC – Ministério da Educação
PIB – Produto Interno Bruto
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROERS – Programa Extensionista de Responsabilidade Social
PROUNI – Programa Universidade para Todos
SCELISUL – Sociedade de Cultura e Educação do Litoral Sul
SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SEES – Sinopse Estatística da Educação Superior
SESU – Secretaria de Educação Superior
SP – São Paulo
UNISO – Universidade de Sorocaba

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	9
2. EDUCAÇÃO MENOR COMO ACONTECIMENTO	13
2.1 Contexto contemporâneo	13
2.2 Acontecimento e Educação Menor	17
3 VALE DO RIBEIRA – DE ONDE VEMOS ESTRELAS E ONDE NOS TORNAMOS UMA .	23
3.1 História do Curso de Pedagogia no Brasil.....	30
3.2 Curso de Pedagogia no Vale do Ribeira.....	34
4 ESTRELAS QUE SE CRUZAM: mulheres e educação.....	37
5 NÃO SE NASCE ESTRELA, TORNA-SE ESTRELA	43
5.1 Objetivos e justificativas.....	45
5.2 Metodologia	46
5.3 As entrevistas.....	55
5.4 As estrelas - sujeitos da pesquisa.....	57
6 HORA DA ESTRELA - ver e ouvir estrelas.....	59
6.1 Análise das entrevistas	85
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A – Tabulação de dados sobre o Vale do Ribeira – Região Administrativa e Política de Registro/SP.....	101
APÊNDICE B - Matriz do curso de Pedagogia 2012/2016 – FIVR.....	104
APÊNDICE C – Modelo do Questionário e do roteiro de entrevista	106
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	108
APÊNDICE E – Transcrição das entrevistas	109

1 INTRODUÇÃO

Nunca imaginei e nem desejei ser professora, sempre estive rodeada delas: mãe, tias, amigas da mãe, amigas das tias e, conseqüentemente sempre ouvindo as amarguras e desventuras e poucos prazeres em exercer esta profissão.

Por muitas vezes, quando criança e adolescente, o desgosto em lecionar se fez presente dentro do meu lar, gerando conflitos e isso me assustava e pensava “Não quero isso para mim”.

Quando chegou a hora de escolher uma profissão, fui influenciada por minha mãe, que também nunca cogitou a possibilidade de sua filha tornar-se professora e ingressei na Universidade de Sorocaba (Uniso) no curso de Jornalismo. Concluí a graduação e iniciei os trabalhos da minha vida profissional na área de comunicação em alguns jornais regionais e como assessora de imprensa em órgãos públicos municipais. Era uma profissão de que eu me orgulhava e por vir de uma cidade pequena e não ter muitos jornalistas naquele lugar sentia orgulho, sempre era convidada para eventos, mas também tinha seus desencantos, muitas vezes não tinha total liberdade de escrever o que eu quisesse ou me realizasse, mas mesmo assim insisti na profissão durante um período.

Alguns anos mais tarde percebi que precisava aprimorar minha escrita com o intuito de redigir melhor os textos por mim publicados e decidi entrar para o curso de Letras, não para me tornar professora, mas sim para ser uma escritora melhor, tentava convencer a mim e aos outros disso. Fiz estágios supervisionados e continuava com o mesmo pensamento: “Não quero isso para mim”.

Ledo engano, e por conseqüências das voltas que a vida dá, abandonei a assessoria de imprensa que realizava na época e fui parar em uma escola pública de uma cidadezinha do interior de São Paulo. Foi lá, naquela cidade perdida em meio à Mata Atlântica que eu me encontrei, pela primeira vez me sentia realizada e com a ideia que desta forma, sendo professora, poderia mudar o mundo, pois naquele momento percebi toda a transformação que esta profissão tinha causado em mim, no meu modo de pensar e agir e descobri que “Isso é o que eu quero para o resto da minha vida”.

Tempo depois mudei de região e fui parar em Registro, Vale do Ribeira, São Paulo. Comecei como professora de uma instituição particular de ensino fundamental e médio e anos mais tarde ingressei na educação superior.

Sim, minha mãe tinha razão, é uma profissão árdua e que conseqüentemente traz desventuras, desgostos às vezes, mas foram todos esses “DES” que me fizeram “RE”, reaprender, ressignificar, refletir e, sobretudo, realizar.

Durante a minha experiência como professora de Ensino Superior, alguns questionamentos me cerceavam; entre eles, a possível diferença de perfil entre alunas dos cursos de bacharelado e licenciaturas, especificamente, as do curso de Pedagogia, em relação às outras de uma Faculdade particular localizada em Registro-SP.

Devido a essas inquietudes, foram observados alguns aspectos em relação à representação, à formação e à possível transformação pessoal e profissional de algumas licenciadas desse curso, de uma Instituição de Ensino Superior que tem mais de 40 anos de existência e já formou centenas de professoras desde seus primórdios e está localizada em Registro, cidade pertencente ao Vale do Ribeira, região com o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado de São Paulo, comprovado pelo Atlas Brasil 2013 Programa das Nações Unidas. Em contrapartida com cenários ambientais ainda intocáveis, onde o céu é mais limpo e as estrelas brilham mais, uma paz para alma.

Desse modo, foi entendida, na vivência pessoal e prática, a configuração de um questionamento que necessita ser amadurecido e apreendido. No caso da pesquisa aqui situada, o objeto de estudo partiu da experiência da pesquisadora com a formação profissional. Percebia-se empírica e reiteradamente, a presença de um público bem específico e numeroso quando comparado aos demais cursos oferecidos pela instituição, composto tanto por pessoas jovens, quanto com mais idade, algumas já atuando em profissões distintas, mas, em sua grande maioria, mulheres. Mulheres com histórias de vida marcadas por desafios, superação e novas possibilidades de ser, pensar e atuar.

(...)se separará da contingência que nos fez ser como somos, [levando-nos] à possibilidade de não sê-lo mais, de pensar e atuar diferente. Não é buscar tornar possível uma metafísica que finalmente se converte numa ciência, mas sim buscar dar novos ímpetos, tanto quanto seja possível, ao indefinido trabalho da liberdade.(FOUCAULT, 1988, p.301).

Pensando em contingências que nos fazem ser quem somos, em trajetórias que possibilitam superações, de deixar de ser e ser outro, meu olhar se voltou as minhas alunas, ex-alunas, sempre alunas, que dividiam um pouco de suas vidas no cotidiano escolar da faculdade de Pedagogia, me trazendo relatos, perguntas, pedidos de conselhos, entre tantas conversas informais que esse ambiente proporciona. No cotidiano de um ensino superior vidas se tocam, vidas em crise, em transformação. Onde enxergava estudantes, comecei a reconhecer pessoas, lutando, enfrentando dificuldades internas e externas, com olhares que brilham, como estrelas.

Entro para o Mestrado em educação, e procuro uma pesquisa importante com justificativas e objetivos bem delineados, mas as conversas das minhas alunas ainda ressoam em meus pensamentos, e agora assumo meu sempre desejo de mostrar às pessoas, as estrelas, as mulheres que ultrapassam suas dificuldades pelo conhecimento no percurso do ensino superior (no qual não tinham lugar).

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer "realidade". O que narrarei será meloso? Tem tendência mas então agora mesmo seco endureço tudo. E pelo menos o que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro: aguenta-se na sua chamada dor com uma dignidade de barão (LISPECTOR, 2007, p.17).

Emprestar uma dissertação para contar histórias de mulheres egressas de Pedagogia do Vale do Ribeira/SP é meu objetivo, pois acredito que a pesquisa em educação também se faz pelo sensível, pela partilha, pela necessidade de educadores reconhecerem a importância em construir relações humanas, alegres, comprometidas. "Ensinar exige querer bem aos educandos", a prática docente, de acordo com exige responsabilidade ética, rigor científico, alegria e afetividade.(Freire,1996 p.159). Nessa dissertação a história de mulheres se apresenta como possibilidades e não como determinante, e ao analisar suas histórias pretende-se ressaltar a importância da subjetividade das narrativas.

"Salientar e repensar sobre experiências que tem sido menos teorizadas e estudadas, experiências intensas, menores, mas constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir", como bem descreve RAGO (2013), é a perspectiva desse trabalho, de tal maneira a organização formal é constituída em capítulos que apresentam o conceito de educação menor de Silvio Gallo, como

forma de resistência; o contexto do curso de Pedagogia, como cotidiano comum às mulheres e suas narrativas; as análises das narrativas de mulheres comparadas às estrelas (assim omitimos seus nomes, por rigor científico, mas não seus brilhos); finaliza-se com considerações sobre o que essas experiências narradas provocaram na vida dessas egressas e na própria vida desta pesquisadora: um acontecimento.

2. EDUCAÇÃO MENOR COMO ACONTECIMENTO

Este capítulo apresenta algumas características do contexto contemporâneo, assim como o conceito de educação menor como ponto de partida para entender o cotidiano escolar no ensino superior como possibilidade de aprendizagens para além de conteúdos intencionalmente planejados e que ajudam na transformação de vidas.

2.1 Contexto contemporâneo

Ao longo de sua trajetória a humanidade passou por vários períodos que transformaram e contribuíram para seu desenvolvimento, uns mais e outros menos. Hoje percebemos um mundo que já não é mais o mesmo e a cada dia observamos mudanças impactantes num piscar de olhos. Alguns teóricos ao explicar tal contexto denominam de diferentes maneiras, como Harvey (1989) que delineia um período pós-moderno, mesmo considerando não ser o melhor termo, mas diferencia da modernidade, e caracteriza um momento de um novo tipo de individualismo, um culto ao hedonismo e formas virtuais de relacionamentos, entre outros indícios de um mundo em decomposição.

Para Kumar, o mundo pós-moderno é:

[...] um mundo de presente eterno, sem origem ou destino, passado ou futuro; um mundo no qual é impossível achar um centro ou qualquer ponto ou perspectiva do qual seja possível olhá-lo firmemente e considerá-lo como um todo; um mundo em que tudo que se apresenta é temporário, mutável ou tem o caráter de formas locais de conhecimento e experiência. Aqui não há estruturas profundas, nenhuma causa secreta ou final; tudo é (ou não é) o que parece na superfície. ... um fim à modernidade e a tudo que ela prometeu e propôs (KUMAR, 1997, p.157-158).

Mas é com o sociólogo Zigmunt Bauman (2001, 2013, 2009), que iremos caracterizar a passagem de uma sociedade “sólida” para “líquida”, por ele conceituada de Modernidade Líquida, que trouxe fluidez, incertezas, a lógica do consumismo e a rapidez nas relações, estilo de vida fugaz. De modo geral Bauman adjetiva de líquido: o tempo, o amor, o medo, e por consequência as instituições, públicas ou privadas, que se modificam.

Tudo está agora sendo permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. (...) nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções

mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto evidentes” (BAUMAN, 2003, p. 322).

Na referência da Modernidade Líquida, enfatiza-se a fluidez das coisas, pessoas, sentimentos, estados, informações etc. e quanto mais rápido, melhor, Bauman (2001) considera que os fluidos movem-se facilmente, diferente dos sólidos, eles escorregam, respigam, vazam, inundam, pingam e por isso não são fáceis de serem contidos e essa mobilidade dos fluidos é associada à ideia de leveza e mobilidade.

Nessas condições tudo se torna temporário, nossas instituições, crenças, costumes, estilos de vida, relações e as “verdades” deixaram de se solidificar, inclusive os nossos medos, que generalizam e não sabemos de onde vêm, geram então incertezas e ansiedade na vida das pessoas.

Os laços são transitórios e de elo mais fragilizado, as responsabilidades com o próprio eu tomam uma proporção enorme e a busca para preencher o vazio é constante, pois segundo Bauman (2001) a modernidade líquida seria "um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível...". Dessa forma, a busca pela emancipação faz com que os laços sejam quebrados facilmente para a obtenção de autoafirmação e tomar seu próprio lugar no mundo e quando este estiver saturado, toma-se outro, só importando o presente.

A liberdade, portanto, estabelece uma forma de poder, não de um poder de posse, mas sim, relacional. “A liberdade é uma *relação* – uma relação de poder. Sou livre se, e somente se, posso agir de acordo com a minha vontade e alcançar os resultados que pretendo alcançar” (BAUMAN, 1998, p.39).

Giorgio Agamben (2009) diz que contemporaneidade é uma relação com o próprio tempo e essa é a analogia com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um retrocesso.

O contemporâneo não apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele aprende a resoluta luz; é aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. (AGAMBEN, 2009, p.72)

É nesta sociedade onde as pessoas estão encontrando dificuldades em socialização, que as relações tornam-se virtuais e sem consistência, não pela

facilidade de conexão, mas sim pela facilidade da desconexão. Neste novo momento a sociedade passa por uma importante transformação em relação a sua estrutura e pensamento em relação às gerações anteriores; quando a liberdade foi atingida libertando tudo daquilo que impedia o livre movimento, é ser líquido para poder fluir; quando o conhecimento assume sua devida importância e torna-se a força motriz que gera todo o movimento que conduz a civilização pós-moderna e começamos a entender como as transformações do mundo contemporâneo influenciaram e influenciam o cotidiano escolar.

Logo, a fluidez, o desenraizamento, a vida líquida, a velocidade no lugar de duração, a aparente predominância da imagem, que caracterizam a realidade contemporânea, carregam a possibilidade de transmutação de toda a realidade em objetos de consumo. Este cenário num mundo em crises traz novas exigências para a formação de professores, destacando desafios que decorrem do fato de o processo educacional não mais visar um conhecimento imutável. (NOGUEIRA E SOARES, 2015, p. 156)

É neste cenário de mudanças rápidas e fluidas que a universidade precisa estudar, refletir sobre esta nova realidade; encontrar caminhos viáveis e confiáveis e aceitar a pluralidade, sem fechar as portas para nenhuma modalidade de ver e entender o mundo.

A universidade, dentro dessa nova visão de mundo, precisa estar aberta às inovações e contradições que a tríade ciência/tecnologia/indústria desenvolve. A universidade não pode ser uma torre de marfim, obsoleta, voltada ao passado. Além da reprodução de conhecimento, a sua incumbência principal está em gerar ciência e tecnologia, ao mesmo tempo em que terá a tarefa de conceber e trabalhar a complexibilidade dos fenômenos, a pluralidade ideológica. A universidade não poderá focar a unilaridade, mas considerar a bipolaridade como forma de analisar o desenvolvimento que, de um lado, traz benefícios, conforto e bem-estar a poucos, e, por outro, destrói a natureza, a maior riqueza da humanidade e produz a atomização dos indivíduos, que perdem sua identidade, tornando-se objetos manipulados e dominados pela máquina (LAMPERT, 2000, p,161).

Em uma entrevista concedida por Bauman (2009) ele enfatiza que no ambiente líquido/moderno, a educação e o aprendizado, não importa o uso que se faça deles, devem ser contínuos e permanentes. O motivo determinante para o qual a educação deve ser contínua e permanente está na natureza da tarefa que devemos desenvolver no caminho comum da "outorga dos poderes", uma tarefa que é exatamente como deveria ser a educação: contínua, ilimitada, permanente, além de ser para o bem dos homens e mulheres líquido-modernos, capazes de procurar

alcançar os próprios objetivos com ao menos um pouco de independência, segurança de si mesmos e esperança de sucesso. Mas há outro motivo que, apesar de menos discutido, é mais eficaz: trata-se de não adaptar as capacidades humanas ao ritmo desenfreado das mudanças do mundo, e, sobretudo de tornar o mundo, em contínua e rápida mudança, mais hospitaleiro para a humanidade. Essa tarefa requer uma educação contínua e permanente. “Tudo isto não corresponde àquilo que a aprendizagem e a pedagogia superaram na maior parte do seu curso histórico. Afinal, foram criadas na medida de um mundo duradouro, na esperança de que este permanecesse assim e fosse ainda mais durável do que havia sido até então”. (BAUMAN, 2009, p. 664).

Assim, a educação assumiu diversas formas e se mostrou capaz de adaptar-se às mudanças, de fixar novos objetivos e criar novas estratégias. Entretanto, o sociólogo continua a enfatizar que as mudanças atuais são diferentes daquelas ocorridas no passado. Nenhuma reviravolta da história humana colocou os educadores diante de desafios comparáveis a esses de nossos dias, nunca havíamos passado por situação semelhante. A arte de viver em um mundo ultrassaturado de informações ainda deve ser aprendida, assim como a arte, ainda mais difícil, de educar o ser humano nesse novo modo de viver.

Ainda de acordo com Bauman, as esperanças de usar a educação como alavanca, como força suficiente para desestabilizar e, finalmente, desalojar as pressões dos fatos “sociais” parecem tão imortais quanto vulneráveis.

Os desafios do nosso tempo infligem um duro golpe à verdadeira essência da ideia de pedagogia formada nos albores da longa história da civilização: problematizam-se as “invariantes” da ideia, as características constitutivas da própria pedagogia (que, incólumes, resistiram às mudanças do passado); convicções nunca antes criticadas são agora consideradas culpadas de ter seguido o seu curso e, portanto, precisam ser substituídas (BAUMAN, 2009, p. 662).

E a universidade, inserida neste contexto de versatilidade, embora hoje, não sendo a única responsável pela transmissão de conhecimento, cultura e ascensão social, continua com sua importância na vida das pessoas e com a obrigação de um posicionamento político das práticas nela apreendidas, sobretudo quando se almeja a formação de pessoas capazes de atuar na configuração de uma sociedade melhor e que possibilite melhores condições de vida para todos; neste momento histórico

marcado por condições de vida adversas para grande parte da população, os excluídos, os sujeitos menores.

Embora as características de uma sociedade líquida gerem incertezas e problemas nos relacionamentos; experiências novas também podem emergir diante de crises, um repensar as relações pode gerar transformações. Assim, com essa versatilidade do mundo líquido, vieram também, ideias de independência, liberdade e emancipação, momento de deixar para trás toda a racionalidade, subordinação e dar lugar às vivências e construir novos caminhos e buscar novas experiências com objetivos para o bem comum e individual.

2.2 Acontecimento e Educação Menor

Considera-se com Gallo (2007a) que acontecimento vem da ordem do inesperado, o que não se espera que ocorra, imprevisto e extraordinário; é aquilo que nos dá a pensar e não sobre o que pensamos, mas aquilo que nos dá a oportunidade de pensar sob a exigência de um pensamento novo, aquilo que nos permite experienciar e conhecer o inusitado.

É preciso entendê-lo não como uma decisão, um tratado, um reino ou uma batalha, mas como uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se amplia e se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que estão em jogo na história não obedecem nem a uma destinação nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta (FOUCAULT, 2000, p. 272-3).

Segundo Gilles Deleuze (2007), o acontecimento não é o que acontece acidentalmente, ele é no que acontece, o *puro expresso*, que nos dá sinal e nos espera, além de tornar a linguagem possível.

Começamos sempre na ordem da palavra, mas não na da linguagem, em que tudo deve ser dado simultaneamente, em um golpe único. Há sempre alguém que começa a falar, aquele que fala é o manifestante, aquilo que fala é o designado; o que se diz são as significações. O acontecimento não é nada disto: ele não fala mais do que dele se fala ou do que se o diz. E, no entanto, ele pertence de tal forma à linguagem, habita-a tanto que não existe fora das proposições que o exprimem. Mas ele não se confunde com elas, o expresso não se confunde com a expressão. (DELEUZE, 2007, p.187).

O autor continua afirmando que não há acontecimento privado ou coletivo, porque ele é livre de limitações de um estado de coisas; para o autor, no

acontecimento, tudo é singular e enfatiza o aprender como processo, como passagem. Levar a temática do acontecimento para o cotidiano escolar nos lança a todo o conjunto de coisas e situações que nos escapam e a questão fundamental é a forma que agimos diante dos acontecimentos cotidianos, pois esses são as principais potências formativas, algo que já possuíamos, já estávamos de posse, mas não sabíamos. Sendo o aprender um acontecimento, ele demanda presença, demanda que o aprendiz nele se coloque por inteiro e exige relação com o outro.

Para Deleuze (1992) há duas maneiras de considerar o acontecimento, a primeira delas consiste em passar ao longo do acontecimento, recolher dele sua efetuação na história, o condicionamento e o apodrecimento na história. A segunda consiste em remontar o acontecimento, passar pelos seus componentes e singularidades, criar algo novo, um “devir”.

Silvio Gallo, em seu livro “Deleuze e Educação” que relaciona os pensamentos e conceitos deleuzianos com a educação, diz que, na escola não se aprende só na formalidade, mas também no que é informal devido às intensas e variadas relações que se dão no cotidiano no ambiente escolar:

Como pensar o cotidiano da escola? Pensar tal temática nos lança na ordem do *acontecimento* podemos tomar o cotidiano da sala como o conjunto das coisas e situações que acontecem na sala de aula e para além da sala, na instituição escolar como um todo, e quero experimentar aqui a ideia de que os acontecimentos cotidianos em tal espaço são pedagógicos. (GALLO, 2007a, p.21)

Deleuze (2000) em sua obra questiona o que é um acontecimento ideal. E ele mesmo responde dizendo que é uma singularidade, ou melhor, um conjunto de singularidades que fazem parte de uma dimensão diferente e sua singularidade está, essencialmente, no aconceitual, não pessoal e pré-individual, sendo completamente indiferente ao coletivo e ao individual, ao pessoal, ao impessoal, ao particular e ao geral.

“Dizíamos que um conjunto de singularidades correspondia a cada série de uma estrutura. Inversamente, cada singularidade é fonte de uma série que se estende em uma direção determinada até à vizinhança de uma outra singularidade”. (DELEUZE, 2000, p. 55).

Para Silvio Gallo (2007b) viver o ato educativo como acontecimento é viver o instante como um eterno presente, sendo o ator no palco como se não existisse

mais nada além daquele instante. O acontecimento é um devir como define Deleuze e Guattari.

Mas o acontecimento: Não mais é o tempo que está entre dois instantes, é o acontecimento que é um entre-tempo: o entre tempo não é eterno, mas também não é tempo, é devir. O entre-tempo, o acontecimento, é sempre um tempo morto, lá onde nada se passa, uma espera infinita que já passou infinitamente, espera e reserva. Este tempo morto não sucede ao que acontece, coexiste com o instante ou o tempo do acidente, mas com a imensidade do tempo vazio, em que o vemos ainda por vir e já chegado, na estranha indiferença de uma intuição intelectual. (DELEUZE;GUATTARI, 2010, p. 187-188)

O educador e filósofo Silvio Gallo (2013, p.1) reflete: “Vivemos hoje, nós que nos dedicamos à educação, qual Édipos diante da Esfinge. Ou deciframos o enigma que o monstro nos coloca ou somos devorados por ele”. O autor reflete que ser devorado pela esfinge no processo educacional é tornar-se parte de uma engrenagem dessa máquina social, que é o processo educacional atual, que são reproduzidos a todo instante em nosso dia a dia e completa: “A condição de não ser mais uma engrenagem é sermos capazes de decifrar os enigmas que a crise na educação nos apresenta, conseguindo superar esses momentos de rupturas”. (Idem).

As práticas educativas, enquanto práticas sociais possuem um caráter constitutivo nas identidades dos sujeitos nela presentes, através de processos de ressignificação e resistência que possibilitem novos sentidos, novas necessidades, numa sociedade ainda marcada pelo preconceito e exclusão. Agir como vetor de transformação é “resistir à exclusão e investir na construção da cidadania.”(GALLO, 2007,p.38). O autor ainda completa que, para resistir é importante abrir-se ao acontecimento, estar atento ao cotidiano e potencializá-lo criativamente. Resistir é criar. Essas são as possibilidades que nos abre o cotidiano da escola, quando escolhemos agir no fluxo dos acontecimentos.

Se na modernidade, a educação foi pensada como uma grande arte, onde se deve ensinar tudo a todos e com o passar do tempo, foi sendo teorizada, parametrizada e metodologizada, o mundo pós-moderno nos faz refletir qual é a importância do mínimo e que escapes ele promove e essas rupturas fazem pensar e tentar compreender o menor no cotidiano escolar no mundo líquido, quando nunca antes na história da humanidade se deu tanto valor à educação, ao conhecimento e ao ensino.

Na busca de explicar a importância do menor, Gilles Deleuze e Félix Guattari criaram a noção de literatura menor, na obra “Kafka: por uma literatura menor”. “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 25). Gallo (2013) desloca o conceito literatura menor, para “Educação Menor”, com o intuito de repensar a educação comprometida com as transformações e valores libertários.

Hoje não há mais profeta capaz de falar do deserto e de contar o que sabe de um povo porvir, por construir. Só há militantes, ou seja, pessoas capazes de viver até o limite da miséria do mundo, de identificar as novas formas de exploração e sofrimento, e de organizar, a partir dessas formas, processos de libertação, precisamente porque têm participação ativa em tudo isso[...] Creio, portanto, que na época do pós-moderno e na medida que o trabalho material e o trabalho imaterial já não se opõem, a figura do profeta – ou seja, a do intelectual – está ultrapassada porque chegou a ser total acabamento; e é nesse momento que a militância se torna fundamental. (GALLO, 2013, p.60)

Para Deleuze e Guattari, para ser considerada uma literatura menor, três aspectos precisam ser observados. O primeiro é a *desterritorialização da língua*, faz com que raízes escapem dessa territorialidade forçada, levando-nos a novos caminhos e novas descobertas. Outro ponto da literatura menor é a *ramificação política*, sendo ela por si política, um desafio ao sistema imposto. “Para a literatura menor, o próprio ato de existir é um ato político, revolucionário: um desafio ao sistema instituído”. (GALLO, 2013, p.63). A terceira particularidade das literaturas menores é o *valor coletivo*, nelas, tudo adquire o valor coletivo, não só influenciam o artista, mas também toda a comunidade, não falando por si só, mas fala por toda a coletividade.

As literaturas menor e maior não são opostas, porém têm cunhos distintos no uso da língua, a menor abrange outras normas, produzidas por grupos minoritários e marginalizados e saindo do controle, movimenta-se e flui. Em sua obra, Gallo (2013) nos convida a examinar as três características da literatura menor e deslocadas à educação menor. Quanto à *desterritorialização*, ela acontece nos processos educativos, o filósofo cita como exemplo o filme de Alan Parker “The Wall”, onde os alunos são apenas membros das engrenagens das máquinas e dado momento se revoltam e quebram essa máquina. “O exercício de poder gera resistência, já demonstrou Foucault; a tentativa de controle pode fugir a qualquer controle”. (p.66). A segunda característica, *ramificação política*:

Se toda educação é um ato político, no caso de uma educação menor isso é ainda mais evidente, por tratar-se de um empreendimento de revolta e de resistência. Uma educação menor evidencia a dupla face do agenciamento: agenciamento coletivo de enunciação, na relação com os estudantes e com o contexto social. Esse duplo agenciamento produz possibilidades, potencializa os efeitos da militância. (GALLO, 2013, p.67)

Para finalizar, a terceira e última característica da educação menor é o *valor coletivo*, o qual tudo adquire uma coletividade, pois tudo se conecta e multiplica. Ao nortear a ação em que o menor desempenha na coletividade Gallo aponta:

Os valores deixam de pertencer e influenciar única e exclusivamente ao artista, para tomar conta de toda uma comunidade. Uma obra de literatura menor não fala por si mesma, mas fala por milhares, por toda a coletividade. Os agenciamentos são coletivos. Mesmo um agenciamento singular, fruto de um escritor, não pode ser visto como individual, pois o um que aí se expressa faz parte de muitos, e só pode ser visto como um se for identificado também como parte de todo o coletivo. (idem, p.63)

Esse conceito de “menor”, seja em qualquer âmbito, literário ou educacional tem como objetivo primordial a resistência, a revolta contra o instituído, possibilitando novas experiências através de novos saberes e sem o controle de nada e ninguém, portanto é movimento, é fluido, é líquido, é fluxo, é conexão, mas que não necessariamente implica em grandes transformações, mas sim em sempre se manter aberto aos acontecimentos. “Educação Menor como prática de resistência, de acreditar no mundo e na escola, apostando na possibilidade de suscitar acontecimentos. Proliferação de experiências outras, invenção de heterotopias”. (GALLO, 2007b, p. 93).

Deleuze assegura que minorias e majorias não se distinguem pela quantidade, o que define esta é um modelo específico, ao passo que aquela não o tem, é um processo. “Pode-se dizer que a maioria não é ninguém. Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo”. (DELEUZE, 1992, p. 214).

No cotidiano escolar a educação menor é ir para além do imaginado, mesmo que esse imaginado não tenha sido planejado, nas palavras de Gallo (2013):

Por educação menor sugiro tomarmos aquela desenvolvida pelos professores na solidão de sua sala de aula, para além de planos, políticas e determinações legais. É também aquela que acontece fora da sala de aula, nas relações e nos acontecimentos do cotidiano da instituição escolar. A educação menor, enfim, traduz-se num esforço micropolítico de criação e de produção cotidiana, em que professores e estudantes realizam os atos educativos, mas também nas microrrelações estabelecidas na instituição escolar como um todo (GALLO, 2007a, p.28).

Para a educação menor não interessa criar exemplos ou encontrar saídas para um suposto caminho perdido e nem buscar a unificação dos saberes, o que importa é viabilizar novas conexões, pois na Educação Menor todo ato é coletivo, toda ação singular envolve os múltiplos, deixando evidente seu ato político quando exerce sua coletividade e abre espaço para as possibilidades.

Mas Gallo (2002) assinala não se tratar de buscar as grandes políticas que nortearão os atos cotidianos, mas sim de empenhar-se nestes. Em lugar do grande estrategista, o pequeno "faz-tudo", cavando e minando os espaços, sobretudo, oferecendo resistências.

Agimos de modo análogo aos mecanismos racistas, quando classificamos essas diferenças, separando-as em campos distintos e organizando-as, a fim de controlá-las, sob o argumento de que, com isso, estaríamos incluindo, estamos "respeitando" os diferentes e seus direitos civis. Ao seguirmos, no terreno micropolítico da educação menor, esses princípios construídos no âmbito macropolítico da educação maior, legitimamos um processo de estriamento e estratificação que permite controlar e mesmo "apagar", neutralizar as diferenças. (GALLO, 2007a, p.38)

Dessa forma abrem caminhos para outras experimentações e conexões reinventando o cotidiano escolar, compondo outros acessos para outras direções. Gallo (2013, p. 64-65) complementa: "[...] sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional [...]".

As rupturas do cotidiano escolar que justamente merecem atenção, no que foge do formal, nos entre lugares, na potencialidade daquilo que escapa, o fora do planejado. É um levantar voo, brilhar alto e mais para sentir e experimentar novas possibilidades. É lidar com os caminhos e devires:

Os lapsos, os atos falhos, os sintomas são como pássaros que batem com o bico na janela. Não se trata de interpretá-los. Trata-se antes de detectar sua trajetória para ver se podem servir de indicadores de novos universos de referência suscetíveis de adquirirem uma consistência suficiente para revirar uma situação. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 222).

3 VALE DO RIBEIRA – DE ONDE VEMOS ESTRELAS E ONDE NOS TORNAMOS UMA

Neste capítulo pretende-se apresentar um pouco do contexto da região do Vale do Ribeira, mais especificamente a Região Administrativa de Registro/SP, onde instalou-se a Faculdade em que as entrevistadas cursaram Pedagogia, entrelaçada a minha própria história com a região.

A microrregião do Vale do Ribeira, cujo centro administrativo e político está em Registro é composta por 15 municípios: Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Ilha Comprida, Iporanga, Itariri, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Parquera-açú, Pedro de Toledo, Registro e Sete Barras, como relacionados na Tabela 1, que ainda apresenta dados relativos à área e distância das cidades com a Instituição de Ensino Superior. Considero perceber a região importante para entender a população de alunas egressas entrevistadas, que advém dessas cidades e percorreram diariamente quilômetros de distância para estudarem.

Tabela 1: municípios do Vale do Ribeira/SP

Município	Área Km2	% do Estado (área)	Distância da Capital	Distância das IES em Km
Barra do Turvo	1007,29	0,41%	232,22	133
Cajati	454,93	0,18%	200,4	142
Cananéia	1242,01	0,50%	208,98	68
Eldorado	1656,73	0,67%	184,34	55
Iguape	1980,92	0,80%	159,06	59
Ilha Comprida	188,53	0,08%	161,17	73
Iporanga	1160,29	0,47%	229,62	150
Itariri	272,78	0,11%	98,82	83
Jacupiranga	708,38	0,29%	188,09	29
Juquiá	820,96	0,33%	132,94	32
Miracatu	1000,74	0,40%	116,79	50
Parquera-açú	359,69	0,14%	180,98	25
Pedro de Toledo	671,11	0,27%	101,01	75
Registro	716,33	0,29%	161,07	0
Sete Barras	1052,11	0,42%	160,84	18

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2010

Mapa 1: Municípios do Vale do Ribeira



Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade)

Não poderia deixar de me incluir neste capítulo que narra um pouco sobre a complexidade da região e como este lugar, de onde nós falamos, eu pesquisadora e as egressas de pedagogia, provocou um acontecimento em nossa vida.

O local engloba 15 municípios, ocupando uma área de 12.129 Km², do território paulista, situada no sudeste do estado de São Paulo. É cortada pela Rodovia Régis Bittencourt (BR-116), ligando São Paulo a Curitiba. Essas cidades integram a região do Vale do Ribeira, referente à bacia hidrográfica do rio Ribeira de Iguape e ao complexo estuarino Lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá.

Contraopondo ao rico patrimônio ambiental, o Vale do Ribeira é historicamente uma das regiões mais pobres dos estados de São Paulo. Seus municípios possuem índices de desenvolvimento humano inferiores às respectivas médias estaduais, assim como os graus de escolaridade, emprego e renda de suas populações, entre outros indicadores, são tradicionalmente menores do que os de outras populações paulistas, fazendo com que a busca por empregos e oportunidades de estudos estimulem a migração de parte da população economicamente ativa e jovem para outras regiões. A população da área – era pelo recenseamento e estimativa do IBGE

de 2010, de 273.566. Historicamente, a região é uma das que apresentam as menores taxas de crescimento populacional. Em função da falta de perspectivas de emprego e de inserção socioeconômica, o saldo migratório da região vem sendo negativo. A região é que apresenta a menor densidade demográfica do Estado de São Paulo. Em 2007, o Estado – com uma área de 248.177 Km² – possuía uma densidade demográfica de 160 habitantes por Km². Nos aspectos econômicos destacamos o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* média da área em 2006, foi de R\$6.026, bem inferior à média do estado de São Paulo, que foi de R\$19.548. (APÊNDICE A).

Embora o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da área venha aumentando, ao longo dos anos, comparando às outras regiões administrativas, podemos dizer que ainda é o mais baixo entre as regiões administrativas do estado de São Paulo. De acordo com a nova metodologia do PNUD, em 1970, o IDH da região administrativa era de 0,499 e do estado, 0,607; em 1996, o IDH da região foi de 0,716 e do estado, de 0,786; e em 2000, a região administrativa teve um IDH de 0,746, contra 0,814 do estado. Significa, pois, em conformidade com os critérios adotados, que a região administrativa passou de um valor considerado baixo, em 1970, para outro considerado médio, em termos de desenvolvimento humano. (APÊNDICE A).

Minha relação com o Vale do Ribeira começou em um carnaval de 2004, quando eu, recém-formada no curso de jornalismo, fui para a cidade de Ilha Comprida no feriado. Em meio às comemorações conheci um jovem rapaz de 17 anos, da cidade de Registro que havia acabado de concluir o Ensino Médio e estava prestes a ir para a grande São Paulo realizar seu grande sonho: ser médico. Assim, como muitos imaginavam, inclusive eu, acreditava que o nosso amor de carnaval não passaria daquele momento, entretanto, e como dizem por aí “nosso amor subiu a serra”. À época eu morava em Pilar do Sul com meus pais, trabalhava na área de comunicação como jornalista e considerava que estava pronta para encarar novos desafios e ir à busca de outros sonhos.

Naquele momento me vi numa situação conflituosa, eu com objetivos de formar uma família, mas envolvida com alguém que estava começando a vida e a descobrir uma nova realidade, muito diferente daquela de uma cidade pequena do Vale do Ribeira. Foi então que percebi que o mundo não se limitava ao lugar em que eu vivia e que havia muito mais por vir e optei por experimentar o desconhecido.

Foram anos vivendo um relacionamento à distância, eu indo até São Paulo, outras vezes ele indo até Pilar do Sul, ou nós dois indo até o Vale do Ribeira para passarmos os finais de semana com a família dele. Lembro-me muito bem das primeiras vezes que estive em Registro, o clima extremamente quente e úmido fazia com que às vezes eu passasse mal, o difícil acesso pelas rodovias que atravessam as serras que concentram grande parte da Mata Atlântica existente no estado era outro obstáculo, a distância dos grandes centros, poucas opções de lazer, tudo isso era difícil, porém as paisagens naturais compensavam e faziam com que eu acabasse por ceder para estar perto dele.

Os municípios pertencentes ao Vale do Ribeira/SP totalizam uma área de 5,36% da área do estado de São Paulo, entre a capital do estado de São Paulo, que é a cidade de São Paulo e a capital do estado do Paraná, que é a cidade de Curitiba e o acesso é feito via a BR-116. A área atendida possui contato rodoviário com a região de Santos, via a cidade de Peruíbe, com a microrregião de Capão Bonito, via Apiaí, e com a microrregião de Piedade via as cidades de Tapiraí e São Miguel Arcanjo, nesta passando pelo Parque Estadual “Carlos Botelho”. Apontando todos os deslocamentos necessários para a chegada até o local.

Tudo o que eu conhecia do Vale do Ribeira se limitava às aulas de História e noticiários que sempre apontavam a região como a mais pobre do estado de São Paulo, devido ao baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Os dados do IBGE de 2010 (APÊNDICE A) apontam a cidade de Registro classificada em 467º lugar, toda região está bem abaixo. A economia regional caracteriza-se como exportadora de recursos naturais, resultante da agropecuária e do extrativismo vegetal, pesqueiro e dos recursos minerais, com ainda pouco impacto sobre o meio ambiente e baixa agregação ao valor à produção. A mineração ainda tem importante expressão econômica regional, particularmente com a exploração de calcário e seus derivados, fazendo da exploração de minerais não metálicos, uma das atividades predominantes em vários municípios da região.

Os municípios da região do Vale do Ribeira possuem características econômico-sociais bastante singulares, tendo sua economia baseada principalmente na agricultura (banana e chá), mineração e extrativismo vegetal (palmito). Apresentam, contudo vantagens para o desenvolvimento de uma série de atividades econômicas como o ecoturismo, a agroindústria da banana e palmito, bubalinocultura, por seu clima úmido, flores e plantas ornamentais, pesca e

aquicultura e agregação de valor a exploração mineral como calcário para a produção de cal e cimento.

Em meio a essas idas ao Vale do Ribeira, e vindas a Pilar do Sul, meu pai foi vítima de um latrocínio. Três rapazes que acabaram de completar 18 anos foram os responsáveis em tirar a vida do meu pai, e desmoronar a vida de tantos outros, entre elas, a minha. De repente não havia mais um pai, uma mãe, dois filhos e um cachorro. Foi difícil encontrar um novo jeito de viver sem a presença do meu pai, mas tivemos que seguir em frente, ou pelo menos, tentar. Valores e fé começaram a ser questionados; o medo tornou-se presença constante após esse trauma, a lembrança da tragédia fazia-se permanente, seja por nós ou pelas pessoas a nossa volta, que às vezes não nos deixavam esquecer. Pilar do Sul sempre foi uma cidade pequena, daquelas em que “todo mundo conhece todo mundo” e assim não era difícil de encontrar com os pais e irmãos dos rapazes que haviam tirado a vida do meu pai, trazendo à tona sentimentos de revolta e dor. Diante da situação lembrava-me de um trecho da obra de Clarice Lispector “A hora da estrela” (2007, p.12): “Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda desconheço, já que nunca o vivi?”.

Outra vez, a vida me prega mais uma peça, eis que é iniciado um novo ano e, conseqüentemente, um novo ano letivo, e a essa altura eu já tinha abandonado meu antigo emprego como assessora de imprensa e decidido ir para sala de aula, atuar como professora e já no primeiro dia de aula fui para um sétimo ano, ministrei minha aula, mas percebi que havia algo estranho, as crianças se movimentavam e faziam burburinhos, mas imaginei ser comportamento comum, pois era um novo ano, alguns colegas novos e uma professora diferente.

No dia seguinte voltei para a escola e fui chamada para comparecer à sala da direção, com todo o cuidado, a coordenação, sabendo da situação delicada, me informou que naquele sétimo ano tinha um aluno que era um dos irmãos do assassino do meu pai e que ao descobrir quem eu era, se recusava a voltar para a escola. Foi nesse momento que minha alma se tornou professora, foi uma mistura de sentimentos, mas principalmente compaixão, compaixão por aquele ser, que era somente uma criança e entendi que se as pessoas não percebessem isso a tempo, ele poderia ter o mesmo fim do irmão: ir parar atrás das grades, como era comum em sua realidade, em seu meio. Decidi me afastar da escola para o bem da criança

e confesso; para o meu próprio bem. Não sei como reagiria dali por diante e preferi não arriscar.

Dessa forma, fui para outra cidade, Tapiraí, longe desses possíveis encontros inusitados, mas com uma gana imensa de fazer diferente, fazer a diferença, de ensinar e, principalmente, me doar e amar meus alunos com a certeza de que se assim eu fizesse poderia provocar um acontecimento na vida deles e talvez, pelo menos uma família não precisasse chorar a perda de alguém.

Fiquei lá por algum tempo, foi quando recebi uma proposta de emprego em Registro, tive o incentivo da minha família e da família do meu namorado (atual marido) para ir e fui. Comecei em uma escola particular como professora de Língua Portuguesa e Produção Textual para alunos dos Ensinos Fundamental e Médio e logo veio o convite para atuar em uma faculdade particular. Ensinei e aprendi, pois como já dizia Freire: “não há docência, sem discência”.

Foram quatro anos morando no Vale do Ribeira, uma adaptação que não foi nada fácil. Morei com minha sogra, que é descendente de japoneses, durante esse período, uma cultura diferente da qual eu não estava acostumada foi me apresentada, clima quente, pessoas desconhecidas. Chorei muito nos primeiros meses, achava tudo aquilo ruim, mas era a minha escolha, tinha que enfrentar as situações que se faziam adversas.

Era a primeira vez que eu morava longe dos meus pais, a primeira vez que custeava sozinha minhas despesas, era a primeira vez que me via só, sem amigos, mas também a primeira vez em que sorri após tantos meses, andando na rua sem ter medo, sem as pessoas me apontarem e quando me dei conta, o que restava de toda aquela situação pela qual havia passado, era só a saudade e as boas lembranças do meu pai. Todo o medo, a angústia, o rancor tinham ficado para trás e passei a achar a região nem tão mais quente. Podia sair à noite e ver estrelas.

Conheci lugares maravilhosos, uma natureza exuberante quase intocada pelo homem, o Vale do Ribeira abriga 23% da Mata Atlântica remanescente no Brasil e nessa região de Mata Atlântica, nascem diversos rios, que são fontes de subsistências para as populações tradicionais e agricultores familiares e abastecem as cidades.

Fiz amigos, fui acolhida, reconhecida, convivi com pessoas extraordinárias, pessoas que na tessitura das redes de conhecimento, estrelaram tantos novos

sentidos e múltiplos sentimentos através de tantas partilhas, mas era hora de partir, entretanto sempre soube que seria somente um “até breve”.

Foram quatro anos, entre 2010 e 2014 muito bem vividos no Vale do Ribeira e após o casamento outros lugares foram descobertos. Fui de uma região pequena quanto a números, dados, estatísticas, para outro extremo: Campinas, uma das cidades mais desenvolvidas e ricas do Estado de São Paulo.

Foram também anos maravilhosos vivendo em Campinas, embora estivéssemos semanalmente no Vale do Ribeira, uma nova perspectiva de vida nos foi apresentada e vi a oportunidade da realização do Mestrado. Lá eu estava mais próxima dos grandes centros e levei em conta muitos fatores ao escolher a instituição em que cursar, entre eles, a localização e Sorocaba seria a opção mais acertada e assim foi. Dessa forma conseguiria me deslocar melhor de Campinas a Sorocaba para frequentar as aulas no início do curso ou depois de Registro a Sorocaba, pois, indo na contramão aos dados apontados sobre a migração da população jovem proveniente do Vale do Ribeira, sempre soube do desejo do meu marido em retornar a sua região após o término dos estudos, foram 11 anos morando em grandes centros, mas com o olhar sempre para Registro.

Regressamos definitivamente para o Vale do Ribeira no início de 2017, comigo ainda cursando o mestrado em Sorocaba e após esses anos fora, voltamos mais entusiasmados com este lugar, onde decidimos estabelecer nosso lar e a cada dia é uma nova descoberta, uma boa nova descoberta. De acordo com o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o patrimônio histórico edificado tombado pelo mesmo Instituto em 2011 na região é riquíssimo, abrangendo sítios arqueológicos, como os “sambaquis”, bens arquitetônicos bastante preservados, como os casarões de Iguape, festas religiosas como a do Bom Jesus de Iguape, e manifestações musicais e coreográficas populares. Nele existe uma diversidade sociocultural, raramente encontrado, composta de cultura de comunidades quilombolas, caiçaras, índias, de imigrantes, como a família do meu marido oriunda do Japão, além de pequenos agricultores que guardam as características da época da colonização.

Outro aspecto é o fato da microrregião de Registro ser uma das primeiras ocupadas no estado de São Paulo e do Brasil. Iniciou-se nos primórdios do século XVI, com a chegada dos primeiros colonizadores portugueses. Estes fundaram os núcleos de Cananéia e Iguape, que funcionavam como apoio à defesa e à

penetração dos colonizadores através do rio Ribeira, lugares encantadores que contam a história do nosso país.

E as estrelas deste trabalho, as alunas do curso de Pedagogia da IES, vêm de grande parte dos municípios situados no Vale do Ribeira. Assim, indo contra a todos os estereótipos que a região e seus habitantes carregam e ainda ir além de estatísticas, recorro a um trecho de uma entrevista concedida por Bauman em que o sociólogo diz que assim como o poder de carga de uma ponte se mede não pela força média de todos os pilares, mas pela força de seu pilar mais fraco, a qualidade de uma sociedade também não se mede pelo PIB (Produto Interno Bruto), pela renda média de sua população, mas pela qualidade de vida de seus membros mais fracos.

Para confrontar sua condição existencial humana e enfrentar seus desafios, a humanidade precisa se colocar acima dos dados e levar em consideração as experiências a que tem acesso enquanto sujeitos e ampliar seus horizontes e dessa forma, eu e todas essas mulheres e todos os demais habitantes dessa região criam no cotidiano, possibilidades de sobrevivência e resistência.

E parafraseando Lispector (2007, p.18) "Não tenho medo nem das chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas. Pois eu também sou o escuro da noite", porque somos Estrelas.

3.1 História do Curso de Pedagogia no Brasil

A partir do século XVIII, deu início ao que chamamos de modernidade e René Descartes foi um dos precursores deste momento histórico, marcando o início do racionalismo moderno, além de seu discurso sobre o método, Descartes também é reconhecido pela sua célebre frase "Penso, logo existo", acreditando que "o pensar" é o que nos diferenciava dos outros animais e nos dava a qualidade de seres humanos racionais. No contexto moderno a escola e em especial a educação superior é um espaço privilegiado para que o desenvolvimento cognitivo, e a difusão de ideias ocorram.

A universidade é, pois, na sociedade moderna, uma das instituições características e indispensáveis, sem a qual não chega a existir um povo. Aqueles que não as têm, também não têm existência autônoma, vivendo,

tão-somente, como um reflexo dos demais. (...) nos tempos modernos, tamanha complexidade intelectual, que, sem a existência das universidades, grande parte dela se teria perdido e outra grande parte nem chegaria a ser formulada. (TEIXEIRA, 1998, p. 86).

Nesse contexto e com transformações nos mais diversos setores houve um redimensionamento das questões educacionais e que a educação e, conseqüentemente a universidade está inserida, com sua importância na vida das pessoas, sendo uma das responsáveis pela transmissão de conhecimento, cultura e ascensão social.

Brzezinski (1996) salienta que a educação passou a ser fator de reconstrução social e à escola foi atribuído um novo papel em decorrência das novas condições de vida e de trabalho dos centros urbanizados, com repercussões sobre a política de formação do magistério.

Quanto à formação de professores em nível superior, em 1939 surgiu o primeiro curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil através do decreto-lei no. 1.190 de quatro de abril de 1939 e desde sua concepção e ao longo de sua história, o curso configura dois tipos de profissionais. Um mais ligado às questões da administração e do planejamento pedagógico e outro profissional que é o próprio professor, aquele que recebe toda a formação para atuar especificamente na docência da educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental (BRZEZINSKI, 1996).

Dentre os pesquisadores que proclamam uma compreensão diferenciada para a dupla identidade do pedagogo encontramos José Carlos Libâneo (2002), o qual se destaca pela quantidade de publicações a respeito do tema. Para o autor, o pedagogo é aquele profissional multifacetado para atender diversas demandas educacionais formais e não formais, de acordo com as realidades que vão sendo criadas para melhor se adequar à nova realidade em que vivemos. Não somente aquele profissional de gestão e supervisão escolar, mas aquele que também pode atuar em pesquisa, planejamento, administração de sistemas de ensino, movimentos sociais de distintos setores, serviços de psicopedagogia, orientação educacional, serviços de lazer, requalificação profissional, atuar com jovens, adultos, terceira idade, entre tantos outros, já o professor é o profissional que ajuda o desenvolvimento pessoal e subjetivo do aluno, facilitando seu acesso ao conhecimento.

Na década de 1960, através do Parecer nº 251 de 1962, houve a primeira regulamentação com o intuito de definir um currículo mínimo e a sua duração. Em 1969, por meio do Parecer nº 252, foram criadas as habilitações para formar especialistas responsáveis pelas áreas de planejamento, de supervisão, de administração e de orientação educacional. Esse parecer foi criticado por pedagogos porque prestigiava o ponto de vista do especialista e fragmentava o trabalho pedagógico (BRZEZINSKI, 1996).

Ainda segundo Brzezinski (1996) a indicação da extinção do curso de Pedagogia foi um fato que marcou a década de 1970, por meio da aprovação da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. A ideia era fazer uma reformulação no curso de magistério que passaria a ser o responsável pela formação do professor atuante no ensino de 2º grau. A formação do pedagogo ficaria a cargo das habilitações acrescidas aos cursos de licenciatura. Dessa maneira, as funções do pedagogo seriam transferidas para as habilitações e para cursos de pós-graduação, e o curso de pedagogia seria extinto. Mesmo tal medida sendo homologada pelo Ministério da Educação, ela foi posteriormente revogada em razão da forte resistência criada pela Associação Nacional de Formação dos Profissionais da Educação – Anfope. No ano de 1986, o Conselho Federal de Educação aprovou o Parecer nº 161, a respeito da reformulação do curso e facultou a este oferecer adicionalmente formação de docência de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental.

De acordo com Gatti (2010) esse tipo de formação foi melhor absorvido pelas instituições privadas. A maior parte dos cursos de Pedagogia oferecidos pelas IES públicas manteve a linha de formação de bacharéis, nos mesmos moldes desde a sua origem.

Em dezembro de 1996 houve a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996). Diversas alterações foram pensadas a partir daí tanto para as instituições formadoras como para os cursos de formação de professores, inclusive tendo sido definido um período de transição para a efetivação da implantação. Em 2002 são promulgadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores e, posteriormente, as Diretrizes Curriculares para cada curso de licenciatura passaram a ser aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação - CNE. Como relação aos cursos de graduação em Pedagogia, em 2006, o CNE aprovou a resolução nº 1 estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006) para esses cursos, prevendo-os como licenciatura e atribuindo a

eles a formação de professores para a educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos, além da formação de profissional na área de serviços e apoio escolar e nas outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Essa história marcada por indefinições, não impediu que propostas e implementações construídas pelas instituições de ensino superior fossem compondo o profissional que atua no trabalho pedagógico no Brasil. Segundo Córdova (2009), é preciso ter clareza do perfil do professor que se quer formar e para isso é preciso examinar o contexto em que ele vai atuar. Ainda de acordo com o autor, tem prevalecido no Brasil uma sobreposição dos conceitos de educação e Pedagogia, na qual a primeira se apresenta como uma “prática social” e a segunda como a “ciência da educação” o que representa um equívoco, pois a educação e a Pedagogia não podem ser reduzidas uma à outra, uma vez que são manifestações distintas de um fenômeno.

Córdova (2009) continua com a afirmação de que, sendo a educação um fenômeno antropológico e sociológico amplo e difuso, ela tem a ver com o procedimento, no qual as sociedades transmitem seus ideais, suas leis, suas normas e regras, tendo em vista a sua própria perpetuação. Assim, a Pedagogia representa prática educativa que se realiza de forma planejada, intencional que se refere aos aspectos à identificação dos educandos, de conteúdos, de práticas e de objetivos factuais.

Conforme acentua Quaresma (1997), o crescimento dos Cursos de Pedagogia, inserido no fenômeno da expansão do ensino superior, também se caracterizou pela privatização e interiorização, corroborando também para a concentração quantitativa na área de Ciências Humanas e Sociais. Ainda conforme a autora, o curso de Pedagogia já vinha experimentando um ritmo de expansão uma vez que, de acordo com as estatísticas disponibilizadas pelo MEC, no período de 1962 a 1969 existiam 139 cursos e no período de 1970 e 1975, 322 cursos com percentual de aumento de 119%.

A história da trajetória da expansão do curso de Pedagogia não ficou distante do contexto mais amplo das políticas públicas nacionais de educação (QUARESMA, 1997). O crescimento da oferta de cursos e vagas nesse curso, de uma forma geral, acompanhou o movimento para os outros cursos do sistema de educação superior a partir da década de 90.

Dados da Sinopse Estatística da Educação Superior – SEES / INEP de 2011, apontava que a educação superior contava com 29.376 cursos presenciais, sendo que os da área de Educação, compreendendo os de Ciência da Educação (inclusive Pedagogia) e os dedicados à formação específica de professores alcançaram 7.344 cursos, ou seja, 25% do total de cursos. Desses, 1.684 são cursos de Pedagogia. Assim, esse curso representa 23% dos cursos da área de educação e 5% do total de cursos de graduação de todo o sistema.

Ainda segundo a Sinopse Estatística da Educação Superior – SEES / INEP em 2012 todo o sistema contava com 5.932.838 matrículas em todos os cursos de graduação sendo que, desses, 307.296 matrículas foram do curso de Pedagogia, ou seja, 5,1% de participação em relação ao total de matrículas do sistema (FERREIRA, 2014).

Quando se trata de educação, seja ela básica ou de ensino superior, não podemos deixar de citar um fenômeno que vem ocorrendo e trouxe consigo grandes transformações que impactaram toda a sociedade e, conseqüentemente a educação: a pós-modernidade. Se quisermos entender os sujeitos que fazem parte desse universo e as transformações causadas por este fato, precisamos compreender outros processos, tais como economia e política que exercem influências no campo da educação.

3.2 Curso de Pedagogia no Vale do Ribeira

Acompanhando o crescimento da oferta de vagas para Cursos de Pedagogia constatado a partir da década de 70, e com a expansão da educação superior brasileira dessa década, conforme foi verificado anteriormente em Quaresma (1997), foi inaugurada em Registro/SP, no Vale do Ribeira, após um longo processo de autorização junto ao Ministério da Educação, a primeira Instituição de Ensino Superior, oferecendo o primeiro curso superior para a região: Pedagogia¹.

O ano era 1972 e na época iniciou suas atividades em um prédio próximo à Igreja Matriz e se tornou um importante marco para os estudantes e toda a

¹ Dados obtidos através do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas do Vale do Ribeira 2012.

população que queriam prosseguir os estudos e passaram a ter uma opção na própria região.

Anos mais tarde a Instituição passou a funcionar em um novo local doado por uma família japonesa que acreditava na importância da educação para as futuras gerações.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, disponível na página oficial na internet, as Faculdades Integradas do Vale do Ribeira têm como mantenedora a Sociedade de Cultura e Educação do Litoral Sul Ltda. – Scelisul – foi criada pela Portaria MEC nº 1.325 publicada no dia 23/08/2000. Seu credenciamento ocorreu através do Parecer CNE/CES 699/2000, em 8/8/2000, por unificação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro, autorizada pelo Decreto 70.476 de 04/05/1972, publicado no DOU em 05/05/1972 e da Faculdade de Ciências Administrativas e Contábeis do Vale do Ribeira, autorizada pelo Decreto 90.689 de 12/12/1984, publicado no DOU em 13/12/1984².

A instituição tem tradição de ensino superior em Pedagogia: com Habilitação em Administração Escolar, Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Fundamental e Médio, Supervisão Escolar e Orientação Educacional, primeiro curso superior disponível na instituição e na região onde está inserida, com criação e autorização pelo Decreto Federal nº 70.476 de 04/05/1972, publicado em 05/05/1972, reconhecido pelo Decreto Federal nº 78341 de 31/08/1976, adequado a Resolução CNE nº1/2006 de 15/5/2006 e com renovação do reconhecimento pela Portaria SESu nº772 de 25/10/2006 e pelo Decreto nº 7.690, de 2 de março de 2012³.

O curso de Licenciatura em Pedagogia das FIVR possui o regime presencial com a duração mínima de seis semestres ou três anos e destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Com uma das mensalidades mais baixas da IES, em 2017 a mensalidade do curso de Pedagogia é de R\$ 577,06, a menor é do curso de Tecnologia em Processos Gerenciais no valor de R\$ 514,68 e a maior mensalidade é de R\$

² Disponível em www.fvr.edu.br acesso em 20 de maio de 2017.

³ Idem 2.

1.230,86, dos cursos de Fisioterapia e Psicologia. Todo ano o curso de Pedagogia oferece 112 vagas a serem preenchidas com turma única no período noturno.

Outro aspecto relevante se dá pela oferta de variadas opções de programas de bolsa de estudos como Programa Universidade para Todos (Prouni) com bolsas integrais para brasileiros de baixa renda sem diploma universitário e que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem); Escola da Família, programa do governo estadual que oferece bolsas totais denominadas “bolsa-universidade” e exige da instituição 50% do valor da mensalidade e paga os outros 50%, onde a seleção é realizada pela própria organização do programa; Programa Extensionista de Responsabilidade Social (Proers), oferecido pela mantenedora da instituição e atribui descontos e porcentagens de bolsa de estudo a alunos carentes vinculados a cursos, em troca de atividades de extensão com o objetivo de atender às diretrizes de responsabilidade social e Programa de Financiamento Estudantil (Fies) com intuito de financiar, prioritariamente, a graduação no Ensino Superior de estudantes que não têm condições de arcar com os custos de sua formação e estejam regularmente matriculados em instituições não gratuitas, cadastradas no Programa e com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação (MEC).

Na área de atuação da IES que compreende grande parte da Região do Vale do Ribeira, o curso de Pedagogia tornou-se de grande importância para a sociedade regional, considerando o processo de municipalização na educação básica ocorrido na educação brasileira, pois a região é bastante carente na formação de profissionais, ficando sob a responsabilidade da educação as possibilidades de melhorias culturais, sociais, pessoais e, conseqüentemente, financeiras, e talvez o aspecto mais marcante em relação ao curso de Pedagogia é o fato de representar um importante instrumento de inclusão social permitindo que camadas da população provenientes de situações socioeconômicas desfavorecidas tenham acesso a um curso de graduação e que lhe permitam ainda exercer outras atividades nos períodos diurnos e matutinos.

4 ESTRELAS QUE SE CRUZAM: mulheres e educação

Ao escolher narrativas de mulheres egressas do curso de Pedagogia, associo com muitas outras mulheres que trilharam os caminhos da educação, de tal forma este capítulo tenta mostrar um pouco de como as mulheres adentraram esta área de conhecimento, mesmo em condições de dominação masculina. Para Michel Foucault (2000), toda forma de poder traz, consigo, um potencial de resistência. Desse modo, o espaço da sala de aula serve para desconstruir as desigualdades de gênero e sexualidade que encontramos em outros espaços institucionais.

A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. (FOUCAULT, 1979, p. 214).

A história entre mulheres e educação sempre andou juntas, embora, a princípio a primeira Escola Normal tenha sido destinada exclusivamente a homens, décadas mais tarde abriam-se as salas femininas, o que significou um imenso passo dado à profissionalização e independência dessas e futuras mulheres.

É lançado, em 1949, por uma das mulheres mais expressivas no que se refere à luta feminina, Simone de Beauvoir, o Segundo Sexo, que teve influência nos estudos feministas e de gênero. Beauvoir, ainda hoje, continua sendo lembrada nas academias como referência aos estudos feministas.

[...] o que sempre se esculpiu nas vidas femininas foi um entrelaçamento de destinos incorporando sujeitos históricos aspirando por um lugar próprio no tecido social e uma profissão que se adaptou perfeitamente àquilo que elas desejavam, aliando ao desempenho de um trabalho remunerado as aspirações humanas e afetivas que sempre lhes foram definidas pela sociedade. (ALMEIDA, 1998, p.26)

Assim, a presença feminina nos espaços públicos foi aumentando gradualmente. O movimento feminista tem o seu marco na década de 60 ao apresentar, como principais reivindicações, a busca pela igualdade e escolaridade. Serem reconhecidas como sujeitos da história e da ciência foi em que mais investiram as primeiras manifestantes do movimento feminista.

Na mesma década Beauvoir (1967, p.8) acrescentava: “Só podemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo”.

"Quem pode vigiar sonhos de moça?", já dizia Drumond (2011) e elas sonhavam alto, queriam mais e educar-se fazia parte desses sonhos. A feminização na educação, principalmente na Pedagogia, marcou socialmente o mundo moderno, pois ao contrário do que acontecia no passado, as mulheres começaram sua inserção no mercado de trabalho, apesar de exercerem profissões ainda consideradas femininas, como o magistério, este fenômeno foi um marco da transformação, não apenas no campo profissional, mas também um grande passo nas relações de parceria com os homens, de gênero e do poder das mulheres.

Mesmo que hoje suas posturas possam ser alvo de críticas, o que fizeram já foi um grande avanço: as mulheres passaram a ser pensadas para além dos papéis familiares - como pessoas com capacidades profissionais, intelectuais e com possibilidades de eleger representantes e de ocupar elas mesmas cargos públicos (SOIHET, 2012, p.234).

Guacira Louro (2001) discute em sua obra a questão da inclinação das mulheres ao magistério por serem as primeiras educadoras "naturais", portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar das crianças. "Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem vocação". (p.450)

Com o cenário escolar já muito feminino, apesar da profissão "professora" ter se caracterizado com traços maternos e nos modelos de formação de boas mães e exímias donas de casa, significou a oportunidade das mulheres conseguirem maior liberdade e autonomia num mundo que estava em transformação e não serem obrigadas a ocupar alguns pequenos espaços que lhes eram impostos pela sociedade masculina da época.

Em Izquierdo (1994) podemos encontrar aspectos que deixam claras que certas profissões são marcadas como femininas, independente do gênero de quem as executem, todas são ligadas às prestações de serviços e cuidados. Para a autora trata-se de uma atribuição social baseada em estereótipos e preconceitos, como o caso de professoras, embora a profissão significasse mais trânsito social. Mesmo com a profissão de professora estigmatizada pela caracterização feminina, foi nessa possibilidade que muitas mulheres puderam entrar no mercado de trabalho e serem aceitas para trabalhar fora do ambiente familiar.

Para as professoras primárias do começo do século, o magistério foi o ponto de partida, foi o possível no momento histórico em que viveram. Significou o trânsito do invisível para a visibilidade e a realização de alguma coisa, que não o pouco prestigiado serviço doméstico. Repito: que conquista poderia ser melhor? O magistério era o trabalho intelectual e assalariado sem conotação pejorativa, era o estatuto conferido pelo conhecimento e pelo uso da inteligência. Tinha o poder de conceder uma palavra mais abalizada num meio ignorante. Conferia mobilidade social, mais liberdade pessoal e respeito entre as classes trabalhadoras. Possibilitava bem-estar econômico e pessoal. A partir daí novos caminhos se abriram e as mulheres continuaram ocupando esse espaço profissional até representarem a grande maioria, e isso vem se desenvolvendo de forma progressiva nos últimos tempos. (ALMEIDA, 1998, p.211).

Ainda nas palavras de Almeida: “Ao contrário do que muitos afirmam, a feminização do magistério foi um potencial de poder e de liberação e não de submissão e desvalorização como se tem pretendido fazer acreditar.” (1998, p.78).

Ser professora tornou-se muito popular no período da década de 70, principalmente entre as jovens de classe média, que viram a oportunidade de ingressarem no mercado de trabalho e a possibilidade de ainda se dedicarem a casa, à família, por isso a profissão passou a ser desejável e revestida de prestígio social.

Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar - pelo menos esse era o discurso oficial do período. Para as mulheres que vislumbraram a possibilidade de liberação econômica foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na aura da maternidade e da missão. (ALMEIDA, 1998, p.28).

Mesmo a profissão sendo considerada digna e bem quista pela sociedade, deveria ainda ser mantida dentro de certos limites para não serem vistas como uma ameaça aos lares e à dinastia masculina, assim sendo, a mulher passou a ser vista como a principal mantenedora da família e da pátria.

Desde a Antiguidade, a mulher deveria ser controlada e submetida à moral dos homens. Para essa moral, ela era posse de um homem, tornando-se apenas um objeto no domínio masculino, conforme nos diz Foucault (2001): “Trata-se de uma moral dos homens [...] onde as mulheres só aparecem a título de objetos ou no máximo como parceiras às quais convém formar, educar e vigiar, quando as têm sob seu poder [...]” (p. 24).

Nesse contexto, o magistério mostrava-se bastante adequado ao papel da mulher como regeneradora da sociedade e tornou-se aceitável, em termos sociais, familiares e pessoais.

Do princípio até a metade do século, a vida social, as expectativas sobre a conduta feminina, as doutrinações religiosas da Igreja Católica, as implicações na sexualidade, o controle da feminilidade e as normatizações sociais, aliadas às exigências de casamento religioso, batismo dos filhos e a confissão dos pecados, significavam uma exacerbada vigilância do corpo e da alma das mulheres. A necessidade de instruir-se e educar-se constituía um dos principais anseios para sua liberação e uma forma de alterar um destino imposto pela sociedade moralizadora que se erigia nos padrões de uma época resultante de um acelerado processo de urbanização. (ALMEIDA, 1998, p.33).

Registrar essa história feminina no campo educacional tem sido a tentativa de estudiosos do tema, mas estes ainda são bastante reduzidos e de resgatar a história das mulheres na educação, se configura em tirar do anonimato as professoras que se encarregam no país, da educação fundamental, apesar das dificuldades enfrentadas, como mulheres e como profissionais.

É fato que o maior motivo dessas mulheres terem procurado a carreira docente, foi a necessidade de trabalho, às vezes por questões financeiras, outras em busca de realização profissional ou pessoal, mas também é fato que elas precisavam sair da posição subalterna que lhes era imposta, e muitas enxergaram na docência, um local que se adequava ao que elas esperavam e também devido às mudanças de ideias da sociedade, concepções sobre o trabalho e ideias de liberdade, autonomia, independência financeira e empoderamento já aclamadas pelos movimentos sociais da época. As mudanças do século XX que a industrialização e a urbanização crescentes estavam favorecendo, a emergência de movimentos feministas e suas reivindicações por direitos foram outros aspectos que levaram as mulheres a vislumbrar um futuro com maior liberdade e menos opressão.

Viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, estar privado de coisas essenciais a uma vida verdadeiramente humana: estar privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação "objetiva" com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanentemente que a própria vida. A privação da privatividade reside na ausência de outros; para estes, o homem privado não aparece, e, portanto, é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros. (ARENDETT, 1991, p.72)

A história nos mostra que, naquela época, a carreira era notadamente constituída por moças da classe média que a oportunidade para ingressar no mercado de trabalho aliada à possibilidade da maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que "ser professora" se tornasse extremamente popular entre as jovens e, ainda, aos afazeres domésticos. Como cita ALMEIDA (1998) se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejada, desde que seguisse certas normas e dirigida para não oferecer riscos sociais. Durante muito tempo, a Educação e as escolas foram excludentes, afastaram as mulheres que não participavam de seu universo e renegavam seus direitos à Educação. Dessa forma, a exclusão atingia tanto aquelas que estavam dentro das escolas quanto as que estavam fora delas. Posteriormente, sabemos que, por meio de muita luta as mulheres conseguiram ingressar nas escolas e nas universidades. No entanto, tal exclusão permaneceu no interior destas instituições, uma vez que as mulheres não foram concebidas como aquelas que produziam saber, que moviam a história, pois continuavam apartadas do processo de conhecimento (SILVA, 2009).

Para as mulheres que vislumbraram a possibilidade de liberação econômica foi uma forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aura da maternidade. Com o passar do tempo, as mulheres tomaram conta do espaço educacional brasileiro, essa ocupação ocorreu atrelada a fatores como aumento da necessidade de mão-de-obra devido ao crescente número de escolas. Mas o fato é que já suspeitavam dos resultados mais positivos no magistério sendo executado predominantemente por mulheres, pois elas deixariam sua marca que lhes é nata: uma capacidade maior de perceber o mundo exterior e de sensibilizar-se diante dos sofrimentos, da dor do outro e das demandas sociais.

Em sua obra, Margareth Rago (2013, p.24) aponta que ao participarem de todas as áreas profissionais e políticas, as mulheres repetiriam os mesmos jogos de poder, reproduziriam as formas sociais existentes, conservariam a organização social masculina, dando prosseguimento ao instituído? "Talvez". Por outro lado, suspeitava de resultados mais positivos, "pois elas deixam suas marcas em tudo aquilo que lhes é próprio: a dimensão subjetiva, as emoções, a afetividade, os sentimentos, de modo a complementar e a melhorar a ordem masculina no mundo".

Acentua Guacira Louro (2001) “elas se organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas”.(p.88)

São notórias as diferenças entre professoras do passado e agora, mas não se pode deixar minimizar a atuação de ambas em suas resistências aos padrões impostos e nem desqualificá-las como sujeitos históricos, colocando-as como vítimas da sociedade o que faz com que a profissão e essas mulheres sejam cada vez mais desmerecidas. Também é verdade que, partir de falsos pressupostos sobre a inserção das mulheres no magistério pode produzir efeitos danosos nas análises decorrentes, desvirtuar a compreensão e atribuir ao trabalho docente feminino elementos desqualificativos.

Almeida (1998) aponta ainda que o discurso vitimizador que costuma aparecer nos estudos educacionais, ao enquadrar as mulheres nos conceitos pré-definidos socialmente e ao colocá-las sempre como oprimidas, esquece-se de que existem os contrapontos que se situam nas entrelinhas da História e ancoram-se no mundo subjetivo, local de trânsito das mulheres, por excelência. Será que em vez de se fazer sempre uma história de opressão e submissão, enfim uma história de vencidas, “no caso das mulheres no magistério, esta não é uma história de vencedoras?” (p.80).

São questões assim, mesmo carregadas de subjetividade, que merecem despertar o interesse do pesquisador, principalmente se este procura dar visibilidade a sujeitos até então ausentes, esses sujeitos menores, essa visibilidade configura-se extremamente importante.

Frente a tantos obstáculos enfrentados ontem e ainda hoje pelas mulheres, não se pode desconsiderar todas as estratégias de lutas e resistências para mudar a realidade imposta a elas e neste trabalho procuramos evidenciar a importância do acesso à educação e ao conhecimento na vida das estudantes de Pedagogia do Vale do Ribeira/SP e de tantas outras pelo país que buscam no curso de ensino superior um novo sentido de existir.

Nilda Alves (2008), ao falar sobre a noção dos conhecimentos produzidos no cotidiano defende que, se busque compreender as múltiplas formas de “fazer pensar”, imbricados em ação, palavra, criação e lembrança, de onde fazem surgir atalhos para novos caminhos de pesquisa. (p.15).

5 NÃO SE NASCE ESTRELA, TORNA-SE ESTRELA

Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos. É que a esta história falta melodia cantabile. O seu ritmo é às vezes descompassado. E tem fatos. Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura – fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir.

Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*.

Segundo o dicionário Aurélio (1986) a palavra “mulher” é definida como pessoa adulta do sexo feminino, cônjuge do sexo feminino, esposa, ser humano do sexo feminino que apresenta características consideradas próprias do seu sexo, como delicadeza, carinho, sensibilidade etc. Nesse sentido entende-se que mulher seja definida em sua condição biológica, entretanto o que nos interessa aqui é sua condição social. Nesta perspectiva são constituídos tanto conceitos concretos e abstratos nas significações de ser mulher, quanto em suas vivências no cotidiano em um âmbito geral e no seu processo de desenvolvimento. Tais dimensões se entrelaçam entre o público e o privado na vida desses sujeitos no acontecer histórico. E é nesse desenvolvimento que vão sendo construídos no imaginário dos sujeitos o que é ser mulher e isso, frequentemente condiciona suas escolhas e posições na nossa sociedade.

Ser mulher carrega consigo uma série de adjetivos, formas construídas de ser mulher e de fazer parte da sociedade. São representações instituídas pela família, escola, igreja, mídia e outros, mas que passam despercebidas por serem naturalizadas e é a esse natural que devemos estar atentos, pois, como bem descreve Beauvoir (1980), “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Com raras exceções, as mulheres do século passado não exerciam suas potencialidades como sujeitos na sociedade, eram vistas e tratadas para serem do lar e somente no contexto privado que elas tinham alguma possibilidade de pensar e fazer.

Do princípio até a metade do século, a vida social, as expectativas sobre a conduta feminina, as doutrinações religiosas da Igreja Católica, as implicações na sexualidade, o controle da feminilidade e as normatizações sociais, aliadas às exigências de casamento religioso, batismo dos filhos e a confissão dos pecados, significavam uma exacerbada vigilância do corpo e da alma das mulheres. (ALMEIDA, 1998, p.33).

Assim, foram constituídos discursos de como as mulheres devem existir socialmente. Definir a submissão imposta a elas como violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é histórica, culturalmente e linguisticamente construída é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal. (SOIHET, 2008).

Entretanto, acompanhando o sistema capitalista, um acelerado processo de urbanização e uma demanda socioeconômica no contexto histórico da época é que foram possibilitados novos espaços para a atuação e representação feminina, ampliando suas possibilidades do privado para o público e a necessidade de instruir-se constituía uma das principais ambições para o início de sua libertação e mudança de destino até então imposto pela sociedade.

A partir de então, entre as décadas de 60 e 70 uma parcela de mulheres começa a ser inserida no mercado de trabalho, porém em determinadas profissões, principalmente aquelas que se assemelhavam ao exercício doméstico e que conciliassem o trabalho de fora com o de dentro do lar.

Ao longo da história, a educação e a profissionalização femininas têm sido sempre relegadas a um plano secundário. Muitas vezes também são objeto de distorções do ponto de vista dos homens e até das próprias mulheres que, por força das imposições culturais, assimilam valores masculinos e aceitam ser confinadas à reprodução biológica e às esferas privadas sem questionar esses papéis. Isso implica o estabelecimento de relações de poder entre os dois sexos que passam, também, pela questão do saber, dado que conhecimento e poder estão necessariamente interligados. Manter o dominado longe do saber foi e continua sendo uma estratégia eficiente no controle e na manutenção de mecanismos de dominação. (ALMEIDA, 1998, p.30).

Hannah Arendt (1991, p. 17) aponta: “[...] o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir”.

A autora, ao falar de natalidade, não se refere apenas ao momento do nascimento, ao momento em que o ser vem ao mundo e a partir daí inicia a nova vida, mas também àquele que possibilita a cada um, por meio de sua ação, dar início a algo novo. Assim coloca a ação de cada ser optar por um novo começo, de se opor a um determinado estado das coisas e iniciar uma nova história.

“Com a criação do homem, veio ao mundo o próprio preceito de início; e isto, naturalmente, é apenas outra maneira de dizer que o preceito de liberdade foi criado

ao mesmo tempo, e não antes, que o homem”. (ARENDR, 1991, p. 190) e essa possibilidade de recomeçar aponta para a existência de liberdade.

A ideia de natalidade ligada a um novo começo está também estreitamente ligada à fala, pois como salienta Arendt, é principalmente através do discurso que os indivíduos agem, que interagem com os seus: “se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais”. (ARENDR, 1991, p. 191). Dessa forma, as mulheres, nos termos arendtianos, são também capazes de recomeçar, como qualquer outro sujeito, em razão da condição humana da natalidade. E como reforça Lispector (2007, p.12): “Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe”. Assim são as mulheres: fortes, com um poder de sobrevivência e resistência sempre, mesmo sem saber que os têm.

A declaração de Arendt nos converge à foucaultiana de que as palavras e o discurso têm história e que devem ser trabalhadas na sua historicidade, nas suas construções. Assim, as construções de gênero e o curso de Pedagogia têm histórias que se entrelaçam e trazer essas histórias traduz uma reflexão sobre o que determinam as suas possíveis relações.

5.1 Objetivos e justificativas

Com o objetivo de recompor histórias de mulheres egressas de um curso de Pedagogia no contexto do Vale do Ribeira/SP, foi realizada uma pesquisa utilizando de narrativas das histórias de cada uma que voluntariamente se propuseram a falar de si. Investigar as contribuições que o cotidiano escolar do curso de Pedagogia teve para mulheres egressas é o objetivo desta pesquisa que começou a se materializar em meados do meu trajeto como aluna de Mestrado em Educação. Em conversas com professores e minha orientadora foi a que chegamos a este tema e assim foram permitidas escolhas mais acertadas, principalmente no que tange à opção para o desenvolvimento metodológico.

Apesar do meu esforço em trazer um breve histórico sobre a trajetória do curso de Pedagogia e a relação entre mulheres e educação, a intenção não é aprofundar ou analisar estudos realizados nestas áreas de pesquisa, mas sim uma

tentativa de situar o leitor para o que está por vir: histórias que rompem, histórias de mulheres que começam firmar aos poucos sua independência, mediante a conscientização e resistência como opção alcançável por meio da instrução. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. (BEAUVOIR, 1980).

As mudanças da realidade das mulheres no Brasil e no mundo vêm ocorrendo a passos lentos, por meio de resistências desses sujeitos “menores”. Sujeitos que têm procurado ocupar espaços que lhes são de direito e as mulheres representam parte desses grupos minoritários, por isso relacionar suas conquistas e lutas à história do curso de Pedagogia e todas as suas conquistas nos auxiliará a entender as mudanças frente às outras discriminações existentes.

5.2 Metodologia

[...] só podemos transformar em experiências o sofrimento vivido na própria existência se lhe dermos publicidade, o que é fundamental para garantir a preservação da própria vida [...]. (ARENDRT, 2013, p.130)

Pelo caráter abrangente, como os inúmeros sujeitos que compõem o cotidiano escolar e os elementos do mundo contemporâneo destacamos a pertinência em dar evidência às mulheres como envolvidas na complexidade do fenômeno educativo para ampliar a compreensão e as possibilidades de uma educação que faça frente aos desafios que nos são impostos no mundo pós-moderno, levando em conta sua identidade de gênero.

Para contar a trajetória das estudantes de Pedagogia do Vale do Ribeira no cotidiano escolar universitário optamos por investigar essas marcas através da História Oral, para tanto decidimos utilizar, como ferramenta de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada e essa metodologia se apresentou como instrumento necessário para fazermos valer, prioritariamente, as palavras ditas pelas egressas em questão. Esta opção pela entrevista se deu com intuito de propiciar uma interação direta entre pesquisador e pesquisado permitindo que as informações fossem coletadas a partir do que se quer e com olhar direto do pesquisador e, ao mesmo tempo, dar espaço para que as pesquisadas discorram sobre o tema sem

limitações em suas reflexões e informações e construam suas memórias no presente a partir de vivências ocorridas no passado.

A pesquisa aqui situada não pretende analisar as políticas de formação por meio da legislação desdobrada nos currículos, incorporadas ou não pelas estudantes em certo período, ou até mesmo avaliar outras fontes documentais oficiais. Trata-se de procurar entender as consequências de processos formadores, quanto do conhecimento e “acontecimento” adquiridos pelas e por elas durante o período escolar universitário, sob o ponto de vista regional que permite ampliar o olhar sobre a história dessas mulheres para além dos documentos escritos. Com efeito, o que determina a escolha de uma metodologia de pesquisa são os pressupostos teóricos que a sustentam aliados à especificidade do problema a ser investigado. Assim, o estudo sobre este tema via história oral apresenta-se como opção para a compreensão dos acontecimentos na vida dessas mulheres durante e depois de sua formação docente.

Esse procedimento como alternativa metodológica mostra-se importante, pois quando nos propomos ouvir e analisar aspectos de histórias de pessoas, podemos compreender a realidade investigada sob diferentes pontos de vista, e transitar entre narrativas, adentrar na vida dessas mulheres.

As fontes orais, pela sua subjetividade, mais do que nunca, necessitam de um discernimento objetivo que permita desvendar, nas histórias de vida recuperadas pela memória, aquilo que se propõe estudar. Os anos e as épocas transcorridos não têm limites demarcados por este ou aquele fato simplesmente, quando se trata de desvendar mentalidades e ideologias, isso ainda é mais complexo, pois, apesar das datas significativas, dos fatos extraordinários, dos atores que se destacaram em determinados períodos, a vida cotidiana sempre transcorreu na rotina, nos atos simples de viver e lutar pela sobrevivência. (RAGO, 2013, p.106)

Segundo Thompson (1992) são muitos historiadores que se preocupavam muito pouco ou quase nada em discutir problemas sociais do passado com algum espírito de contestação ao sistema social e/ou político que possa fazer compreender problemas contemporâneos e, de alguma forma, provocar mudanças de posturas. A finalidade social da história, nesse sentido, é apenas a busca do conhecimento pelo próprio conhecimento.

O perfil admitido pela história oral, principalmente nos anos finais do século XIX, de acordo com Thompson, é decorrente de seu enfoque essencialmente político, despreocupado com as vidas das pessoas comuns, com as realizações

econômicas e religiosas, a não ser em épocas de crise, como no tempo da Reforma ou da Revolução Francesa. Isso, em parte, porque inicialmente os historiadores dessa época pertenciam, eles mesmos, às classes que administravam e governavam. Por outro lado, essa supressão do depoimento advindo de pessoas comuns devia-se à impossibilidade de um documento individual, local ou não oficial existir: “a própria estrutura de poder funcionava como um grande gravador, que modelava o passado a sua própria imagem”.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 1992, p. 44).

Para Joutard (2000), a primeira geração de historiadores orais surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1950, com a intenção de reunir material para futuros historiadores. Tendo ainda como característica privilegiar a Ciência Política e se ocupar da história dos “notáveis”. Entretanto, em países da Europa a história oral foi utilizada para resgatar a cultura popular, e no México para registrar as memórias dos revolucionários mexicanos, sendo estes considerados pelo pesquisador, como a segunda geração dos historiadores orais. Foi esta geração que marcou uma nova concepção de oralidade, dando voz às minorias, aos marginalizados, entre outros.

JOUTARD (2000) aponta que a história oral desenvolveu-se à margem da Academia, baseando-se implicitamente na ideia de que se chega à “verdade do povo” graças ao “testemunho oral”. (p.201)

Nesse sentido, dava força àqueles que não a tinham e possibilitava revelar o que não se encontrava nos documentos escritos. Joutard (2000, p.33) atestou que “por meio do oral seria possível apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão, por se penetrar no mundo do imaginário e do simbólico”.

Para Queiroz (1987), História Oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. “Colhida por meio de

entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma cultura”. (p.19).

No Brasil, a História Oral surgiu em 1973, após um encontro promovido pela Fundação Ford e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) que buscava através dos relatos orais “pensar e entender melhor o Brasil daquele período” (CAMARGO, 1999, p. 23).

Na época, o Brasil passava pelo regime militar e por causa disso o encontro daqueles especialistas foi promovido, as gravações de conversas e entrevistas eram vistas como instrumentos de denúncia aos que possivelmente seriam as fontes de pesquisas futuras, representando um entrave à história oral que então veio a se desenvolver somente com o fim do regime, no final da década de 1980. Atualmente, considerada uma ferramenta da pesquisa qualitativa, não só utilizado por historiadores, mas também por cientistas sociais, antropólogos, educadores e profissionais das diversas áreas das Ciências Humanas.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Cabe salientar que a história oral no Brasil assim como no restante da América Latina, principalmente nos países que viveram governos ditatoriais, teve sua incorporação associada ao processo de redemocratização, o que diferencia o papel da história oral latina da de outros países na Europa e América de Norte.

Apesar desse início, a finalidade da história oral como recurso, se ocupou em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre realidades específicas, resgatando experiências vividas, por meio de entrevista que dão foco às lembranças subjetivas das várias etapas da trajetória de um sujeito, mas que também constroem uma visão da coletividade ou de um grupo social levando em consideração a importância de certos fatos de sua vida.

Consiste, então, de um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica [...]) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos etc. (ALBERTI, 1990, p. 52).

Assim, a história oral veio para valorizar as memórias de indivíduos menores, resgatando a tradição oral e buscando a variante de experiências vividas por atores sociais que a história tradicional deixou à margem. É através do testemunho que as pessoas procuram compreender as revoluções e mudanças das suas próprias vidas, e quando é utilizada como matéria-prima, ganha nova perspectiva. “A cena do testemunho, o face a face, a constelação de forças do presente deixam suas marcas no testemunho, tanto quanto a perspectiva dos fatos, a entonação da voz, os silêncios e os gestos de quem fala” (RAGO, 2013, p.19).

Como defende Joutard (2000), “a história oral, tem mais que nunca, o imperativo de testemunhar, tendo a coragem de permanecer história diante da memória de testemunhos fragmentados que têm o sentimento de uma experiência única e intransmissível.” (p.35).

Mas nem sempre a história oral teve essa característica de privilegiar as camadas menos favorecidas da sociedade brasileira. O próprio CPDOC, no seu início, deu preferência às entrevistas que possibilitariam conhecer os processos de formação das elites, as influências políticas e intelectuais, os conflitos e as formas de conceber o mundo e o país. Para alcançar esse objetivo, o mais apropriado era realizar entrevistas de história de vida, que se estendem por várias sessões e acompanham a vida do entrevistado desde a infância, aprofundando-se em temas específicos. Esta linha de acervo continua em vigor até hoje e abarca políticos, intelectuais, tecnocratas, militares e diplomatas, entre outros, desde os que ocuparam cargos formais no Estado até os que, fora do Estado, com ele cooperaram ou lhe fizeram oposição.

RAGO (2013) parte da concepção de que linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais, que por meio destes as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e o real-social é construído discursivamente, pois são neles que se organizam a dominação cultural e a resistência.

Trata-se de uma corrente que foi na oposição das propostas iniciais apontadas por Joutard, como já foi citado. Em vez de priorizar os marginalizados, essa história no Brasil começou por focar grupos ou pessoas em evidência no país, quadro que sofreu ligeira transformação também no Encontro de 1996, em

Campinas, quando cresceu o número de estudos voltados para as camadas populares, o que não parou mais de ocorrer.

Segundo Meihy (1996) talvez, em virtude dessa abrangência a História Oral comporta três tipos de abordagens, a saber: História Oral de Vida, Temática e Tradição Oral. A História Oral de Vida faz menção às experiências particulares e particularmente, obedece a um procedimento conhecido por entrevistas livres, ou seja, não há perguntas indutivas, fala-se sobre tudo e pode garantir a riqueza que a técnica que a História Oral por si mesma não possuía nada mais consistente do que uma longa vida que se decifra, com a chancela de um gravador. No caso desta pesquisa se fez necessário recuperar elementos de história de vida das entrevistadas, sem, no entanto fazer história de vida, já que os depoimentos incidam sobre o cotidiano escolar universitário, tendo em vista a vida privada dessas egressas.

A participação do entrevistador nesse caso torna-se muito importante, pois quando vem à tona nas entrevistas algumas particularidades que não dizem respeito ao objeto da pesquisa, o caminho mais propício e interessante é deixar que a pessoa fale sem interrupções, pois ela tem uma carga de fatos e experiências que às vezes precisam ser faladas e discutidas com outras pessoas e, que no caso de grande parte dos envolvidos na pesquisa não tiveram essa chance de contar.

Já sinalizava Lispector (2007): “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”. (p.19)

De fato a história oral tem força crucial para a interação humana e transcende barreiras, pois é um método que sempre foi essencialmente interdisciplinar, cruzando caminhos de sociólogos, antropólogos, historiadores, pesquisadores e estudantes das diversas áreas, pois de fato, todo homem e toda mulher têm uma história para contar que é do interesse histórico e social, cujas vozes estão abafadas porque suas experiências sejam talvez menores para serem documentadas em arquivos oficiais.

Particularmente essas vozes ocultas são acima de tudo de mulheres e povos marginalizados, os chamados “menores”, “os de baixo” e a minoria é povo, é potência e é por isso que a história oral tem sido fundamental para a criação de narrativas de mulheres.

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de

analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos...São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas [...] (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 14).

Para trabalhar suas memórias no cotidiano escolar, levamos em consideração a versão contada por elas como a própria história, seja real ou não, ou seja, entende-se que a história está inata no sujeito que a conta, permitindo compreender o processo de empoderamento a partir das várias versões contadas que vão além das redes de significados e lembranças, analisando a importância do papel da fala ao se contar uma história, principalmente quando é contada a própria história.

Marcos Reigota (2003) diz que: “As narrativas (escrita, oral, visual, corporal) são uma forma criativa de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas”. (p.80)

Essas redes de significado que cada participante da pesquisa apresenta, neste caso, envolve necessariamente o cotidiano escolar universitário para além dele, ou seja, todas as múltiplas redes as quais vivem ou viveram que formam conhecimentos e valores que justificam as ações e concepções desses sujeitos, havendo um intercâmbio entre o dentro e fora do cotidiano escolar.

Ao conferir atributos de subjetividade a toda fonte histórica derivada da percepção humana, o mesmo é confirmado por Thompson (1992) que diz as histórias resgatadas pela memória fazem parte de uma rede de significações imbricadas com o essencial do homem que é o existir e interagir com o mundo real. No evocar das lembranças essas significações emergem e transcendem o simples ato de verbalizar o passado e é possível decifrar a mensagem contida nos silêncios, nas pausas, nos olhos que se desviam ou se cristalizam irreduzíveis, apegados às suas crenças e seus valores. São também as respostas evasivas, a necessidade de convencer ou de esclarecer, escolhas travadas intimamente no conflito entre se expor ou se preservar do olhar alheio.

Assim, a memória também está impregnada do simbolismo das construções verbais e culturais que cada ser humano incorpora ao longo de sua vida e, nesse simbolismo, os papéis sexuais desempenhados por homens e mulheres ocupam um espaço importante.

Lispector (2007) assinala: “Os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona.”(p.24). Indo pelo mesmo pensamento,

Benjamin (1985) fala sobre o silêncio que o assusta, mas que também pode a vir ser ativo e criativo na concretização das narrativas.

“A narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos [...] que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito”. (BENJAMIN, 1985, p.220)

Há alguns aspectos críticos que englobam a utilização da fonte oral como recurso, principalmente aqueles que envolvem a confiabilidade dessas fontes por serem consideradas subjetivas, portanto falível ou fantasiosa, mas Thompson (1992) argumenta que nenhuma fonte está livre de subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual, podendo todas apresentar manipulação, e ainda argumenta ser esse recurso o único a transformar objetos de estudos em sujeitos.

No entender de Thompson (1992, p.137) “a história oral, transforma os objetos de estudos em sujeitos o que contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também é mais verdadeira”.

Dessa forma, de acordo com o CPDOC, o uso da história oral representa uma valiosa contribuição científica por auxiliar no desvendamento de aspectos que outros métodos não alcançam, como aqueles que envolvem a subjetividade e a percepção do indivíduo sobre os fatos vividos ou presenciados. Usando o discurso oral, o indivíduo, passa a ser sujeito na reconstrução de uma história já escrita em que ele participou, mas que não é considerado ator principal.

Lançamos mão dessa metodologia porque o desejo é captar de que modo essas egressas de Pedagogia constroem suas identidades e também compreender de que modo, no momento da narração de suas histórias, podem trazer à tona questões relacionadas às suas maneiras de existir e experiências pessoais atreladas às experiências de formação; quando o presente, passado e futuro se cruzam e causam uma ruptura do “Era uma vez”, “do que foi” e começa a ser vista como uma possibilidade do “o que fazer” como bem aponta Benjamin “...a verdadeira imagem do passado perpassa veloz [...] só se deixa ficar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.” (1994, p.224).

A visão sobre a narrativa presente em Benjamin considera que, o narrador, nas histórias que conta, recorre ao acervo de experiências de vida, tanto as suas como as experiências relatadas por outros. Ao narrar, ele as transforma em produto sólido e único, tornando-as também experiências daqueles que estão ouvindo.

Assim ocorre a transmissão de conselhos e conhecimentos, o que afirma o papel constitutivo do discurso na vida social.

O ato de narrar é a oportunidade que o indivíduo utiliza para expor as experiências de uma trajetória que é significativa, uma vez que é carregada de uma vivência oriunda das buscas empenhadas pelo sujeito, as quais são legitimadas pela coletividade. Estas buscas surgem por meio de um cotidiano, que é organizado através da existência das narrativas, “O grande narrador se enraizará sempre no povo, antes de mais nada nas suas camadas artesanais.” (BENJAMIN, 1983, p.69).

Esses encontros no cotidiano abrem a possibilidade de uma inserção mais caótica no mundo das ações sociais; diferente daquela do especialista e do observador imparcial, parte de um processo contínuo de negociação, resistência e imposição de sentidos coletivos.

Peter Spink (1998) aponta que a pesquisa no cotidiano tem a intenção de chamar atenção para a importância do acaso diário, dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de praças, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem e Lispector (2007) reforça a ideia com a passagem “Quem não é um acaso na vida?”.

No processo cotidiano, pequenos momentos são gravados na memória, acontecimentos não planejados, associações entre o social e o material, entre as redes frouxas de sentidos que conectam os pedaços do dia a dia. Como afirma Spink (1998, p.72-73): “São os pequenos momentos do fluxo diário, abertos às possibilidades da convivência cotidiana”.

Nesse sentido, Meihy (1996, p. 10) considera a fonte oral como uma prática geradora de mudanças: “percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado” e mais “garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a se sentirem parte do contexto em que vivem”.

Nessa perspectiva, Spink (1998) continua a enfatizar a importância de aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte comum do próprio cotidiano, não como um pesquisador e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte.

Na área educacional, este trabalho em história oral torna o conhecimento mais aprofundado sobre as pessoas que compõem o cotidiano escolar universitário, principalmente daquelas que foram emudecidas e oprimidas, conhecendo assim seu funcionamento e seus modos a partir de uma visão regional, social, humana, sensível e principalmente de gênero, com possibilidade de realização para que suas histórias não caiam no esquecimento.

Descrever a história de um curso atrelado às histórias de mulheres é dizer sobre um “acontecimento”, que aqui significa mudança, potencializar um dado para produzir novas realidades, como entende Foucault (2005), um campo de possibilidades, no conhecimento de singularidades. Assim, como a história do curso de Pedagogia, a trajetória histórica das mulheres é cheia de rupturas e reinvenções, uma história não linear que se organiza e reorganiza de acordo com os dispositivos⁴.

O valor das mulheres construir saberes, de participarem de meios que antes eram de domínio masculino, vai além do fato delas ganharem acesso às instituições e ao conhecimento, mas sim de refletirem sobre seus interesses e experiências e reivindicar suas posições como sujeitos de direitos.

5.3 As entrevistas

Como avancei para o que já era?
 Como me conheci hoje o que me desconheci ontem?
 E tudo se me confunde num labirinto onde, comigo, me extravio de mim
 (Fernando Pessoa - “Tudo se me evapora”, 2006).

A fase de entrevistas com as egressas de Pedagogia do Vale do Ribeira foi marcada pela dificuldade de contato com essas mulheres. Entretanto após algumas tentativas frustradas de localização através de dados fornecidos pela própria IES, como telefones e endereços eletrônicos desatualizados desde a época de matrícula em 2014, conseguimos contatá-las.

Dessa forma, partimos para a tentativa de localização dessas alunas a partir de contatos pessoais, os quais se concentraram praticamente em contato com

⁴ O dispositivo é um conceito importante no arcabouço teórico de Michel Foucault. Entendido como uma rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, o dito e o não dito. O dispositivo estabelece a natureza do nexos que pode existir entre esses elementos heterogêneos (CASTRO, 2009).

egressos já conhecidos da pesquisadora - por esta já ter sido professora destas no início do curso - e localização desses sujeitos via Internet através de programas de busca e sites de relacionamento. Esse contato via internet, embora pouco usual, demonstrou-se a melhor alternativa para a localização das egressas, sujeitos dessa pesquisa.

A partir de sites de rede sociais a busca acontecia quando eram digitados os nomes das egressas e via se vinha relacionada a elas alguma informação que possibilitasse o contato com estas. Para este caso, utilizei a lista concedida pela IES contendo os nomes completos das egressas. Assim, por meio dessa busca pessoal, principalmente via Internet, que os sujeitos da pesquisa foram localizados e a partir daí contatados para a entrevista.

Quando fui professora da turma de Pedagogia 2014, lembro-me de uma sala lotada e que, segundo dados da própria IES, era formada por 116 ingressantes: sete eram do sexo masculino e 109 do sexo feminino. Para a constituição do universo dessa pesquisa, partiu-se de um total de 23 estudantes que concluíram o curso em 2016, sendo apenas um do sexo masculino, dos quais foram localizados 10, tendo seis deles retornado o contato e se prontificado a participar da fase das entrevistas, sendo estas realizadas com cinco mulheres.

Nossas entrevistas duraram em média uma hora, em alguns casos houve mais de um encontro gravado, que posteriormente foram devidamente transcritas pela própria entrevistadora, (APÊNDICE E), enviadas aos participantes e revisadas para uma futura análise dos dados. As perguntas norteadoras foram formuladas para atender às questões básicas sobre a percepção da egressa acerca de sua formação e quais foram as possíveis contribuições da graduação para vida dessas mulheres, foi utilizado um questionário e um roteiro de entrevista. (APÊNDICE B).

É útil esclarecer, para evitar qualquer erro, que essas perguntas fundamentais que constituem, em parte, a entrevista semiestruturada, no enfoque qualitativo, não nasceram a priori. “Elas são resultado não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa” (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

De maneira prévia e intencionalmente definida, seguimos os passos traçados para a efetivação de pesquisa envolvendo seres humano, seguindo os procedimentos éticos, com submissão e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 68745517.0.0000.5500) e Parecer: 2.215.853. Após a aprovação,

os procedimentos das entrevistas foram: a) levantamento dos sujeitos a serem contatados; b) solicitação da entrevista, agendamento e, c) realização da entrevista.

As entrevistas ocorreram no mês de agosto, sendo a primeira realizada dia 17 de agosto e a última em 22 de agosto. Todas aconteceram fora das dependências da Instituição de Ensino Superior em que elas estudaram, em local escolhido pelas participantes, que foram esclarecidas dos objetivos da pesquisa e outras informações finalizando com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D), as entrevistadas também autorizaram gravação em áudio.

As perguntas foram feitas de forma norteadora para preservar sua naturalidade, todavia foi garantido um espaço ao final da entrevista em que a indagação era especificamente acerca da possibilidade da entrevistada acrescentar o que quisesse sobre a formação, ou curso e que, por algum motivo, não o tivesse feito.

Embora a etapa de entrevistas com as egressas tenha ocorrido com dificuldade devido aos limites no contato com elas, de tempo hábil, pudemos concluí-la no prazo estipulado passando para outro momento: a transcrição, organização e análise dos dados. Nesta fase foi realizada uma exploração de pontos relevantes das entrevistas e algumas considerações acerca dos elementos que as egressas apontaram como constitutivos de sua formação para sua vida e que se constitui em importante elemento para entendermos as relações com o cotidiano escolar.

5.4 As estrelas - sujeitos da pesquisa

Porque há direito ao grito.
Então eu grito.
Grito puro, sem pedir esmola.
(Clarice Lispector – A Hora da estrela, 2007)

Para manter o sigilo da identidade das mulheres entrevistadas nessa pesquisa, os nomes foram substituídos pelos de estrelas, com inspiração no conto de Clarice Lispector: A Hora da estrela, pois em sua obra, ao mesmo tempo em que mostra a brutalidade do mundo em que vivemos, consegue também revelar a delicadeza, mostra como deixar a vida ser o que ela é, seguir a si mesmo, aproveitar

o instante, superar o medo e transcender a realidade, assim o delicado essencial de que fala virou a inspiração para este trabalho.

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. (LISPECTOR, 2007, p. 18)

E assim como Macabéa, personagem do livro de Lispector, as participantes desta pesquisa são todas estrelas e se tornarão eternas para todos os leitores:

- ❖ LIRA - 30 anos, casada, mãe de um filho, não atua na área de formação e também não tem especialização na área;
- ❖ URSA MAIOR - 38 anos, divorciada, mãe de duas filhas, atua na área eventualmente e não tem curso de especialização na área;
- ❖ APUS - 28 anos, casada, mãe de um filho, não atua na área e também não tem especialização na área;
- ❖ AQUILA - 21 anos, casada não oficialmente, grávida de sete meses, atua na área e também não tem especialização na área;
- ❖ DALVA- 29 anos, separada, mãe de três filhos, não atua na área e também não tem especialização na área.

6 HORA DA ESTRELA - ver e ouvir estrelas

Neste capítulo as narrativas são apresentadas em fragmentos e cada entrevistada terá sua “Hora de estrela”: Lira; Ursa Maior; Apus; Aquila; e Dalva, uma constelação a qual novamente agradeço a confiança.

- A HORA DA ESTRELA -

LIRA

“Pensar é um ato.
Sentir é um fato.
Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo.
Deus é o mundo.
A verdade é sempre um contato interior inexplicável.
A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível,
extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique.
(...) Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente -
é a minha própria dor,
eu que carrego o mundo
e há falta de felicidade”.
Clarice Lispector (2007, p. 11-12).

Estrela Lira foi a primeira entrevistada, nossos encontros aconteceram em dois dias e o primeiro não foi gravado em áudio, pois ao relatar os objetivos do estudo e solicitar sua participação na pesquisa, ela mostrou-se acanhada, bem diferente do que eu me lembrava quando fui sua professora no início do curso em 2014.

Lembro-me muito bem dela, uma jovem negra, com cabelos “black power”, um estilo despojado, com ar de artista, sentava bem no centro da sala, na primeira fileira e sempre tinha algo a falar, fazia piadas e gostava de atenção.

Fomos conversando informalmente e relembro fatos do período em que éramos professora/aluna e como nossas vidas se desenrolaram desde então. Foi a partir desse momento que as reflexões sobre sua trajetória dentro do cotidiano escolar universitário começaram a ser lembradas.

Estrela Lira formou-se no final de 2016 e à época da entrevista, trabalhava como professora em uma instituição de ensino pública e como professora particular dando aulas de reforço.

Como era esperado, em um primeiro momento, sua narrativa não seguiu uma sequência lógica e cronológica e afirmou antes nunca ter pensado em algumas coisas que aconteceram durante o período da graduação. Já na segunda entrevista,

pareceu seguir uma sequência, descrevendo situações e fatos ocorridos em sua graduação que a ligam diretamente com sua vida pessoal.

Como passaram alguns dias desde o primeiro encontro, afirmou que refletira muito acerca destas questões. Estrela Lira tem histórico de rejeição e discriminação em toda sua vida, mas acima de tudo; superação.

Foi abandonada pelo pai, presidiário, ainda na barriga da sua mãe, pois dizia ser uma gravidez indesejada e logo que nasceu deixada aos cuidados da avó materna quando a mãe foi para outra cidade tentar uma nova vida. Criada pelos avós cresceu em meio a homens: tios, primos, avô, todos brancos, pois quem tinha características negras, era o pai, mas conta que quem mandava mesmo dentro de casa era a avó, mulher forte e trabalhadora que foi gari durante toda a vida e assim criou filhos e netos.

“Tive vários problemas durante minha vida... emocionalmente, socialmente, eu nasci sem pai e logo que eu nasci, minha mãe foi morar em outra cidade, então eu fiquei com a minha vó e sempre senti falta deles, lógico... não ter pais presentes para tirar suas dúvidas, pra responder algumas coisas que você precisava e isso sempre foi ruim pra mim.” (LIRA)

“Tenho mais dois irmãos por parte de mãe e sou a única negra da família, meu pai que era negro e sempre vivi numa família de brancos e muito machistas, mas “se ferraram comigo” porque aprendi a não deixar mandarem em mim, porque quem mandava lá em casa era minha vó.” (LIRA)

Cresceu ouvindo sempre que não era capaz e ia ser como o pai, por isso, conta que sempre precisou provar todos os dias o contrário, por isso, sozinha foi em busca de novas oportunidades e novos sonhos, fez vários cursos, todos oferecidos gratuitamente por instituições públicas ou privadas e assim começou sua carreira como professora. Em um desses cursos aprendeu *taekwondo* e como foi aluna aplicada, logo ganhou a confiança do mestre e passou a ministrar aulas para crianças, ao mesmo tempo em que repassava tudo o que tinha aprendido em outras entidades filantrópicas a outras crianças assistidas.

“Sofri bastante preconceito por ser negra, na escola assim sempre colocaram apelidos, falavam que minha inteligência era inferior às pessoas brancas, as professoras quando estava estudando em São Paulo, era escola de pessoas de classe mais abastada e a professora sempre falava alguma coisa que

me deixava mal, tinha uma menina que sempre me chamava de preta e me deixava mal, me afetava bastante, mas isso sempre me dava mais vontade de aprender. Tanto é que na minha adolescência eu não vivi igual aos outros adolescentes, todo dia ia atrás de algum curso pra fazer e era o dia inteiro, toda minha adolescência passei assim.” (LIRA)

Revisitando o depoimento de Estrela Lira, percebe-se o quanto para ela é importante dar a outras crianças oportunidades de crescimento, assim como para ela foi dada, principalmente àquelas que estão mais vulneráveis. Foi a partir dessas ações que ela se reconheceu como professora, fato também percebido pelos que estavam em sua volta. Sua melhor amiga, que também é professora, foi sua maior incentivadora.

“Quem me influenciou a fazer o curso de Pedagogia foi a madrinha do meu filho, ela é pedagoga em São Paulo há oito anos e sempre vinha me visitar e me via dando aula para crianças de ‘taekwondo’ e ela falou que eu levava jeito com as crianças e que gostava de ensinar, que as crianças gostavam de mim, que eu conseguia passar o que sabia de uma forma bem gostosa e que deveria fazer o curso pra eu me sentir melhor e independente.”(LIRA)

Em sua narrativa, Estrela Lira sempre deixa evidente seu orgulho em ser professora, em conquistar um diploma superior e trabalhar na área, apesar de deixar bem claro que desde muito cedo teve que trabalhar fora para ajudar nos custos da casa.

“E eu escolhi aquela faculdade porque eu gostava de criança, já gostava de ensinar, desse processo todo e entrei na faculdade em 2014, tinha 26 anos, eu já era casada, trabalhava como cabeleireira e escolhi Pedagogia, porque, primeiro, eu já dava aula para crianças e eu já gostava bastante e depois que é uma faculdade que você tem a certeza que você vai estar empregada depois, vai poder trabalhar logo de imediato, até mesmo antes de terminar eu já tinha arrumado emprego bom, numa instituição boa.”(LIRA)

Emocionada lembra os momentos vividos na faculdade, do bom relacionamento com colegas e professores, principalmente do dia da colação de grau que contou com a presença do marido, filho, avó, irmão e sua mãe que vendo

como a filha falava do curso de maneira contagiante, decidiu seguir o mesmo caminho e viu na Pedagogia uma oportunidade.

“Minha mãe foi fazer Pedagogia também, quando eu comecei, eu me empolguei, gostei e comecei a contar tudo que eu estava aprendendo e ela decidiu fazer também o mesmo curso e termina no final desse ano. Ela é também bem empolgada com o curso, antes ela era doméstica e agora já está dando aula num projeto.”(LIRA)

Entretanto, ver o reconhecimento da família, especialmente da sua avó, por todo esforço, dedicação a sua formação foi o mais marcante.

“Minha vó falou que queria ser como eu, que queria aprender tudo que eu aprendi, mas que ela não pôde e que hoje ela se sente realizada em mim e que sou seu orgulho, mas antes de eu entrar na faculdade, quando eu era menor ela sempre falava que eu não ia dar coisa boa, que eu era muito rebelde, falava que eu ia ser igual meu pai e que eu ia acabar presa igual a ele e que se não fosse por ela, era pra eu estar na lata de lixo”.
(LIRA)

Refletindo sobre todo o processo de transformação que o curso trouxe para sua vida, apesar de contratempos vividos, como a incerteza de conseguir arcar com as despesas das mensalidades antes de ser viabilizado o financiamento estudantil, afirma que a graduação foi sua melhor escolha por ter concluído uma escalada que vem desempenhando desde sua infância: em provar aos outros e para si mesma que pode tudo, desde que ela queira, obviamente.

“Eu sou a primeira a ter curso superior na família e agora que concluí me vejo, primeiramente, como uma pessoa mais forte, uma mulher mais forte, que eu sei da capacidade que eu tenho, eu sei que eu consigo porque eu entrei pra me desafiar, eu gosto de desafio e como as pessoas sempre me subestimaram, então eu entrei e queria ser a melhor, não sei se eu fui, mas eu tentei e esse curso contribuiu pra isso, me fez melhor em todos os sentidos, mais independente, mais forte. Hoje, se eu quero alguma coisa eu sei como correr atrás, como conseguir, eu sei que eu tenho a capacidade de fazer, de me defender também. Hoje eu me sinto poderosa e sei que só depende de mim, que eu não dependo de ninguém.”(LIRA)

Quando Estrela Lira narra sua história, outro aspecto que sempre é ressaltado, é o fato de o curso ter possibilitado uma condição financeira melhor, apesar de sempre trabalhar em diversas áreas, conseguiu um estágio bem remunerado na área da pedagogia e a partir dessa oportunidade, outras melhores apareceram e conta que pôde vivenciar na prática o que aprendia na faculdade e ainda acrescenta o valioso aprendizado durante essa experiência que a ajudou a entender melhor seu filho e ajudá-lo nas tarefas escolares e cotidianas.

“Durante a faculdade eu fiquei sabendo de um estágio pela coordenadora do curso, ela falou que estavam precisando de estagiários na instituição que era muito boa e indicou alguns alunos da sala, fui fazer a prova, passei, depois teve a entrevista e depois mais uma entrevista com todas as coordenadoras e eu fui selecionada e já comecei a trabalhar.”(LIRA)

“O estágio era remunerado e melhorou bastante as condições financeiras em casa, era um estágio bem remunerado, considerando a de outras escolas, assim pude ajudar bastante meu filho, lógico, a gente sempre pensa neles em primeiro lugar e eu me senti melhor podendo contribuir mais, dividir melhor as contas em casa com o marido.”(LIRA)

“Contribuiu muito porque tudo que eu via na faculdade de matérias, de métodos eu pude ver ali na prática, quanto à questão profissional e pessoal, eu aprendi na faculdade, a ser mais ética, mais dedicada, eu já era dedicada, mas aprendi a ser mais, aprendi a pensar mais no que eu ia fazer e a traçar mais as metas, os objetivos, ir atrás do que eu queria, aprendi a ser mais organizada.”(LIRA)

“Com meu filho foi bastante positiva, conheci um pouco como a criança pensa e isso foi bom pra ele, até mesmo na hora de fazer lição de casa, essas coisas, eu sabia como ensinar melhor, sabia ensinar de uma forma que ele entendesse melhor, ele se tornou um melhor filho, um melhor aluno na escola e soube como educá-lo melhor.”(LIRA)

Em seus apontamentos, relembra momentos complicados, principalmente no relacionamento com o marido, devido às ausências diárias, tempo e dedicação às atividades que a graduação requeria e à insegurança causada pelo fato de a mulher possuir algo a mais que ele; como o diploma de uma faculdade.

“O casamento entrou em crise, eu acredito que medo, medo de eu me tornar mais independente, de ter uma profissão melhor do que a dele, até a insegurança, ele não tem ensino superior.”(LIRA)

- A HORA DA ESTRELA -
URSA MAIOR

“Ave Maria, cheia de graça,
terra serena da promessa,
terra do perdão,
tem que chegar o tempo,
ora pro nóbis,
e eu me uso como forma de conhecimento.
Eu te conheço até o osso
por intermédio de uma encantação
que vem de mim para ti.
Espraiar-se selvagememente
e no entanto
atrás de tudo pulsa uma geometria inflexível”
Clarice Lispector, (2007, p.24).

Como professora, alguns alunos sempre marcam mais, às vezes, pelas suas peculiaridades. Ursa Maior é uma delas, porque sempre ao seu lado estava sua irmã. Entraram juntas na faculdade em 2014, mesmo curso, mesma sala, mesmos objetivos. Ursa Maior com 35 anos e sua irmã com 40, esta já avó, sempre onde uma estava, a outra estava lá ao lado, uma apoiando a outra, incentivando, mas infelizmente a irmã acabou não concluindo o curso em 2016 devido a algumas dependências de matérias, mas continuou a acompanhá-la até o último dia de aula e assim descobriram algo novo para elas: um mundo cheio de possibilidades.

Divorciada e recém-saída de um relacionamento que deixou cicatrizes, tomou coragem, com apoio dos pais e irmã de mudar de cidade, de emprego e, principalmente, mudar de vida. Veio para o Vale do Ribeira ainda criança, quando adolescente frequentando o Ensino Médio ficou grávida e casou. Com filha pequena, marido e casa para cuidar não deu continuidade aos estudos naquela época, mas quando decidiu que iria cursar uma faculdade não teve o apoio da família; queria fazer Educação Física, mas segundo ela, diziam que não era curso para mulher fazer, então os planos de cursar uma faculdade foram sendo adiados; outra filha veio e as prioridades passaram a ser outras.

“Sempre tive uma vida tranquila, meu pai veio pro Vale do Ribeira quando eu tinha cinco anos, ele comprou a loja da minha tia e comecei a ajudar desde muito cedo, desde criança a gente ficava na loja ou em casa ajudando e assim foi até os meus 17 quando eu fiquei grávida da minha filha, eu estava no 1º colegial e como fiquei meio assustada, acabei perdendo o semestre, mas voltei no semestre seguinte e concluindo os estudos, mesmo grávida e depois com a bebê.” (URSA MAIOR)

“Na época o pai da minha filha estudava fora, tive que morar com meus pais e assim que ele concluiu a faculdade, veio para Sete Barras e a gente ficou morando junto. Eu morava no quintal da minha sogra e trabalhava com a minha mãe e ele dependia de trabalhar com o pai dele e então assim começou a criar problemas, por isso a gente acabou indo embora pra Sorocaba.” (URSA MAIOR)

“Aí parei meus estudos no ensino médio, na verdade, na minha casa, todo mundo casou muito cedo, minha irmã casou com 15 anos, também foi mãe, minha irmã do meio também foi mãe com 19. Não que a gente não soubesse, mas não tinha essa relação mais aberta para conversar sobre engravidar e meios de prevenir como tenho hoje com a minha filha.” (URSA MAIOR)

Conta que sempre gostou de estudar, prestou provas para alguns concursos públicos e conseguiu um cargo como inspetora de alunos em uma escola na região de Sorocaba. Sua vida estava definida: marido, filhas, um emprego público.

“Em Sorocaba a gente trabalhava lá, os dois e eu fiquei uns quatro anos e resolvi ter minha segunda filha, estava concursada numa creche, trabalhava como cuidadora infantil em Votorantim e fui chamada em outro concurso da prefeitura de Sorocaba como inspetora e optei em mudar, porque os benefícios eram melhores e era a escola da minha filha.”(URSA MAIOR)

Entretanto, a vida não é uma constante, quando tudo parecia certo, dúvidas e incertezas começaram a brotar e nesse período decidiu se divorciar e engatou um novo relacionamento que acabou de maneira traumática e vendo a situação da filha, sua mãe interveio.

“Nesse período eu me separei, foi em 2011 e depois disso eu tive outro relacionamento, só que eu tive uma decepção muito grande e foi muito traumático, fiquei muito mal e minha mãe vendo a minha situação não deixou eu ficar lá. Ela me convenceu a vir embora pro Vale e foi aí que ela me falou: “Você vai fazer faculdade”. Eu tinha 35 anos e tudo foi mudando. Cheguei em outubro e fevereiro já estava estudando.”(URSA MAIOR)

A escolha em cursar uma faculdade, na verdade, partiu da mãe, que vendo a filha mal decidiu mudar o rumo da situação, já a escolha em fazer Pedagogia partiu dela, por já trabalhar na área como inspetora durante anos, percebeu que esta poderia ser a opção mais acertada e para ter mais estímulo em frequentar um curso

superior no momento delicado que estava vivendo, contou com o apoio da irmã mais velha, que também não tinha o ensino superior.

“Na verdade escolhi Pedagogia, por ter trabalhado na creche e como inspetora, eu sempre quis fazer Educação Física, só que na época, meu marido não deixou e não tive forças para lutar contra e agora eu me achava velha demais. Mas de qualquer forma iria ser professora.”(URSA MAIOR)

“Fiquei sem estudar 15 anos por uma série de motivos: filhos, marido, emprego, mas quando resolvi fazer para sair daquilo que estava vivendo, chamei minha irmã que estava com mais de 40 anos, já era avó, eu estava com 35 e uma incentivou a outra. Até brinco que não arrumei namorado na faculdade, porque todo mundo pensava que a gente era um casal, a gente não se desgrudava. Ela foi também para me acompanhar, foi muito minha parceira, sempre estudando juntas. Nós éramos chamadas de “as irmãs cajazeiras”.”(URSA MAIOR)

Para começar a viver uma nova vida, teve que deixar uma das filhas em Sorocaba, pois na época, a menina fazia curso pré-vestibular e enquanto a mãe cursava Pedagogia, a filha também ingressou no ensino superior. A filha mais nova veio junto e ficava com a avó durante a noite, enquanto Ursa Maior ia para faculdade.

“Minha mãe ficava com minha filha mais nova para eu ir estudar à noite e minha outra filha ficou em Sorocaba, com meu ex-marido, por conta dos estudos, ela fazia cursinho pré-vestibular e durante a minha graduação ela entrou para a faculdade de odontologia com bolsa de estudos. Foi complicado deixar minha filha lá e vir, talvez até por uma fraqueza minha, mas eu não estava conseguindo me reestabelecer emocionalmente lá da mesma forma como eu consegui aqui, lá eu fiquei muito mal mesmo. Cheguei ao ponto de não sair mais de casa, me vi numa situação que eu nunca imaginei que alguém pudesse chegar e por isso ela, minha filha, me cobrava demais por não ter ficado lá, mas eu precisava vir, fazer tudo que eu fiz, estar mais forte para poder voltar.”(URSA MAIOR)

A adaptação à nova realidade foi sendo feita aos poucos, lembra ao chegar ao primeiro dia de aula, com a sala repleta de mulheres, com idades distintas o que gerou um estranhamento, afinal, eram muitos anos fora do ambiente escolar, como aluna.

“E é engraçado esse negócio de idade da sala porque, eu estava cursando com meninas da idade da minha filha. Eu até brincava que tinha 18 anos também, porque eu tinha entrado

na faculdade, estava tirando carta de habilitação, era bacana porque apesar das diferenças de idade havia um bom relacionamento.”(URSA MAIOR)

“Acompanhar as disciplinas no início foi complicado, tinha que buscar fora os meios para aprender, pois foram anos fora da sala de aula. As aulas que tive mais dificuldades foram sociologia, e outras com muito conteúdo, era muito pouco tempo para assimilar muita coisa, algumas disciplinas, como eu já vivi de certa forma dentro da escola, foram mais fáceis, principalmente as que envolvia pais, comunidade no ambiente escolar, comportamento, mas as que envolvia a aprendizagem, alfabetização me encantava mais; eu sempre achei que isso era muito difícil, alfabetizar, mas quando você começa a ver e vai para sala, você percebe como as crianças se desenvolvem rápido e é gratificante.”(URSA MAIOR)

“Quando falávamos de Educação de Jovens e Adultos, o EJA, olhava até para minha própria sala, muitas idades diferentes no mesmo ambiente e aprendendo cada um do seu jeito, foi interessante e até quando se falava em preconceito com raça, opção sexual, porque naquela sala tinha de tudo: negro, branco, homossexual, novo, velho. Na educação especial também é um público que está crescendo cada vez mais dentro da escola e exige uma certa dedicação, cuidado e a procura por profissionais especializados para esse público aumentou e isso fez com que eu pensasse na possibilidade de seguir por essa área.”(URSA MAIOR)

Para ela, cursar a faculdade nesse período da sua vida foi oportunizador e melhor aproveitado, abriu novas possibilidades. Realizou provas seletivas com resultados positivos, participou de eventos dentro e fora do espaço escolar que contribuíram para experiências significativas e nunca antes experimentadas.

“Se eu tivesse entrado na faculdade naquele tempo, era pra eu estar quase me aposentando, mas não me arrependo, fiz agora com outros olhos e é engraçado quando você está na faculdade e você observa as meninas jovens, vê que não está ali para perder tempo, talvez as mais novas não aproveitem tanto quanto eu aproveitei.”(URSA MAIOR)

“Quando eu fiz o concurso, eu lembrava de tudo, tudo que eu vi, tudo o que tinha na minha prova eu já tinha visto em sala de aula, tinha momentos que vinham *flashes* dos professores falando sobre o assunto que estava na prova, eu saí dali impressionada de eu ler as questões e lembrar e com a certeza que eu iria passar. Ou estava muito fácil ou realmente eu estava preparada, fiquei muito contente por passar e triste por

não ter conseguido assumir porque não estava formada ainda.”(URSA MAIOR)

“Eu mudei minha vida, talvez eu ficasse lá para sempre como inspetora, acomodada e não ia sair daquilo nunca mais, cuidar das meninas. Sei que não vou ficar rica como professora, professor não ganha tanto quanto mereça, mas você pode ver, a maioria dos professores consegue ter uma casa, um carro, é uma oportunidade de eu melhorar.”(URSA MAIOR)

“Então a gente observa muito o professor, se o que eles estão falando, eles estão realmente fazendo, você aprende que tipo de professor você quer ser, aquele que você admira e pensa que com tantos afazeres conseguem dar o melhor sempre e aquele tipo que não quer ser de jeito nenhum.”(URSA MAIOR)

“Quando a gente aprende isso, sobre a postura do professor em sala de aula e quando a gente vê que isso não é feito com os filhos da gente ou com alguém próximo, tem professor que não percebe que as coisas mudaram e temos novas propostas de como educar e senti isso com a minha filha, eu comecei a observar e questionar a direção sobre isso, quando você conhece seus direitos e deveres, começa a cobrar mais e não deixa que ninguém passe por cima deles.”(URSA MAIOR)

“Todos os eventos que aconteciam, eu participava, nem todos da sala participavam, talvez até pelas condições financeiras, não que eu pudesse sempre, mas em alguns fazia questão, fui ao teatro pela primeira vez, foi tão bonito, mágico, parecia que eu tinha voltado a ser criança, ficamos depois repetindo as falas das personagens durante dias, foi muito bom.”(URSA MAIOR)

Durante nossa conversa, Ursa Maior se emocionou diversas vezes, ao relembrar toda sua trajetória, os sacrifícios para chegar até aqui, porém mostrou-se extremamente realizada por tudo que vem conquistando ao longo desses últimos anos e outras oportunidades que estão por vir. A todo o momento pude notar o olhar de esperança ao descobrir novamente um mundo novo cheio de possibilidades.

“Então a mudança de cidade e a faculdade serviram para eu dar uma guinada na minha vida e mudar, não só emocionalmente, querendo ou não, com a graduação eu posso ter outras perspectivas, abre mais portas. Hoje sou independente, tenho meu espaço, cumpro meu papel de filha, de mãe, estou na melhor fase como mulher.”(URSA MAIOR)

“Na minha colação de grau, ver todos ali, todos que fizeram com que eu estivesse ali, no incentivo, até financeiro, foram

eles que me fizeram mais forte para estar ali naquele momento. Talvez, por não ter dado mais certo nenhum relacionamento, desde que me separei, eu me preocupe em investir mais em mim, porque com a faculdade eu me levantei bem rapidinho, eu estudava, estava sempre rodeada de pessoas e não tinha tempo de ficar triste, pensar bobagens, eu estava me ocupando de outras coisas, me fez autossuficiente, mas também tudo aquilo não era só para mim, era pelas minhas filhas também, se eu estivesse bem, conseqüentemente elas ficariam, se eu melhorasse financeiramente para elas também melhoraria, me ajudou muito e continua me ajudando porque eu não vou parar por aí, foi o início de eu querer sempre mais.”(URSA MAIOR)

**- A HORA DA ESTRELA –
APUS**

“[...]era calada
(por não ter o que dizer)
mas gostava de ruídos.
Eram vida.
Enquanto o silêncio da noite assustava:
parecia que estava prestes a dizer
uma palavra fatal[...]”
Clarice Lispector,(2007, p. 33).

Assim como os outros encontros, percorri o caminho inverso que essas mulheres andaram durante os três anos para chegar até a faculdade. Estrela Apus mora em uma cidade localizada a 59 Km de distância da IES onde estudou. Nosso encontro aconteceu em um lugar estipulado por ela, em um final de tarde. Creio que tenha sido a conversa mais desafiadora. Quando em entrei em contato pela primeira vez e expliquei do que se tratava, prontamente fui atendida e já marcamos uma data, que acabou não acontecendo por mais outras duas tentativas. Até que conseguimos conciliar data e horário e realizamos a entrevista.

Estrela Apus chegou muito tímida e foi difícil de ela começar a narrar sua trajetória como mulher, aluna, mãe, filha, esposa e professora, não necessariamente nessa ordem. Tive que instigar sua fala a todo o momento e mesmo assim vinham respostas monossilábicas.

Decidi desligar o gravador por um momento e partir para uma conversa informal, falamos sobre a vida de um modo geral e dessa forma conseguimos estabelecer uma relação e quebrar aquela barreira professora/aluna. Naquele momento éramos duas colegas que não se viam há tempos, conversando.

Ela entrou na faculdade aos 25 anos, casada e com um filho, decidiu, com incentivo da família, seguir os mesmos passos da mãe: ser professora. Em seu depoimento, deixa muita clara essa relação estreita com a família, principalmente com a mãe.

“Já era casada quando entrei na faculdade, meu filho tinha cinco anos e isso me ajudou a analisar meu relacionamento com marido e filho, principalmente em relação ao meu filho. Qualquer comportamento, auxílio nas lições de casa, de como educar e cobrar dos professores, porque você começa a ter um respaldo e tem o que argumentar quando percebe que algo não está de acordo.”(APUS)

“Na verdade a minha escolha de entrar em Pedagogia teve muita influência da minha mãe, ela sempre me dizia que a área era o primeiro passo e primeiro ramo, ela falou que era mais fácil e disse pra eu fazer e depois ver o que eu queria realmente e foi aí que eu comecei a gostar de Pedagogia.”(APUS)

Filha de mãe solteira, sempre foi superprotegida pela mãe e até a entrada na faculdade nunca havia trabalhado fora de casa. Foi durante o curso de Pedagogia que conseguiu seu primeiro emprego: um estágio em um município vizinho a sua cidade.

“Eu sempre fui muito protegida pela minha mãe, também pelo fato de não ter pai presente, ela nunca me deixou trabalhar, ela sempre fez de tudo para mim, ela também é professora, fez Pedagogia e Biologia.”(APUS)

“Foi durante a faculdade que comecei a trabalhar no município de Ilha Comprida como estagiária na área de Pedagogia; na época fiz uma prova seletiva e consegui entrar logo no primeiro semestre da faculdade e esse dinheiro é que me ajudava com as outras despesas da faculdade, condução, porque a mensalidade consegui arcar através de um financiamento estudantil e vou começar a pagar só a partir do ano que vem.”(APUS)

Além da contribuição financeira a partir do estágio remunerado, conta que as aulas fizeram com que ele começasse a refletir mais sobre sua vida e entender certas situações vividas durante a infância e adolescência e buscar resolver situações conflituosas, principalmente o relacionamento com o pai.

“Durante a faculdade, em algumas disciplinas comecei a me entender, falhas, desde a minha infância e perceber que o problema não era eu, então me fez melhor, me sentir melhor, apesar de ter vindo de uma família que não era ignorante, tinham estudado e eles me cobravam muito por isso, pra fazer uma faculdade.”(APUS)

“Apesar de conhecer meu pai, não tínhamos uma relação de pai e filha, agora sim, durante a faculdade, comecei a pensar em me aproximar e pensei que não tinha nada a perder, independente do que ele fez ele é meu pai.”(APUS)

“As coisas começaram a se ajustar quando no estágio eu fui acompanhar uma psicóloga, eu fiquei dois anos com ela como estagiária, eu ficava no grupo de apoio. Foi aí que eu comecei

a rever bastante coisa da minha vida que me influenciou nessa decisão de ir procurar meu pai e tentar uma relação.”(APUS)

Sempre contou com o apoio da família para investir em sua educação e assim conseguiu convencer o marido a também buscar a profissionalização através do curso superior.

“Tive apoio da minha família, incentivo da minha mãe e marido, ajuda do meu marido para ficar com meu filho todo dia à noite e depois da minha mãe quando ele começou estudar também. Não era fácil e no início ele teve ciúmes depois que entrei na faculdade, mas depois despertou a vontade do meu marido também, hoje ele faz Análise de Sistema e eu também fiquei em cima dele porque hoje em dia o mercado exige diploma, não adianta só saber.”(APUS)

Hoje, apesar de não estar trabalhando na área e não ter a certeza de que se realmente quer atuar como professora, crê num futuro promissor, repleto de possibilidades por sentir-se segura, bem resolvida e com a certeza que pode sempre mais.

“A faculdade, muito mais do que contribuir no meu crescimento profissional, contribuiu no crescimento pessoal. Sou uma pessoa melhor no aspecto geral e acho que se eu tivesse feito faculdade na idade normal não teria aproveitado tanto quanto eu aproveitei agora mais velha, temos que saber usar e aproveitar as oportunidades e descobrir que a gente pode qualquer coisa, pode tudo que a gente quiser.”(APUS)

“Agora estou fazendo provas de processos seletivos e concursos nas prefeituras vizinhas e estou esperando me chamarem. E nesse ponto queria fazer uma pós pra melhorar minha pontuação nessas provas e ficar mais bem colocada, mas também não adianta eu fazer qualquer coisa só pra preencher currículo como muitos fazem. Quero alguma coisa que eu goste, mas tem muita falha no dia a dia do professor, então isso desanima, porque você se dedica e o outro não liga.”(APUS)

**- A HORA DA ESTRELA –
AQUILA**

“Ela acreditava em anjo e,
porque acreditava,
eles existiam”
Clarice Lispector (2007, p.39).

Estrela Aquila é a mais jovem das entrevistadas, respondeu meu contato prontamente e já agendamos nosso encontro. Grávida de sete meses apareceu toda sorridente ao meu encontro, me chamando de “prô” e disse ter boas lembranças de nossas aulas e que guarda o caderno com as anotações até hoje e o utiliza bastante em suas aulas. Nossa conversa fluiu.

Entusiasmada conta sobre o bebê que está por vir, do emprego como professora em uma escola particular da sua cidade, como se sente realizada neste momento da sua vida e como a Pedagogia contribuiu para tudo isso.

Sua história como professora começou muito antes de 2014, ano que ingressou no curso, já dava aulas quando criança para primas, amigas e quando não as tinha, improvisava com as bonecas, mas seu principal e melhor aluno foi o bisavô: aos seis anos dava-lhe aulas e assim conseguiu ensiná-lo a escrever o próprio nome.

“Eu sempre ficava muito com crianças, gostava de ensinar, brincar de escolinha e quando eu tinha seis anos, meu bisavô não sabia ler e escrever e eu que ensinei, pois eu aprendi a ler com cinco anos e assim que eu aprendi, ensinei pra ele, e por isso todo mundo falava para eu fazer Pedagogia.”(AQUILA)

Uma das incentivadoras a cursar Pedagogia foi a mãe, que sempre trabalhou em escolas como merendeira, além de primas também professoras. A irmã cursou Letras, mas não quis ingressar na área, então acreditavam que ela sim, seguiria a profissão de educadora pelo carinho que demonstrava com crianças desde pequena.

“Sempre estudei em escola pública, minha mãe sempre trabalhou em escola, ela é merendeira concursada, em casa somos cinco filhas mulheres, também tenho primas professoras, minha irmã também é professora, ela fez Letras, mas não ingressou na área, nunca deu aula e outra fez administração.”(AQUILA)

Apesar de gostar da área, foi tentar outro curso fora da região assim que terminou o ensino médio, acreditava que a profissão de professora não era muito prestigiada, entretanto custear uma vida fora, em uma capital, não estava sendo fácil, então decidiu voltar para o Vale do Ribeira.

“Quando eu tinha 17 anos, depois que terminei o ensino médio, minha irmã morava lá em Curitiba, mudei pra lá, comecei a trabalhar, só que eu vi que eu estava trabalhando pra pagar aluguel, não estava tendo um bom rendimento lá e as faculdades de lá eram muito caras, então eu pensei quando ainda estava lá, depois de tentar outra profissão, de fazer Pedagogia e minha mãe falava muito também sobre isso, só que o custo lá da faculdade era muito alto, daí não tinha como eu me manter, por isso preferi voltar e fazer aqui mesmo.”(AQUILA)

Depois da experiência fora do Vale do Ribeira constatou que as chances de conseguir cursar o ensino superior seriam melhores na região, pela facilidade de acesso, transporte, valor das mensalidades, alternativas para viabilizar o custo das mensalidades, além de outras despesas.

“Eu entrei na faculdade com 18 para 19 anos, aqui no Vale do Ribeira era mais viável eu fazer faculdade, tinha mais chances porque ofereciam bolsas de estudos, então logo que eu entrei, eu só paguei a matrícula e uma mensalidade, em março eu já estava com a bolsa da Escola da Família e fiquei assim até o final.”(AQUILA)

Apesar da rotina cansativa, considera que o estágio e o Programa Escola da Família só contribuíram para sua formação.

“Então eu estudava e no segundo semestre já entrei trabalhando meio período em um estágio, saía da escola e ia direto para faculdade e fins de semana, ficava na Escola da Família, meu trabalho lá era aula de reforço e fazer oficinas, essas coisas, na parte da manhã era reforço e à tarde as brincadeiras, mas minha coordenadora, quando era semana de prova, sempre disponibilizava pra eu ficar estudando uma parte do dia.”(AQUILA)

Em seu depoimento, conta que já na primeira semana de aula percebeu que foi a melhor escolha que poderia ter feito, apesar do primeiro impacto com a nova sala de aula tê-la assustado um pouco.

“No vestibular passei em pedagogia e logo na primeira semana eu vi que era aquilo que eu queria, era realmente aquilo que eu gostava. Na hora que eu cheguei à sala me assustei com o tanto de gente, mas me senti bem porque a grande maioria era mulheres. Achei que ter muita mulher na sala fosse melhor, apesar de ter algumas desavenças, mulheres conversando, se resolvem, sempre acabam se entendendo, então fiquei bem tranquila.”(AQUILA)

“Logo que entrei na faculdade, teve uma gincana e eu era bem tímida em relação ao público, com pessoas que não conheço, mas com sala de aula não, eu não tenho vergonha, mas a primeira brincadeira que o professor fez eu fiquei acanhada e pensei: “será isso mesmo que eu quero”, mas ele foi se aproximando e logo vi que era isso mesmo que eu queria, as aulas que eu tive foram bem interessantes, me desenvolveu uma vontade maior de continuar estudando, de fazer outra faculdade, pensei até em fazer Letras depois, mas desisti da ideia, mas Pedagogia eu não desisti, mesmo tendo que ir de Iguape para Registro todo dia, eu continuei, mesmo com tantos alunos desistindo no meio do caminho, tanto é que nós iniciamos com uma turma de mais de 100 alunos e se formou nem a metade, muita gente desistindo e você olhava e desanimava, mas fui me esforçando e consegui concluir o ensino superior, sem dependência de matérias.”(AQUILA)

Outro aspecto importante para Estrela Aquila, foi o fato de estar experienciando na prática, com o estágio, o que via teoricamente durante as aulas na faculdade.

“O que eu via na faculdade e o que eu já estava vivenciando no dia a dia na prática se complementavam, nas aulas eu dava exemplo do que eu via no estágio e no estágio eu levava o que aprendia em sala, era fundamental. Na escola onde eu estava tem professores que se formaram há bastante tempo, muitos anos, às vezes tinham aquele método tradicional, então a faculdade sempre vinha com um método novo e eu acabava falando, porque lá, estagiário sempre tem a oportunidade de falar e eu sempre falava algo novo que eu tinha aprendido na faculdade, então era bom nessa parte e até porque os professores mais antigos aceitavam o que eu falava, eles adoravam, sempre falavam pra eu pedir dicas para os professores e eu sempre levava.”(AQUILA)

Recorda da contribuição das aulas para sua prática no dia a dia, principalmente àquelas que traziam contextos referentes ao Vale do Ribeira e que percebia que tinha mais facilidade com o conteúdo ensinado por ter recém saído do ensino médio.

“Eu fiquei só um ano fora da escola e isso facilitou minha vida na faculdade porque eu via algumas coisas que os professores perguntavam e tinha pessoas que estavam muito tempo fora da escola e tinham mais dificuldades, eles até acabavam brincando quando eu respondia dizendo “você acabou de sair da escola, do ensino médio”, por isso eu não me senti muito perdida, mas eu via que tinha muita gente que tinha se formado há muito tempo e ficava perdida.”(AQUILA)

“Algumas matérias que eu tive, até tive vontade de fazer outra faculdade depois, alguns professores sempre davam exemplos do dia a dia e a gente sempre acabava ligando e conseguindo aprender, principalmente quando falavam do Vale do Ribeira, era algo que estava mais próximo da gente, então a gente se interessava mais em querer aprender e pesquisar mais por ser algo que estava mais perto de nós. Fomos pesquisar muito sobre o Vale do Ribeira e as comunidades caiçaras, ribeirinhas, indígenas, quilombolas que eu nem sabia que existiam. Isso me motivava mais porque era ligado a minha realidade e eu sou de Iguape, uma cidade histórica.”(AQUILA)

“Também pesquisamos como eram as escolas da nossa região, se os autores que elas citavam na aula eram usados na escola, os métodos que elas passavam pra gente na faculdade se era realmente utilizados na escola, eu perguntava e algumas utilizavam o método e conferia se era algo bom ou não. Assim eram nos apresentados outros autores para a gente ver como era importante mudar.”(AQUILA)

Continua a fazer referência ao conteúdo aprendido durante as aulas e que a cada disciplina tinha mais certeza de que estava no lugar certo.

“Os professores sempre estavam dispostos a explicar tudo, isso ajudou muito e dar aula me encantava, não só para crianças, mas também para outras idades, jovens e adultos, gente que realmente estava ali para aprender, para aprender escrever o próprio nome, uma receita, bula de remédio que toma, hino da igreja, eles se esforçavam bastante e é isso é gratificante, ver que tem muitas pessoas que realmente querem aprender e eu via isso na sala de aula na faculdade, na minha própria sala.”(AQUILA)

“As aulas abriram muito a nossa cabeça, porque a gente tem preconceito com coisas que a gente nem conhece e percebe que a gente pode trabalhar e falar todos os temas que dá certo, dependendo de como fazer, mostrando que apesar das diferenças, todo mundo pode viver no mesmo ambiente e respeitar uns aos outros e isso é mais importante.”(AQUILA)

“Questões dos índios, negros também foram passadas pra gente, porque aqui no Vale tem bastante e tinha gente que nem sabia se interessou em saber mais e pesquisar.”(AQUILA)

“A faculdade não foi só para conhecimento meu como professora, mas também como eu posso mudar de opinião em alguns assuntos, serviu pra abrir minha cabeça. Gostar de coisas novas que antes eu não gostava, de como posso melhorar, não só pra escola, pra eu aprender e ensinar aos meus alunos, mas para eu mudar o meu conceito em relação algumas coisas e que as pessoas não têm distinção de religião, de raça, ser menino ou menina, sexo. O preconceito do que a mulher podia ou não fazer e tratava também do que ela é capaz de fazer, toda luta delas pra chegar até aqui e ocupar o mercado de trabalho e para serem professoras.”(AQUILA)

O que mais a orgulha é o fato de hoje continuar trabalhando no mesmo lugar onde começou como estagiária e ter assumido uma sala como professora principal, espaço que foi conquistando aos poucos.

“Assim que eu me formei, na verdade, no último ano de faculdade eu estava como estagiária e dava aula de reforço complementar e o horário iria bater com as aulas de reforço, por isso eu preferi ficar com as aulas de reforço, porque no último ano tinha TCC e era um ano que eu tinha que me dedicar muito, então eu pensava: “eu vou ficar o período da tarde na escola e não vai bater o horário” e também financeiramente valia mais a pena as aulas de reforço porque ganhava mais que o estágio. Então falei com minha diretora que iria sair, mas ela falou que iria me contratar como auxiliar, porque para ser auxiliar eu não precisava ser formada e também me permitiu sair um pouco antes do trabalho se fosse necessário, além de me garantir que assim que eu me formasse eu teria uma sala minha, então fiquei feliz porque estava depositando confiança em mim e no meu trabalho. Porque tem gente que está lá há 10 anos e nunca assumiu uma sala.”(AQUILA)

“Eu recém-formada e nova assumi uma sala de 4º ano que era difícil e isso foi muito importante pra mim.”(AQUILA)

A nova realidade como professora, além de ser uma profissional, trabalhar, ter mais independência financeira, permitiu novos projetos na sua vida como casar, ser mãe e construir uma família.

“Logo que entrei na faculdade, arrumei estágio e ajudava nas despesas de casa e eu e meu marido fomos morar juntos e ele

também entrou na faculdade nesse período, foi fazer Direito e depois que eu me formei tudo melhorou porque não tinha mais as despesas com a faculdade, material, ônibus pra ir todo dia. Tudo isso foi fundamental para nossa vida de casal, eu sempre ganhei mais que ele, porque ele também era estagiário, mas nunca teve problema em relação a isso e agora podemos ter nosso filho, assim que terminei já comecei a pensar em filhos e já estou grávida de sete meses.”(AQUILA)

Finaliza a conversa refletindo sobre a importância do incentivo da família em relação ao ingresso no curso de Pedagogia.

“Foi muito bom porque todos viam que era isso o que realmente eu queria; minha família principalmente. Como minha irmã mais velha se formou em Letras, mas não quis de jeito nenhum ser professora, a minha outra irmã que é formada em RH e fez em Curitiba e veio para o Vale e não tem emprego na área dela, a minha família acreditava que eu sim estava encaminhada, porque desde o segundo semestre eu já estava trabalhando na minha área, então eles acreditavam em mim, que eu era quem ia trabalhar na área, ser professora e eles sabiam que era o que eu sempre quis e estava feliz.”(AQUILA)

**- A HORA DA ESTRELA –
DALVA**

“Esse não-saber pode parecer ruim
mas
não é tanto porque ela sabia muita coisa
assim como ninguém ensina
cachorro a abanar o rabo e
nem a pessoa a sentir fome;
nasce-se
e fica-se logo sabendo”.
Clarice Lispector (2007, p.29).

Foi gratificante reencontrar com todas essas mulheres após três anos, muitas mudanças ocorreram de lá para cá, inclusive na minha vida. A turma de 2014/2016 foi minha última como professora da IES em questão. Saí da instituição para seguir novos caminhos: casar, mudar de cidade e dar continuidade aos estudos, já havia feito duas faculdades, especialização e agora tinha chegado a hora do tão sonhado mestrado.

Com toda certeza eu não sou a mesma de três anos atrás, não sou a mesma de ontem, mas indiscutivelmente estrela Dalva não é mais aquela menina de antes. Percebi a diferença estampada no seu sorriso assim que ela chegou, eu já a esperava. Encontramo-nos em um local público na cidade onde mora, pessoas passando, carros buzinando, prédios sendo erguidos, mas nada disso parecia importar para ela, estava concentrada e à vontade e com desejo ardente em narrar sua história e por opção dela decidimos ficar por ali mesmo.

“Minha vida sempre foi bem complicada, meu pai é pedreiro, minha mãe era dona de casa e então eles se separaram e nós muito novos quando eles se separaram, a gente tinha uns 13 anos, eu fiquei morando só com meu pai, então era meu pai, eu e mais quatro irmãos homens, aí como meu pai era pobre e homem não supria as necessidades que uma menina precisa, então comecei a trabalhar cedo em casa de família, cuidar de crianças e assim foi indo.”(DALVA)

Vida difícil, começou a trabalhar cedo, casou cedo, foi mãe cedo, conheceu o abandono cedo e descobriu as mazelas do mundo cedo demais. Seu ingresso na faculdade se deu por acaso.

“Tem uma vizinha minha que é professora e ela sempre falava para eu fazer algum curso e eu sempre falava que aquele momento não era o certo, porque eu tinha uma bebê e estava grávida ainda e pensava em deixar isso para mais tarde e assim foi indo. Minha filha nasceu, eu estava em uma página de uma rede social e vi um anúncio da faculdade e vi que estava programado o vestibular e acho que faltavam dois dias para encerrar o cadastro; fiz o cadastro, no outro dia paguei o boleto e foi aí que contei para meu marido. Ele ficou meio assustado e falou: “não, não faça, deixe esse negócio quieto” e eu disse: “não, eu vou fazer” e fiz”.(DALVA)

“Chegou o dia do vestibular, fui fazer e fiquei naquela expectativa de “passou ou não passou” porque eu fiquei 10 anos sem fazer curso nenhum depois que eu terminei meu ensino médio, então eu não tinha noção nenhuma do que eu estava fazendo, dei minha cara à tapa, não estudei, não fiz nada e fui”.(DALVA)

Conquistada a aprovação no vestibular e passada a euforia da nova conquista, a angústia surgiu: como é que os valores das mensalidades irão ser custeados?

“Quando chegou a aprovação eu fiquei extasiada e daí “cadê o dinheiro para fazer a matrícula?”, eu não tinha, foi quando meu pai falou que daríamos um jeito e fomos juntando um dinheirinho daqui, outro dali e assim conseguimos fazer a matrícula”.(DALVA)

“Para pagar os três primeiros meses de mensalidade, a gente economizou no último, a gente juntou, meu pai ajudou, minha mãe ajudou, meu irmão que é cabeleireiro e mora fora também ajudou, cada um ajudou um pouquinho até eu conseguir a bolsa, através do Programa Escola da Família, foi o esforço da família inteira para eu conseguir”.(DALVA)

Fica nítido em suas falas, quando faz referência à entrada na faculdade, sendo uma conquista de todos da família, foi a primeira a ter concluído o ensino superior, a palavra “nós” é utilizada constantemente. Apesar de hoje não estar mais casada, menciona a fundamental colaboração do ex-marido para que ela conseguisse concluir a graduação, apesar do início ele ter se mostrado receoso quanto ao novo projeto da mulher.

“No começo foi bem complicado com ele, ele falava que eu já tinha três filhos e não tinha que fazer faculdade, ele ficou com um pouco de medo na verdade. Você sabe que ele não é estudado também, ele fez só até a sétima série de antigamente

e parou e sempre trabalhou também, desde muito cedo, então acho que ele tinha medo da mulher ganhar mais, ele é pedreiro, tem homem que sente medo da mulher estar crescendo e ele ficar atrás.”(DALVA)

“Aos poucos ele foi vendo que eu estava gostando, interagindo, conversando, tendo novas ideias, conteúdo para falar, estava me esforçando e aceitou. Ele me ajudou muito porque era ele quem ficava com as crianças para eu poder ir para faculdade à noite, ele que ficava com as crianças no final de semana para eu poder ir para escola trabalhar para poder pagar a bolsa.”(DALVA)

“Eu e meu marido nos separamos no último ano da faculdade, ficamos casados 10 anos, mas não foi por causa da faculdade, já não estava dando certo, tanto que depois da separação ele continuou cuidando das crianças todo dia, indo em casa para eu poder ir até a faculdade, inclusive aos sábados e domingos fez o mesmo processo que ele fazia quando morava comigo”.(DALVA)

A aceitação do marido, a dificuldade para conseguir arcar com as mensalidades nos primeiros meses, não foram as únicas barreiras enfrentadas.

“No começo da faculdade foi muito estranho, tinha um recém-nascido em casa, eu tinha que pegar ônibus e eu não tinha dinheiro para pagar as passagens de ida e volta para ir até a faculdade que ficava em outra cidade, então eu fui até a prefeitura, conversei, fiz um cadastro e consegui passes que pagavam a metade da passagem, e meu marido, com muito esforço, ajudava com o restante.”(DALVA)

“Assim comecei a ir, frequentar o curso, e pense, aquela sala cheia de alunos, mais de 100, todos desconhecidos, gente que nunca tinha visto na minha vida e eu ali, não sabia de nada, foi bem complicado, sentei bem no cantinho na parede, escondida e eu pensava em desistir, porque tudo era novo, as matérias novas: português, história, não sabia o que era leitura e escrita, essas coisas, até já conhecia, mas descobri que não sabia nada. Os professores falavam e eu ficava desesperada, mas com o tempo fui aprendendo a absorver da melhor forma possível e a maneira como os professores conduziam as aulas me ajudaram a aprender e gostar daquilo e hoje me sinto professora e preparada para exercer a função, mas quero evoluir mais.”(DALVA)

“O primeiro semestre foi bem difícil como falei, no segundo também, e no terceiro foi que o negócio começou a fluir melhor, comecei a entender melhor, o relacionamento com os

professores melhorou, com os colegas de sala também, porque também foram diminuindo os alunos na sala.”(DALVA)

“Uma vez, durante a aula, a professora falou sobre um assunto e eu nem sabia do que se tratava, algumas pessoas, recém-saídas do ensino médio sabiam, mas eu e muitas das outras não sabíamos e isso me deixou com vergonha e chateada porque acabei falando uma barbaridade e as pessoas olharam e a professora perguntou se eu tinha certeza do que estava falando e eu disse: “não tenho ideia o que você está falando”.”(DALVA)

A escolha em cursar Pedagogia, se deu por influência de uma colega. Revela que não era a primeira opção, mas que com o passar do tempo se convenceu que tinha feito uma escolha acertada.

“Escolhi Pedagogia por conta da minha colega que mora perto da minha casa e é professora. Ela falava sempre para eu fazer Pedagogia, mas eu sempre quis fazer Enfermagem, porque gosto de lidar com pessoas, ajudar, por isso era meu foco principal, mas a mensalidade era um absurdo, muito caro e eu não tinha condições de pagar aquela quantia e também não dava bolsa de estudos, aí fiquei com o mais prático e mais fácil e barato, mas durante o curso fui aprendendo a gostar e se hoje fosse escolher uma profissão seria ser professora.”(DALVA)

As contribuições do curso são a todo o momento ressaltadas por ela, desde a relação com filhos, família e autoestima.

“O curso contribuiu muito para a minha vida, na relação com meus filhos, com outras crianças, outras pessoas, hoje eu vejo que eu falo melhor, que me expesso melhor, escrevo melhor, sou melhor em tudo hoje.”(DALVA)

“Até a relação com a minha família melhorou, eles não tinham esperança. Eu sou a única formada na família, na família inteira sou a única graduada, com diploma universitário e então o presente não foi só meu, foi deles também.”(DALVA)

“Só na faculdade que aprendi de verdade, me ensinar a me descobrir e a descobrir de qual forma eu consigo entender e aprender e principalmente a focar e me concentrar.”(DALVA)

Estrela Dalva conta que levou os ensinamentos aprendidos para dentro de seu lar, que na família há casos de autismo e mesmo convivendo com essa

realidade de perto, confessa que não entendia muito bem do que se tratava e da dificuldade de se trabalhar essa questão.

“Os ensinamentos aprendidos levei para dentro da minha casa, entender melhor cada fase da criança, seu desenvolvimento motor, pois eu tinha três e com idades diferentes, as questões da higiene melhorei com eles, também a relação com meio ambiente. Reciclamos mais, reutilizamos, reaproveitamos mais os materiais, eu junto com as crianças fazemos vasos para flores, porta canetas, tudo aprendido na faculdade.”(DALVA)

“Antes eu acreditava que a letrinha dos meus filhos era tudo garrancho e me ajudou a entender e fui pesquisando cada vez mais sobre o assunto, além do comportamento e movimento das crianças.”(DALVA)

“Quando foi tratado de educação especial foi muito importante porque tenho dois sobrinhos especiais, são autistas, e antes disso não conseguia entender o comportamento deles, e depois me encantei pelo assunto e a partir daí eu a mãe deles, começamos a ter mais diálogo e conversarmos sobre os meninos; tudo o que eu via de novo, autores que abordavam o assunto, eu falava para ela e ela me pedia para pesquisar cada vez mais para trocarmos informações e foi aí que decidi que faria minha pós em educação especial.”(DALVA)

Outras disciplinas foram fundamentais para que ela se reconhecesse como mulher e sujeito autônomo, capaz de construir seu próprio caminho.

“Outro ponto muito marcante foi quando tivemos aulas sobre cultura indígena e afro-brasileira, eu sou de uma família mista, meu pai é italiano, branco e minha mãe é negra e sempre sofri muito na escola. Antigamente a gente não falava muito sobre isso, não tinha esse negócio de falar que era *bullying* e toda essa movimentação que tem hoje ao falar disso e acabava que a gente não ligava muito e levava na brincadeira, mesmo sofrendo com isso escondido; foi somente quando o assunto foi abordado na faculdade que fui ver que tudo que eu e meu irmão passávamos era preconceito, era preconceito na escola, porque na minha família são três irmãos brancos e três negros e os negros eram taxados e é até chato de falar, mas a gente não entendia. A gente tinha perna ressecada, passava óleo de cozinha na perna e os outros tiravam sarro.”(DALVA)

“Até hoje eu percebo, para arrumar emprego que, entre uma branca e uma negra vão dar o emprego para branca sabendo que o negro tem uma qualificação melhor que o branco. Independentemente da cor, só hoje eu entendo que é crime, que é preconceito e eu sei dos meus direitos e não vou deixar

me humilharem, assim como não posso sair ofendendo ninguém, ninguém pode sair me ofendendo por conta da minha cor.”(DALVA)

“Lá a gente tratava de temas transversais que eu nunca tinha pensado antes, como o papel da mulher, além do meio ambiente, raça, homossexualismo e percebi que ser mulher é não depender de homem nenhum, é ir atrás dos seus objetivos, lutar; a mulher consegue ter tudo, cada um tem seu espaço, seu lugar é só seguir em frente, independente, tem que ir atrás e lutar.”(DALVA)

Podemos dizer que a vida de Estrela Dalva se resume ao antes e depois da Pedagogia, todas as descobertas, conquistas, superação e resistências são marcas que vieram para ficar.

“Nunca fui comunicativa, mas depois que entrei na faculdade comecei a conversar com todo mundo e me soltar, eu não tinha coragem de olhar no olho da pessoa para falar, eu tinha medo, vivia com a cabeça baixa, com medo de alguma coisa, hoje em dia eu falo, sou autoconfiante.”(DALVA)

“Fiz muitas amizades na sala e com as meninas dos outros cursos que levo pra vida, até hoje falo. Meu marido começou a ficar com ciúmes, ainda mais porque antes de eu fazer faculdade eu não me arrumava, não ligava para maquiagem, não colocava um batom, não colocava um brinco, nem a sobancelha eu fazia para você ter uma ideia, depois eu fui vendo que eu precisava me arrumar, todo mundo ia bem arrumado para faculdade, bem bonito e cheiroso, e falei: “também quero” e comecei a ver isso e absorver para mim também, e meu marido foi vendo que eu fui ficando mais arrumada e ele falou: “peraí, o que está acontecendo lá, para ela mudar desse jeito?”.(DALVA)

“Muitas vezes até discutimos por causa disso, ele falava: “pra que isso, esse batom na boca, você vai lá para estudar, não vai para ficar passeando”, só que eu queria me sentir igual e não inferior”.(DALVA)

“E hoje não, eu faço meu cabelo, passo maquiagem, coloco salto alto, passo batom vermelho ou que cor que eu quiser, saio, me divirto e agora não tenho medo de ser feliz, vou e faço acontecer, não espero mais.”(DALVA)

6.1 Análise das entrevistas

Se quisermos realmente conhecer o conhecimento, saber o que ele é, apreendê-lo em sua raiz, (...), devemos compreender quais são as relações de luta e de poder. E é somente nessas relações de luta e de poder - na maneira como os homens entre si se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, querem exercer, uns sobre os outros, relações de poder - que compreendemos em que consiste o conhecimento (FOUCAULT, 2003, p.23).

Através desses depoimentos das estrelas egressas de Pedagogia do Vale do Ribeira/SP, impregnados de significações podemos considerar ser possível a emancipação pelo conhecimento. Essas mulheres parecem ter alcançado um “acontecimento” em suas vidas, com uma nova perspectiva de ser e agir ao se perceberem sujeitos capazes de fazer suas próprias escolhas. Percebe-se nos depoimentos que elas mantêm estreita ligação entre a conclusão da graduação e outros campos de possibilidades, graças ao curso.

Mulheres essas que fizeram do aprendizado sua liberdade e começam a afirmar concretamente sua independência, mas não sem dificuldades que conseguem viver sua condição de ser humano.

Nessa perspectiva é plausível afirmar que assim como outros cursos de graduação ou Pedagogia (apesar de todo preconceito ainda existente contra as licenciaturas) possibilita crescimento social, financeiro e, principalmente pessoal, como podemos observar nos depoimentos de todas as egressas, ao conceber a vida dessas mulheres após a vivência no cotidiano escolar universitário como acontecimento gerando novos movimentos, concepções diferentes a partir do encontro com o outro e que se produz como um devir.

Na filosofia de Heráclito o devir é exemplificado pelas águas de um rio, que continua o mesmo, a despeito de suas águas continuamente mudarem: O mesmo homem não pode atravessar o mesmo rio, porque o homem de ontem não é o mesmo homem de hoje, nem o rio de ontem é o mesmo de hoje. Tudo que existe é conduzido pelo fluxo (MARCONDES e JAPIASSÚ, 1996).

Devir é estar sempre compondo em nossos corpos algo singular, embarcando constantemente em possíveis linhas de fuga desterritorializantes, uma multiplicidade de acontecimentos que nunca cessam de assediá-lo e de gerar efeitos distintos em sua vida. É enquanto movimento uma compreensão diferenciada de liberdade e criação. É estar traçando para si novas singularidades a cada encontro e não

apenas tolerar o outro ou mesmo desenvolver com ele única e exclusivamente um elo.

Deleuze e Guattari (1997, p.18) apontam ser o devir não uma correspondência de relações. Mas tampouco ele é uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. “(...) O devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação. O devir nada produz por filiação; toda filiação seria imaginária. O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança”.

Nessas circunstâncias, o devir acontece no encontro entre dois, não sendo mais uma relação na qual é possível ocorrerem eventuais conversas ou mesmo olhares a partir de referências e modelos identificados e pré-determinados socialmente, mas encontrar a zona de vizinhança, de indiferenciação, criar potência na vida que existe em todos os corpos, independentemente do seu gênero masculino ou feminino, entretanto vale assinalar, que no caso das mulheres, esta potência, por força das circunstâncias socioculturais tem um efeito altamente estimulador de realização.

Ainda fazendo referência à ideia de realização, entendeu-se nos depoimentos, ser pertinente ressaltar os meios de acesso à faculdade através de políticas públicas, em decorrência deste fato, a garantia de realização dos estudos, por meio de programas sociais estudantis como financiamento público (Fies) e Escola da Família. Numa perspectiva social, pode-se admitir que a sua realização está relacionada ao fato de terem rompido barreiras sociais impostas a elas que as impediam de ocupar espaços de visibilidade e de projeção social, num mundo marcadamente capitalista.

Com relação ao magistério e a identidade feminina, estereótipos de gênero, que determinam para a mulher atividades que reproduzem no mundo público a esfera privada ainda estão presentes no imaginário coletivo dessas mulheres, de que a carreira de educadora permite à mulher conciliar os papéis de esposa, mãe e profissional, pois é possível, ao rever as narrativas, observar a tendência feminina quanto à existência do outro, de serviço ao próximo, como afirma Beauvoir “(...) o indivíduo é definido apenas por sua relação com o mundo e com outras pessoas, ele só existe por transcender a si. E sua liberdade só pode ser alcançada através da liberdade dos outros.” (2004. p.125).

Outro significado de grande importância do curso de Pedagogia, no entender das entrevistadas, refere-se à facilidade em ingressar no mercado de trabalho, considerando o contexto socioeconômico e cultural no qual se inseriam. Tal contexto envolve, inclusive, dificuldades de acesso ao mundo do trabalho, além do desemprego.

Quanto aos baixos salários que, historicamente, vem sendo associada ao ofício, é marcante para qualquer pessoa recém-egressa de um curso universitário, a possibilidade de obter um emprego, cuja remuneração permita custear parte de suas despesas. Por outro lado, quando este alguém é mulher, acrescenta-se a este fato, a afirmação de sua identidade de gênero numa dimensão social mais ampla como o mundo do trabalho e em seu lar. Dessa forma, a imediata colocação no mercado de trabalho, ao sair da graduação, pode estar associada à afirmação dessas mulheres como profissionais que escolheram uma carreira de pouco prestígio social, mas que se apresentou promissora.

Como afirma Beauvoir (1980, v.2, p.451): “[...] a maneira por que [as mulheres] se empenham em sua profissão e a ela se dedicam depende do contexto constituído pela forma global de sua vida”.

Além da inserção no mercado de trabalho e a consequente remuneração, também foi apontada a possibilidade do exercício de um cargo público, por parte de algumas depoentes, por terem cursado Pedagogia e em suas concepções um cargo público é revestido de muita importância e estabilidade, além de tais cargos representarem uma vitória pessoal e reconhecida e admirada pelos outros, como podemos identificar em suas narrativas.

Outra visão positiva que as entrevistadas têm do curso decorre também do fato de oferecer oportunidade de aproximação com temas como meio ambiente, igualdade de gênero, raça, credo, etnia, multiculturalismo, diversidade, subjetividade e todos aqueles aspectos do cotidiano escolar que contribuem para aprendizagens sociais relevantes.

De acordo com Gallo (2013) isso é educação menor, aquela desenvolvida nas salas de aula; a que também ultrapassa os limites físicos da sala de aula, das leis, das políticas e das determinações legais; ela contempla o plano micro-político de criação e produção. Pode-se considerar que esse movimento político e pedagógico contribuirá para a ressignificação da escola, principalmente da escola à qual os que vêm das margens têm acesso. Nesse sentido, a principal contribuição política ocorre

na construção e ampliação da noção de cidadania na qual o sentimento de pertencimento e a intervenção cotidiana são prioritários.

Embora nem todas estejam atuando na área de formação, convém ressaltar que elas continuam concentradas em ocupações tradicionalmente associadas ao sexo feminino, e mesmo assim ainda é considerado por elas um curso oportunizador de crescimento pessoal e profissional como pode ser visto também nas pesquisas de Almeida (1998) – ao analisar experiências do ser educadora a partir do discurso de mulheres que atuam ou atuaram na profissão – neste estudo também se destacaram depoimentos positivos sobre o curso de Pedagogia, no que diz respeito ao crescimento profissional por ele proporcionado.

Dentre os elementos destacados pelas entrevistadas como facilitador de crescimento está a consciência do seu papel social, contribuindo, desta forma, para o seu crescimento profissional, resistência, emancipação e libertação.

Como bem assinala Goergen (2005), na medida em que construímos “outros” em nosso cotidiano, visto que o ser humano pode ser entendido como um ser multifacetário que busca incansavelmente corrigir-se para superar suas limitações. O ser humano vive em um processo contínuo de construção: “é um ‘ser a caminho de si mesmo’ e ele é o único que pode percorrer esta estrada.” (p. 84).

As vivências extra sala de aula, somadas às experiências mais formais dentro do ambiente escolar através das interações com professores e colegas, se constituem em elementos enriquecedores, não somente para o exercício da profissão, mas também para a vida particular. Os depoimentos revelaram a importância dessas experiências como atividades e excursões no campo, atividades socializadas, atividades individuais e interdisciplinaridade para a vida das entrevistadas, enquanto cursavam Pedagogia, possibilitando a elaboração da experiência humana de forma crítica e criativa.

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade. (hooks, 2013, p. 50).

Outro aspecto concebido pelas narradoras está no fato do curso possibilitar a conciliação de suas atividades no lar com os estudos, ampliando o universo da

maternagem quando reproduziam e aplicavam atividades profissionais apreendidas no cotidiano escolar na esfera privada.

A questão volta a ser enfatizada porque se trata, realmente, de uma experiência marcante na vida dessas mulheres, comprovação atestada por várias delas neste estudo, ao afirmar que para elas não é o trabalho assalariado em si que as fazem se sentirem realizadas, mas o que poderão proporcionar aos filhos e à família através dessa remuneração, associam o sucesso da vida dos filhos a sua dedicação como mães.

A maternidade, em alguns casos, constitui-se num forte empecilho de atividades fora do lar a serem desempenhadas pelas mulheres no mundo do trabalho e também limitadora da continuidade dos estudos, fazendo do ingresso no ensino superior, um projeto tardio.

Destaca-se, também, os estereótipos de gênero, geração e de classe sobre mulheres que cursam Pedagogia ao perceber nos depoimentos situações conflituosas entre colegas de sala. Neste sentido, Louzano (2010) apresenta uma pesquisa com estudantes que ingressaram no curso de Pedagogia e Engenharia, utilizando-se dos dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes do Ensino Superior de 2005. Ao comparar os dois grupos, pode-se afirmar que o perfil socioeconômico dos alunos de Pedagogia já era menos favorável que os de Engenharia e lançavam luzes sobre o perfil dos indivíduos atraídos para a carreira docente no Brasil.

Em alguns depoimentos percebemos que, além das representações desfavoráveis e cruéis em relação ao gênero e classe, paira também a questão de raça; mulheres negras que através de muitas práticas tornam-se principais alvos na disputa de poder, mas que ao descobrirem outro mundo, insistem e resistem e vão semeando uma nova consciência e identidade, estando firme no presente, indo ao encontro de um futuro, mas utilizando seu passado.

[...] a naturalização, perpetrada por meio do racismo e do sexismo (também naturalizados por múltiplas práticas discursivas), constitui a dimensão abjeta desses corpos negros. E, por serem corpos abjetos, são os principais alvos do biopoder. Por outro lado, esses corpos abjetos, apesar de não serem considerados inteligíveis e, portanto, destituídos de legitimidade política e normativa, existem e resistem. (CANTO, 2012, p. 45).

Embora no universo pesquisado tenha havido 25% de mulheres que concluíram o curso de Pedagogia naquele ano, a questão relativa à faixa etária, no curso de Pedagogia tem sido bastante observada nos últimos anos, justificando-se

assim o destaque dado aqui a partir dos depoimentos que retratam a importância de se levar em conta a idade das estudantes. Por um lado, representa um certo preconceito, por outro, há vantagens que ela pode trazer. Ser mulher e realizar um curso como o de Pedagogia, estando acima da faixa etária considerada adequada pela sociedade, acrescenta experiências acumuladas durante a vida que se constituem em elementos impulsionadores e instrumentos diferenciados que possibilitam o sucesso no desempenho no curso em realização.

Com relação ao ingresso na Pedagogia, é atribuído por elas, à condição econômica, pois o valor das mensalidades está entre os mais baixos oferecidos pela IES, fazendo com que as camadas mais populares da sociedade tenham acesso ao ensino superior.

Ao falar especificamente sobre a educação superior para a classe trabalhadora, hooks pontua:

Mas aqueles entre nós que vêm da classe trabalhadora não podem deixar que o antagonismo de classe nos impeça de adquirir conhecimento, progredir na hierarquia acadêmica e gozar os aspectos satisfatórios do ensino superior. O antagonismo de classe pode ser usado construtivamente, não para reforçar a noção de que os alunos e professores originários da classe trabalhadora são “corpos estranhos” e “intrusos”, mas para subverter e desafiar a estrutura existente (hooks, 2013, p. 243).

Ao relatarem a opção pela Pedagogia, outro ponto identificado foi a crença de déficit nos estudos, já que todas vinham de escolas públicas, o tempo restrito para estudar e percebiam a Pedagogia como uma das poucas possibilidades para que elas pudessem cursar o nível universitário, à medida que consideravam a entrada no curso relativamente fácil, condizente com suas imagens sobre si mesmas.

Nas representações que elaboram acerca da profissão fica evidente que esta tanto foi resultado de uma escolha consciente, como imposta por falta de outras opções profissionais, mostrando a necessidade de adaptação nessa nova realidade. Além disso, as histórias das mulheres revelam, acima de tudo, como foram suas lutas cotidianas para darem sentido e significado as suas atividades e a forma como confrontaram a sociedade e até mesmo familiares.

Todavia é importante levar em consideração, ao dialogar com os depoimentos das estudantes, os significados que o acesso ao ensino superior assumiu para suas famílias e toda a mobilização familiar para favorecer a longevidade escolar universitária, onde práticas foram elaboradas progressivamente para tornar possível esse fato.

Nessa perspectiva Lahire (1997) aponta que é importante avaliar que as condições de existência de um indivíduo estão também atreladas a todo um contexto social, escolar e, principalmente, familiar onde ele está inserido que vem da ordem moral e material doméstica que se traduz em cognição, mesmo que não inteiramente intencional e consciente através de intercâmbios cotidianos que definem o lugar simbólico da escolarização.

No plano social o que se pode observar neste caso é a figura central e responsável pelo ingresso e engajamento no ensino superior: a mãe ou outras figuras femininas; mulheres fortes que através de comportamentos adotados em situações singulares tiveram o grande mérito de alguma forma viabilizar e favorecer o processo educacional dessas estudantes. Sendo de extrema importância considerar o gênero como elemento implicado nas maneiras de mobilização para a valorização e formação escolar.

O papel fundamental da Educação é concebido como um processo humano e social pelo qual o ser humano se faz, fazendo o mundo e a história por não ser um empreendimento neutro; o educado é sujeito ativo no processo e está inteiramente envolvido, de modo consciente ou não, num ato político como aponta Gallo (2013) e se constitui em um trunfo desencadeador de seu crescimento pessoal.

A maioria das entrevistadas mostrou-se entusiasmada com o curso, com as experiências que tiveram e continuam tendo ao longo de sua vida como mulher e como sujeito, chegando mesmo a extrapolar sua satisfação, admitindo serem pessoas mais felizes e melhores hoje. Não obstante terem cursado Pedagogia, em princípio um curso visto como de pouco prestígio e limitadas oportunidades, as depoentes demonstram o contrário, tanto no prazer em realizá-lo quanto na expansão das possibilidades de trabalho oferecidas pelo mercado.

Assim como Macabéa, a Estrela, personagem principal da obra de Lispector, essas mulheres estudantes de Pedagogia do Vale do Ribeira, descobriram um futuro através do conhecimento, das palavras: "Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras - desde Moisés se sabe que a palavra é Divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro." (LISPECTOR, 2007, p.79)

A partir dos depoimentos, pode-se depreender que todas avaliaram o curso como oportunizador de crescimento pessoal, facilitador de ingresso no mercado de

trabalho. Isto porque, permite-se uma maior aproximação com a realidade vivida por elas em seus lares.

Recorrendo mais uma vez à Lispector (2007, p.13): “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E meu dever, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida”.

Neste sentido, ao resgatar a memória das mulheres que escolheram o curso de Pedagogia no Vale do Ribeira, mostra-se também, a complexidade de suas vidas na contemporaneidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento e a liberdade são condições ontológicas do ser humano, devendo servir ao bem comum, de todos e todas, sendo uma possibilidade de felicidade humana, de construção de uma sociedade sem excluídos. Nesse sentido, podemos notar, por meio das narrativas aqui apresentadas que, cursar o ensino superior em Pedagogia (ou outro curso) não significa apenas adquirir conhecimentos, e correlacionar fatos, mas, acima de tudo, compreender os valores e o significado da vida como um todo.

Foi possível observar que durante o processo de entrevistas, essas mulheres foram ressignificando a sua própria vida, entregaram-se às memórias, recriaram e falaram de um tempo ainda presente em suas memórias e que permitiu a construção de novos saberes e experiências, que se multiplicaram definindo e redefinindo outras formas de ser, pensar, agir, sentir, mas que ao mesmo tempo são coletivas, assim conferindo sentido à existência, no balanço vivido no cotidiano escolar superior e além dele.

As mulheres, diferentemente dos homens, têm explícitas diferenças que enfrentam no dia a dia ao longo da vida, sejam elas em seu lar, trabalho e sociedade de um modo geral e sua formação escolar superior se constitui num apoio importante de sua identidade feminina, uma vez que, ao assumir esse posicionamento, elas reconstróem sua identidade que também assume uma dimensão social. Ao relatarem seus saberes, experiências e emoções vividas apontam o curso, como uma forma de crescimento pessoal e também profissional, em alguns casos, e reforçam a ideia de superação aos limites impostos a elas, necessariamente, vinculados ao estudo e a relevância do processo educacional.

Nos depoimentos encontramos nitidamente a estreita relação entre identidade de gênero e a carreira de professora, bem como os deslocamentos que dão preferência à vida pessoal sobrepondo-se a aspectos profissionais, mas acima de tudo prevalece nos depoimentos das cinco entrevistadas o crescimento pessoal.

Em todos os relatos podemos perceber que os aspectos positivos do curso estão associados a ganhos e mudanças nas formas de ver e pensar o mundo. Nessa concepção, a relação entre conhecimento e poder pode ser um viés para

ressaltar os depoimentos dessas mulheres, pois abriram novas possibilidades de ser e fazê-las como sujeitos num mundo extrema e infelizmente, falocêntrico.

A partir do exposto, percebo que a dimensão educativa que acredito estar presente no processo de educação menor se aproxima aos modos de como essas mulheres se recompõem e geram acontecimento a partir do cotidiano escolar universitário.

Se o movimento de ampliação e conscientização da cidadania ocorre no ambiente escolar, poderemos repensar a dimensão política da escola e as suas configurações no mundo pós-moderno. Pois ao evocar e narrar histórias singulares, esses sujeitos menores entendem o poder de renovação, de um devir, nessa sociedade que ainda subordina seu gênero em todas as camadas sociais e passam a atribuir sentido às experiências e aos acontecimentos vividos.

A principal força motivadora dessas egressas, oriundas de uma região “pobre” do Estado de São Paulo, estava na crença de um poder que adquiriram por meio da instrução e vivência dentro do cotidiano escolar universitário. Percebe-se que esse poder possibilitou a apropriação de maiores consciências e oportunidades de acesso aos direitos públicos e privados e daí a relevância em ouvi-las e descortinar as formas como (re)direcionaram suas vidas após a escolha de cursar o ensino superior.

Gostaria de destacar também que o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa revela-me uma nova mulher. O movimento de contar as histórias dessas egressas, que ao mesmo tempo está associada à minha própria, coloca-me em um novo lugar, com um novo olhar e me faz (re)significar meu papel como mulher e professora.

O que se apresentou aqui parece apontar que a História do curso de Pedagogia está entrelaçada à história das mulheres. Assim, a profissão docente permite às mulheres o acesso a todos os espaços, embora esta profissão tenha sido representada como semelhante ao trabalho no lar e ainda ser pouco valorizada pela sociedade.

Entretanto a discussão posta aqui, pode se inscrever numa nova dinâmica de análise, ou seja, ir além dos limites históricos do curso de Pedagogia e dos gêneros a partir do momento em que um novo olhar é lançado e outros questionamentos são apresentados; dentre eles como as lutas diárias foram enfrentadas por essas

egressas, a contribuição e apoio da família e sua dimensão política ao falarem de si e ao se verem como sujeitos.

Vivemos numa época de incertezas, em um mundo líquido, acreditamos e defendemos que o conhecimento como acontecimento ainda deve ser prioridade e o propósito de toda educação, não só nossa como professores, mas de toda sociedade. Falamos de uma responsabilidade com o ser humano, do respeito, de um olhar, mais atento e sensível. Além disso, acreditamos que existam caminhos possíveis para educação gerar este acontecimento, com o resgate de uma formação de pessoas preparadas para pensar e viver o mundo, comandar e dar significado à própria vida.

Por fim, confiamos que estas discussões sobre os “menores” merecem cada vez mais atenção, e em vez de se fazer uma história de opressão e submissão, história de vencidas, as narrativas apresentam histórias de vencedoras, carregadas de subjetividade.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Editora Argos. Chapecó. Santa Catarina, 2009.
- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. - (Prismas)
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. **Pesquisa nos/ dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DPetAliv, 2008. p. 13-27.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. RJ. Ed. Forense Univ. 1991.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. 7. ed. 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates, 64).
- ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013. Disponível em <http://www.pnud.org.br/atlas/>. Acesso em 06.07.2016.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Vida Líquida**. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2007.
- BAUMAN, Zigmunt. Entrevista Sobre a Educação. Desafios Pedagógicos e Modernidade Líquida. Os desafios da educação: aprender a caminhar sobre areias movediças. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n.137, p. 661-683, maio/ago. 2009.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de S. Milliet. 2 ed. São Paulo: Divisão Europeia do Livro, 1980.
- BEAUVOIR, Simone. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In. **Os Pensadores**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.222-234.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1/2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, Pedagogos e Formação de Professores**: Busca e movimento. Campinas: Papirus, 1996.

CAMARGO, Aspásia; D'ARAÚJO, Maria C.. **Como a história oral chegou ao Brasil**. Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.167-179, 1999.

CANTO, V. S. Mulheres negras e relações de poder. In: FONSECA, Denise Pini Rosalen e LIMA, Tereza M. Oliveira de. (Orgs.) **Outras mulheres**: mulheres negras brasileiras ao final da primeira década do século XXI. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC; Rio, RJ, p. 39-57, 2012.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CÓRDOVA, Rogério de A. **A pedagogia e o curso de pedagogia**. Brasília: UnB, 2009.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka - por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia (Volume 4), Rio de Janeiro, Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 1992.

FERREIRA, Marcos Felipe. **O curso de Pedagogia**: perfil do ingresso, inserção profissional e promoção social. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução e Organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a genealogia, a história**. In: Foucault M. Ditos & Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2000

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

GALLO, Sílvio. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: Ana M. Faccioli de Camargo e Márcio Mariguela (orgs.). **Cotidiano escolar: emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007a , pp.21-39.

GALLO, Sílvio. Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar. In: RIBEIRO, P. R. C. et al (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: FURG, 2007b.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2013.

GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez., 2010.

GOERGEN, Pedro. **Pós – modernidade, ética e educação**. Campinas, Autores Associados, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1989.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. WMF, Martins Fontes, 2013.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 5 de maio de 2017.

IZQUIERDO, Maria Jesús. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, Mercedes (Comp.). **Pensar las diferencias**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1994, p. 31-53

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Casa Oswaldo Cruz/ CPDOC – FGV, 2000.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997

LAMPERT, Ernani. O professor universitário e a tecnologia, **Revista Educação**, Porto Alegre, v 23 n 42, p 157-172, nov. 2000.

LIBÂNEO, José C. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: PIMENTA, Selma G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LOUZANO, Paula. et al. P.. Quem quer ser professor? atratividade, seleção e formação docente no Brasil. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 47, p. 543-568, set./dez. 2010.

MARCONDES, Danilo. JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MEIHY, José Carlos. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NOGUEIRA, Eliete J.; SOARES, Maria L. A.. Desafios educacionais na modernidade líquida: cotidiano, medo e indisciplina. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. RJ: Estácio de Sá, v12, n27, 2015.

PESSOA, Fernando. **Quando fui outro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

QUARESMA, Maísa R. Expansão dos cursos de Pedagogia no Brasil. In: IV Seminário Nacional Histedbr - grupo de estudos e pesquisas "história, sociedade e educação no Brasil, **Anais**. Campinas: Unicamp, 1997. p. 551.

QUEIROZ, Maria I. P. de. Relatos orais: do indizível ao dizível. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n.3, p. 272-286, mar., 1987.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. 2ªed. Santa Cruz do Sul – RS: EDUNISC, 2003.

REIGOTA, Marcos. A CONTRIBUIÇÃO POLÍTICA E PEDAGÓGICA DOS QUE VÊM DAS MARGENS. **TEIAS**. Rio de Janeiro, ano 11, nº 21, jan/abr 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PEDRO, Joana. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2012, pp.218-237.

SOIHET, Rachel. Mulheres investigando contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.13, n.24, p.191-207, 2008.

SPINK, Peter. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Revista Psicologia e Sociedade**. Vol. 20, n. spe. Porto Alegre, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **A universidade de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A – Tabulação de dados sobre o Vale do Ribeira – Região Administrativa e Política de Registro/SP

Tabela 2: População e densidade demográfica dos municípios do Vale do Ribeira/SP

	Município	Área Km2	População	Densidade Demográfica
1	Barra do Turvo	1007,29	7.729	7,67
2	Cajati	454,93	28.372	62,42
3	Cananéia	1242,01	12.226	9,86
4	Eldorado	1656,73	14.641	8,85
5	Iguape	1980,92	28.841	14,58
6	Ilha Comprida	188,53	9.025	47,01
7	Iporanga	1160,29	4.299	3,73
8	Itariri	272,78	15.471	56,53
9	Jacupiranga	708,38	17.208	24,44
10	Juquiá	820,96	19.246	23,68
11	Miracatu	1000,74	20.592	20,56
12	Pariquera-açú	359,69	18.446	51,34
13	Pedro de Toledo	671,11	10.204	15,22
14	Registro	716,33	54.261	75,11
15	Sete Barras	1052,11	13.005	12,24

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2010.

Tabela 3: PIB *per capita* (R\$) dos municípios do Vale do Ribeira/SP

	Município	Microrregião	Mesorregião	População	PIB per capita (R\$) 2006
1	Barra do Turvo	Registro	Litoral Sul Paulista	7.729	3724
2	Cajati	Registro	Litoral Sul Paulista	28.372	10003
3	Cananéia	Registro	Litoral Sul Paulista	12.226	5768
4	Eldorado	Registro	Litoral Sul Paulista	14.641	5881
5	Iguape	Registro	Litoral Sul Paulista	28.841	7205
6	Ilha Comprida	Registro	Litoral Sul Paulista	9.025	8041
7	Iporanga	Capão Bonito	Itapetininga	4.299	4213
8	Itariri	Itanhaém	Litoral Sul Paulista	15.471	4452
9	Jacupiranga	Registro	Litoral Sul Paulista	17.208	6114
10	Juquiá	Registro	Litoral Sul Paulista	19.246	5302
11	Miracatu	Registro	Litoral Sul Paulista	20.592	5142
12	Pariquera-açú	Registro	Litoral Sul Paulista	18.446	6314
13	Pedro de Toledo	Itanhaém	Litoral Sul Paulista	10.204	5117
14	Registro	Registro	Litoral Sul Paulista	54.261	7483
15	Sete Barras	Registro	Litoral Sul Paulista	13.005	5632

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2006/2010.

Tabela 4: Ranking dos municípios com relação ao IDH

Municípios (Estados)	Ranking Nacional	Ranking estado de São Paulo	IDH (2010)
São Caetano do Sul (SP)	1º	1º	0,862
Santos (SP)	6º	3º	0,840
São Paulo (SP)	28º	14º	0,805
Registro (SP)	467º	199º	0,754
Peruíbe (SP)	562º	236º	0,749
Pariquera-Açu (SP)	876º	339º	0,736
Iguape (SP)	1133º	426º	0,726
Ilha Comprida (SP)	1154º	430º	0,725
Cananéia (SP)	1301º	469º	0,720
Jacupiranga (SP)	1398º	494º	0,717
Juquiá (SP)	1904º	581º	0,700
Miracatu (SP)	1995º	590º	0,697
Pedro de Toledo (SP)	2028º	596º	0,696
Cajati (SP)	2078º	601º	0,694
Eldorado (SP)	2161º	607º	0,691
Itariri (SP)	2503º	628º	0,677
Sete Barras (SP)	2598º	633º	0,673
Barra do Turvo (SP)	3275º	644º	0,641
Melgaço (PA)	5565º		0,418

*Fonte: Atlas Brasil 2013 Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento 2010.

Tabela 5: Matrículas na Educação Básica dos municípios do Vale do Ribeira/SP

	Município	População (2010)	Matrículas - E.Médio (2015)
1	Barra do Turvo	7.729	379
2	Cajati	28.372	1337
3	Cananéia	12.226	629
4	Eldorado	14.641	832
5	Iguape	28.841	1336
6	Ilha Comprida	9,025	396
7	Iporanga	4.299	223
8	Itariri	15.471	577
9	Jacupiranga	17.208	681
10	Juquiá	19.246	1077
11	Miracatu	20592	1051
12	Pariquera-açu	18.446	860
13	Pedro de Toledo	10.204	458
14	Registro	54.261	3375
15	Sete Barras	13.005	563

Fonte:IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2015.

Tabela 6: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDH 2000 dos municípios do Vale do Ribeira/SP

Município	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Educação.	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Longevidade.	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Renda.
Barra do Turvo	0,663	0,755	0,670	0,563
Cajati	0,751	0,807	0,814	0,631
Cananéia	0,775	0,830	0,814	0,680
Eldorado	0,733	0,823	0,743	0,633
Iguape	0,757	0,864	0,720	0,688
Ilha Comprida	0,803	0,886	0,787	0,736
Iporanga	0,693	0,798	0,688	0,592
Itariri	0,750	0,839	0,722	0,688
Jacupiranga	0,760	0,830	0,743	0,706
Juquiá	0,742	0,824	0,722	0,680
Miracatu	0,748	0,817	0,763	0,664
Pariquera-açú	0,770	0,860	0,763	0,687
Pedro de Toledo	0,729	0,824	0,692	0,672
Registro	0,777	0,869	0,743	0,719
Sete Barras	0,731	0,812	0,763	0,619
Estado de São Paulo (média)	0,850	0,901	0,770	0,720

* Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil – PNUD 2010.

APÊNDICE B - Matriz do curso de Pedagogia 2012/2016 – FIVR

Currículo: Licenciatura					
	Nº de Créd.	Carga Horária		Semi-Pres.	C.H. Semestral
Nome da Disciplina		T	P		
Didática I	4	80			
Escola, Família e Comunidade	4	80			
História da Educação I	2	40			
Língua Portuguesa	4	80			
Psicologia da Educação I	4	80			
Sociologia da Educação I	4	80			
Total do 1º. Período	22	440			440
	Nº de Créd.	Carga Horária		Semi-Pres.	C.H. Semestral
Nome da Disciplina		T	P		
Didática II	4	80			
Fundamentos da Educação Básica	4	80			
História da Educação II	2	40			
Metodologia da Pesquisa Científica	2	40			
Políticas Públicas da Educação	4	80			
Psicologia da Educação II	4	80			
Sociologia da Educação II	2	40			
Total do 2º. Período	22	440			440
AACC					20
	Nº de Créd.	Carga Horária		Semi-Pres.	C.H. Semestral
Nome da Disciplina		T	P		
Alfabetização e Letramento	4	80			
Corpo, Movimento e Lazer	2	40			
Filosofia da Educação I	4	80			
Literatura da Educação Básica	4	80			
Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa	4	80			
Metodologia do Ensino de História e Geografia	2	40			
Prática do Ensino da Língua Portuguesa	2	40			
Prática do Ensino de História e Geografia	2	40			
Total do 3º. Período	24	480			480
AACC					20
	Nº de Créd.	Carga Horária		Semi-Pres.	C.H. Semestral
Nome da Disciplina		T	P		
Educação de Jovens e Adultos	4	80			
Educação Infantil	4	80			
Filosofia da Educação II	4	80			

Laboratório de Recursos Didáticos	4	80			
Metodologia do Ensino de Matemática	4	80			
Prática de Ensino de Matemática	4	80			
Total do 4º. Período	24	480			480
AACC					20
Estágio I					100
	Nº de Créd.	Carga Horária		Semi-Pres.	C.H. Semestral
Nome da Disciplina		T	P		
Educação Inclusiva	4	80			
Metodologia do Ensino de Artes	4	80			
Metodologia do Ensino de Ciências Naturais	4	80			
Pesquisa Educacional e Estatística Aplicada	4	80			
Prática de Ensino de Artes	2	40			
Prática de Ensino de Ciências Naturais	2	40			
Princípios e Métodos da Gestão Escolar	4	80			
Total do 5º. Período	24	480			480
AACC					20
Estágio II					100
	Nº de Créd.	Carga Horária		Semi-Pres.	C.H. Semestral
Nome da Disciplina		T	P		
Currículo Escolar e Atuação Multidisciplinar	4	80			
Educação Especial	4	8			
		0			
História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena	2	40			
Libras	2	40			
Planejamento e Avaliação	4	80			
Recursos Humanos e Dinâmicas de Grupo	2	40			
Tecnologia da Informação e Comunicação	2	40			
Tópicos Transversais em Educação	4	80			
Total do 6º. Período	24	480			480
AACC					20
Estágio III					100
Total de Carga Horária Teórico-Prática		2.800			
Atividades Complementares		100			
Estágio Curricular Supervisionado		300			
Total de Carga Horária do Curso		3.200			

APÊNDICE C – Modelo do Questionário e do roteiro de entrevista

QUESTIONÁRIO

Universidade de Sorocaba – Sorocaba-SP

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Título do Projeto: “Curso de Pedagogia como meio de Empoderamento feminino: narrativas cotidianas de mulheres do Vale do Ribeira”

Prezada Egressa do curso de Pedagogia da FVR, Solicitamos sua resposta a este questionário que tem como objetivo analisar as contribuições do currículo e das vivências universitárias na FVR, para a sua atuação pessoal e profissional. Você não precisa se identificar e, portanto, sua identidade não será conhecida. A sua participação nesta pesquisa não implica em nenhum benefício pessoal, não é obrigatória e não trará riscos previsíveis. Caso deseje, poderá desistir a qualquer momento, sem que isso lhe cause prejuízo. Sua resposta é fundamental para o desenvolvimento deste trabalho que é parte da dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida na Universidade de Sorocaba. Agradecemos imensamente sua contribuição.

Camila Santos Seimaru (camilassan@hotmail.com) Mestranda do PPGE - Uniso
Orientação Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira

DADOS PESSOAIS

-
1. Idade: _____ 2. Estado civil: () solteira () casada () divorciada () outros
2. Escolaridade: () graduação Pedagogia na Faculdade FVR
() possui outra graduação. (especificar) _____
() possui pós graduação. (especificar) _____
() outros cursos. (especificar) _____

Moradia :

Trabalho atual:

Já trabalhou em escola depois da graduação? (onde – especificar)

Renda individual:

Renda familiar:

CONTRIBUIÇÃO DA GRADUAÇÃO

-
1. Na sua percepção quais foram as contribuições da graduação para sua vida?
2. Acredita que, de alguma forma, a universidade te empoderou como mulher?
() sim () não . Por quê?

3. Você aceitaria participar da segunda etapa dessa pesquisa com aprofundamento da sua história de vida desse empoderamento?

- () sim – se sim por favor deixe um contato (e-mail e ou telefone) _____
() não

Modelo do roteiro para as alunas

Roteiro para entrevista na segunda etapa

1. Gostaria de saber como era sua vida antes de entrar na universidade?
(onde residia, o que fazia, qual era a condição socioeconômica da família, trabalho etc.)
2. Fale sobre a escolha do curso?
(por que, como soube, quem influenciou)
3. Dados sobre o período da graduação
(relação entre os colegas, professores, disciplinas, condições objetivas para o estudo)
4. Dados sobre o período pós-formada?
(trabalhou ou trabalha na área, situação financeira, pessoal)
5. Percepção sobre empoderamento feminino
(Como se vê como mulher antes e depois da graduação)

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa. A sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a Instituição.

O Sr.(a) receberá uma via original deste termo onde constam o telefone e endereço do pesquisador(a) responsável e equipe de pesquisa, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

TÍTULO DA PESQUISA: CURSO DE PEDAGOGIA COMO MEIO DE EMPODERAMENTO FEMININO: NARRATIVAS DE MULHERES DO VALE DO RIBEIRA

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Camila Santos Seimaru

ENDEREÇO: Rua Goro Assanuma, 42, apto. 11 A – Vila Tupi – Registro – SP

TELEFONE: (13) 99765 9990

PESQUISADOR PARTICIPANTE: Dra. Eliete Jussara Nogueira

ENDEREÇO: Rua Deodoro Gonçalves, 89 – Jardim Paulistano – Sorocaba - SP

TELEFONE: (15) 32321509

OBJETIVOS: Investigar o perfil das mulheres formandas em Pedagogia de uma faculdade particular do Vale do Ribeira, as possíveis mudanças ou não deste perfil no decorrer da graduação com o impacto do ensino superior em suas vidas, o porquê da escolha do curso, identificar, analisar se houve ou não promoção, ascensão social, profissional, pessoal ou empoderamento dessas mulheres após a graduação.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com as alunas egressas do curso de Pedagogia atuantes ou não no ambiente escolar. O método de análise adotado para a pesquisa será a história oral.

RISCOS E DESCONFORTOS: Este estudo não apresenta riscos para o fenômeno estudado, o empoderamento feminino através do curso superior, nem para as participantes. Visto que será uma pesquisa descritiva com o intuito divulgar as implicações que o curso superior proporciona ou não na vida das entrevistadas.

BENEFÍCIOS: A pesquisa possibilitará o esclarecimento dos reflexos do curso superior em Pedagogia. Oferecendo para toda a comunidade acadêmica e sociedade em geral conhecimentos a respeito das implicações e possíveis mudanças na vida social e profissional das entrevistadas, bem como no cotidiano escolar destas. Possibilitando e auxiliando futuros estudos nesta temática.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum tipo de custo nem reembolso para o participante.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Nenhum participante terá seu nome divulgado nesta pesquisa. Os mesmos serão identificados por números.

Assinatura do Pesquisador Responsável:

APÊNDICE E – Transcrição das entrevistas

Transcrição Estrela Lira

Estrela Lira, 30 anos, casada e com um filho.

Bom... antes de eu entrar na faculdade... é ... eu continuei morando no mesmo lugar... é...eu já trabalhava... é...meu marido também... é ... as condições assim...de vida...é...como posso falar (risos)...pausa (falar o quê)...era difícil porque só o meu marido trabalhava assim registrado, eu sempre trabalhei autônoma...é...eu trabalhava no salão, trabalho ainda, né, às vezes e dava aula pras crianças de "taekwondo"...e só...

Era remunerada.

Então, eu morei aqui até (pausa para pensar) meus oito anos, aí depois eu fui morar com a minha mãe em São Paulo aí depois voltei, aí fiquei morando com a minha avó até os meus 18 anos, aí depois fui pra São Paulo e voltei aos 26 anos.

Você sempre morou com a sua avó ou sua mãe?

Sempre, mais com minha vó, com minha mãe eu morei só dois anos.

E quanto à presença do seu pai?

Então, meu pai quando eu nasci ele já não era presente, porque na verdade ele nem queria filho, né.

E aí minha mãe falou pra ele tudo, mas ele falou que não queria, aí...eu tive contato com meu pai, durante minha vida toda, sóooo duas vezes que eu vi sim...

Tive vários problemas durante minha vida, né...emocionalmente, socialmente é...emocionalmente assim, eu nasci sem pai...é...e logo que eu nasci fiz mais ou menos três anos, minha mãe foi morar pra outra cidade, então eu fiquei com a minha vó e assim...eu sempre senti falta deles, lógico...não ter pais presentes assim pra tirar suas dúvidas, pra responder algumas coisas que você precisava...é...e isso sempre foi ruim pra mim emocionalmente assim.

Sofri bastante preconceito por ser negra, na escola assim...é...sempre colocaram apelidos...é...falavam que minha inteligência era inferior às pessoas brancas, as professoras mesmo...quando estava estudando em São Paulo, era escola de pessoas de classe mais abastada, aí eu, a professora sempre...sempre...como eu posso falar...ela sempre falava alguma coisa assim que me deixava mal, tinha uma menina que sempre falava, que sempre me chamava, me xingava de negra e me deixava mal, me afetava bastante.

Eu entrei na faculdade em...2013...2014...eu tinha...(risos)...26 anos, eu já era casada e escolhi Pedagogia, porque primeiro, eu já dava aula pras crianças e eu já gostava bastante e primeiro que é uma faculdade que você tem a certeza que você vai estar empregada depois né, vai poder trabalhar logo de imediato, até mesmo antes de terminar eu já tinha arrumado emprego bom, numa instituição boa...

E eu escolhi aquela faculdade porque eu gostava...de criança, já gostava de ensinar né, desse processo.

E minha relação com os professores e colegas era boa...eu...me relacionava bem com todo mundo, com a maioria das pessoas, pelo menos, da sala, os professores também.

Não encontrei dificuldade de acompanhar as disciplinas...não tinha tempo, mas tinha condições boas para estudar em casa, silêncio, e tinha condições de estudar bem.

E custeei minha faculdade através de financiamento do Fies, eu consegui através do Fies, né, que só paga uma taxinha a cada três meses...

Então foram várias contribuições da faculdade tanto no pessoal, com a minha família, meu filho, meu filho foi bastante positiva né, conheci um pouco como a criança pensa e isso foi bom pra ele...é...até mesmo na hora de fazer lição de casa, essas coisas, eu sabia como ensinar melhor...é...sabia ensinar de uma forma que ele entendesse melhor, ele se tornou um melhor filho, um melhor aluno na escola e soube como educá-lo melhor, o casamento...o casamento ficou...é...entrou em crise...é...eu acredito que medo, medo de...é...assim...de eu me tornar mais independente, de ter uma profissão, é melhor do que a dele até e insegurança, ele não tem ensino superior.

Na faculdade não houve preconceito, até porque de tanto eu sofrer com isso, esse preconceito quando criança, eu aprendi a lidar assim... quando eu fiquei maior, pelo menos se houve eu não percebi...se houve eu não percebi.

Durante a faculdade eu fiquei sabendo de um estágio pela coordenadora do curso...é...ela falou que estavam precisando de estagiários na instituição que era muito boa e indicou alguns alunos da sala, daí fomos fazer a prova, passei na prova e depois teve a entrevista e depois mais uma entrevista com todas as coordenadoras, aí eu fui selecionada e já comecei a trabalhar e...contribuí muito assim...porque tudo que eu via na faculdade de matérias, de métodos eu pude ver ali na prática...é...e...e...a questão assim profissional e pessoal, assim eu aprendi na faculdade, a ser mais ética, mais dedicada na, eu já era dedicada, mas aprendi a ser mais dedicada, aprendi a pensar mais no que eu ia fazer e a traçar mais as metas, os objetivos, ia atrás do que eu queria, aprendi a ser mais organizada é...contribuí em vários aspectos.

O estágio era remunerado e melhorou bastante as condições financeiras em casa, era um estágio bem remunerado até...considerando a ...remuneração de outras escolas...foi bem remunerado e contribuí bastante assim...é...pude ajudar bastante meu filho, lógico, a gente pensa neles sempre, em primeiro lugar...me ajudou, lógico, né...eu me senti melhor podendo contribuir mais né, dividir melhor as contas em casa com o marido.

Depois que eu formei pra mim foi ótimo, assim...eu dei uma parada...depois que acabou o estágio e eu não consegui arrumar outro emprego logo em seguida ainda na área que eu tinha me formado né, um emprego remunerado, aí... eu voltei a dar aulas pras crianças de taekwondo e aí voltei pro salão e... vou começar a trabalhar agora de novo.

E voluntariamente assim...na AME que foi uma instituição que passei minha adolescência toda né, foi lá que eu aprendi a fazer tudo que eu sei hoje, fora a faculdade, também a pessoa que eu sou hoje, em questão de ética e caráter, minha formação foi também bastante lá, porque minha família mesmo não discutia muito sobre isso, não ligava muito pra minha formação escolar, porque de pequena assim, desde a geração da minha vó, minha mãe, meus tios, a gente nunca ligou pra esse negócio de estudo, aí lá na AME que eu aprendi tudo que eu sei e às vezes lá, quando solicitado pela coordenadora que é minha amiga eu pude ir lá ajudar as crianças...dar aula de reforço, dá aula de violão, nós montamos a bateria de escola de samba, ensinamos as crianças tocar vários instrumentos. Lá eu tive aula de informática, de etiqueta, lá eu aprendi muita coisa, violão, tocar teclado, percussão...é...informática, ballet.

Eu sou a primeira a ter curso superior na família...é...(risos) ...então...minha família não liga muito pra esse negócio de estudo, então...eu não ganhei muitos parabéns, minha mãe e minha vó que é gari até hoje e que me criou ficaram felizes e choraram de emoção ...é...tanto é que na minha formatura meu marido também, apesar né de o casamento quase acabar por causa da faculdade, , mas ele ficou bem feliz, meu filho, foram as únicas pessoas que foram na minha formatura e se emocionaram comigo e me deram parabéns...ficaram bem felizes.

Ou outros não deram importância, porque primeiro sempre me subestimaram muito, tanto minha família, meus amigos, eu sempre chegava suja da rua, jogava bola, saía na porrada com os moleques, nunca gostei de boneca, sempre fui a única menina na família, no meio de tios e primos e minha vó falava que eu era sapatão.

Os professores...é...de ensino médio e fundamental assim...sempre me subestimaram muito...é...alguns professores, sofri preconceito, falavam que eu não tinha inteligência como as outras pessoas, outras crianças tinham e isso sempre me deu muita vontade de aprender e isso me deixou com mais vontade de aprender.

Tanto é que na minha adolescência eu não vivi igual aos outros adolescentes, todo dia ia atrás de algum curso pra fazer e era o dia inteiro, toda minha adolescência passei assim.

Agora que concluí o ensino superior me vejo, primeiramente como uma pessoa mais forte, uma mulher mais forte, que eu sei da capacidade que eu tenho, eu sei que eu consigo porque eu entrei pra me desafiar, eu gosto de desafio...é...como as pessoas sempre me subestimaram então eu entrei e queria ser a melhor, não sei se eu fui, mas eu tentei...é...esse curso contribuiu pra isso...como eu posso falar...me fez melhor em todos os

sentidos, mais independente, mais forte, hoje se eu quero alguma coisa eu sei como correr atrás, como conseguir, eu sei que eu tenho a capacidade de fazer, de se defender também. Hoje eu me sinto poderosa e sei que só depende de mim, que eu não dependo de ninguém. Quem me influenciou a fazer o curso de Pedagogia foi a madrinha do meu filho, ela é pedagoga em São Paulo já oito anos já...é...ela sempre vinha me visitar e me via dando aula pras crianças de “taekwondo” do e ela falou que eu levava jeito com as crianças e que gostava de ensinar, que as crianças gostavam de mim, que eu conseguia passar o que sabia de uma forma bem gostosa e que deveria fazer o curso pra eu me sentir melhor e independente.

Pretendo fazer pós, gostei e não pretendo parar.

Minha mãe foi fazer Pedagogia também, quando eu comecei, eu me empolguei, gostei e comecei a contar tudo que eu estava aprendendo e ela decidiu fazer também o mesmo curso, e termina no final desse ano.

Ela é também bem empolgada com o curso, antes ela era doméstica e agora já esta dando aula num projeto e ter minha mãe e minha avó na minha formatura foi bem especial assim...minha vó (risos) falou que queria ser eu, que queria aprender tudo que eu aprendi, mas que ela não pode e que hoje ela se sente realizada em mim e que sou seu orgulho, mas antes de eu entrar na faculdade, quando eu era menos, ela sempre falava que eu não ia dar coisa boa (risos) que eu era muito rebelde...é...falava que eu ia ser igual meu pai...é...que eu ia acabar presa igual ele e que se não fosse ela, era pra eu tá na lata de lixo, que meu pai e nem minha mãe queriam saber de mim...essas coisas...(silêncio). Essas rejeições deixaram marcas...era revoltada.

Tenho mais dois irmãos por parte de mãe e sou a única negra da família, meu pai que era negro e sempre vivi numa família de brancos e muito machistas, mas “se ferraram comigo” porque aprendi a não deixar mandarem em mim, porque quem mandava lá em casa era minha vó.

Só tive contato com meu pai quando eu tinha 12 anos porque ele foi me procurar depois de sair da prisão, mas eu não queria contato com ele e soube que ele voltou a ser preso novamente por tráfico e roubo. Então nunca mais tive contato.

Com 17 anos fui morar com minha mãe, irmão e padrasto, mas preferi sair de casa, ele era muito machista, achava que lugar de mulher era dentro de casa, sofri muita violência psicológica por parte dele.

Transcrição Estrela Ursa Maior

Estrela Ursa Maior, 38 anos, divorciada e duas filhas.

Entrei na faculdade em 2014 e concluí em 2016, sem nenhuma DP e depois da faculdade ainda não fiz nenhum outro curso, mas pretendo fazer pós em educação infantil, estava esperando abrir turma.

No momento eu trabalho com meus pais num comércio, eles têm uma loja na cidade onde eu moro, Sete Barras e substituo quando a escola chama. Comecei substituindo este ano.

A faculdade contribuiu na questão social, porque na verdade foi uma área que eu nunca quis atuar na verdade, aaa..., nunca quis entrar numa sala de aula, tanto é que tive a oportunidade de fazer 20 anos atrás e não quis, mas quando resolvi fazer é...acrescentou sim em várias coisas né.

Sempre tive uma vida tranquila, meus pais...tínhamos uma condição de vida mediana...Aliás, meu pai veio pro Vale quando eu tinha cinco anos e vim de São Paulo e quando...meu pai comprou a loja da minha tia e aí a gente veio morar pra cá, veio todo mundo e eu vim na pré-escola ainda e lá em Sete Barras é tranquilo, ficava na loja, comecei a ajudar desde muito cedo, desde criança a gente ficava na loja ou em casa ajudando e assim foi...e até os meus 17 e eu fiquei grávida da minha filha e eu estava no 1º colegial, eu reprovei quando estava na 5ª série e por isso eu me atrasei um pouco.

Daí eu fiquei meio assustada e eu e acabei perdendo o semestre, né, e voltei no semestre seguinte e fui concluindo os estudos, mesmo grávida e depois com a bebê. O pai da minha

filha estudava fora, e eu morei com meus pais e assim que ele concluiu a faculdade ele veio pra Sete Barras e a gente ficou morando juntos. Eu morava no quintal da minha sogra e trabalhava com a minha mãe e ele dependia de trabalhar com o pai dele e eu com a minha mãe e então assim começou a criar problemas, né e então a gente acabou indo embora pra Sorocaba.

Aí parei no ensino médio. Na verdade, na minha casa, todo mundo casou muito cedo, minha irmã casou com 15 anos, também foi mãe, minha irmã do meio também foi mãe com 19, né. Não que a gente não soubesse, mas não tinha essa relação mais aberta pra conversar sobre engravidar e meios de prevenir como tenho hoje com a minha filha.

Em Sorocaba a gente trabalhava lá, os dois e eu fiquei uns quatro anos e resolvi ter minha segunda filha e quando ela tinha uns cinco meses eu não quis deixá-la em creche e como eu tinha a possibilidade de voltar pro Vale e ficar ela comigo enquanto eu trabalhava com minha mãe, eu optei em voltar pra Sete Barras e deixei meu marido lá em Sorocaba, estando casados, veio eu e minhas duas filhas.

Dois anos e meio depois eu falei pra ele que estava complicado e que a gente tinha que voltar e voltei pra Sorocaba e eu 2013 eu estava lá, estava concursada numa creche, trabalhava como cuidadora infantil em Votorantim e fui chamada em outro concurso da prefeitura de Sorocaba como inspetora e optei em mudar porque os benefícios eram melhores e era a escola da minha filha.

Nesse período eu me separei...em 2011 e depois disso eu tive um outro relacionamento e eu ia me casar de novo, só que eu tive uma decepção muito grande e foi muito traumático, fiquei muito mal e minha mãe vendo a minha situação não deixou eu ficar lá.

Ela me convenceu a vir embora pro Vale e foi aí que ela me falou: "Você vai fazer faculdade". Eu tinha 35 anos e tudo foi mudando. Cheguei em outubro e fevereiro já estava estudando.

Na verdade escolhi Pedagogia, por ter trabalhado na creche e como inspetora, eu sempre quis fazer Educação Física, só que na época, meu marido não deixou e não tive forças para lutar contra e agora eu me achava velha demais. Mas de qualquer forma iria ser professora.

Então eu vim pra cá, minha mãe ficava com minha filha mais nova para eu ir estudar à noite e minha outra filha ficou em Sorocaba, com meu marido, por conta dos estudos, ela fazia cursinho pré-vestibular e durante a minha graduação ela entrou para a faculdade de odontologia com bolsa de estudos.

Foi complicado deixar minha filha lá e vir, talvez até uma fraqueza minha, mas eu não estava conseguindo me reestabelecer emocionalmente lá da mesma forma como eu consegui aqui, lá eu fiquei muito...muito muito mal mesmo. Cheguei ao ponto de não sair mais de casa, me vi numa situação que eu nunca imaginei que alguém pudesse chegar e por isso ela, minha filha, me cobrava demais por não ter ficado lá, mas eu precisava vir, fazer tudo que eu fiz, estar mais forte para poder voltar.

Durante a faculdade prestei um concurso para professor, passei, acreditei que iriam chamar só este ano, mas acabaram que chamaram antes, em novembro e eu não pude assumir porque não tinha concluído o curso.

Também passei em outro, mas pelo mesmo motivo não pude assumir, quando me formei até fui falar com eles, mas eles mantiveram a mesma posição e por isso, por enquanto só substituo e trabalho com meus pais.

Então a mudança de cidade e a faculdade serviram para eu dar uma guinada na minha vida e mudar, não só emocionalmente, querendo ou não, com a graduação eu posso ter outras perspectivas, abre mais portas.

Fiquei sem estudar 15 anos por uma série de motivos: filhos, marido, emprego, mas quando resolvi fazer para sair daquilo que estava vivendo, chamei minha irmã que estava com mais de 40 anos, já era avó, eu estava com 35 e uma incentivou a outra, até brinco que não arrumei namorado na faculdade, porque todo mundo pensava que a gente era um casal, a gente não se desgrudava. Ela foi também para me acompanhar, foi muito minha parceira, sempre estudando juntas. Nós éramos chamadas de "as irmãs cajazeiras".

Quem custeou minha faculdade foi eu mesma, com o salário que recebo por ajudar meus pais na loja, nesse ponto de vista, se for pensar, pode pensar que eu andei para trás, mas

não, na verdade, mudei de cidade, eu me formei na faculdade, tirei habilitação e estou mais forte em todos os aspectos, só falta me estabilizar financeiramente na minha profissão, mas não faz nem um ano ainda que me formei.

Hoje sou independente, tenho meu espaço, cumpro meu papel de filha, de mãe, estou na melhor fase como mulher.

Não é muito longe a cidade que eu moro da faculdade, ia de ônibus, e quem custeava éramos nós mesmas e levava menos de uma hora para chegar.

A princípio, na sala de aula, ficava muito com minha irmã, até hoje não lembro o nome de muita gente que estudou comigo, era muita gente, muitos grupinhos e por isso acontecia alguns atritos.

Aconteceu uma vez, de uma pessoa e eu discutimos na sala, ela ficava filmando a gente na sala e mandando para outras pessoas e rindo da nossa cara, foi desagradável, ela ameaçou uma outra aluna na saída, um absurdo e ela tem a mesma idade que a minha, não era das mais jovens.

E é engraçado esse negócio de idade da sala porque, eu estava cursando com meninas da idade da minha filha, né, e era engraçado pensar e eu até brincava que tinha 18 anos também porque eu tinha entrado na faculdade, estava tirando carta de habilitação, (risos) era bacana porque apesar das diferenças de idade tinha bom relacionamento.

Acompanhar as disciplinas no início foi complicado, tinha buscar fora os meios para aprender, pois foram anos fora. As aulas que tive mais dificuldades foram sociologia, e outras com muito conteúdo, era muito pouco tempo para assimilar muita coisa, algumas disciplinas, como eu já vivi de certa forma dentro da escola, foram mais fáceis, principalmente no que envolvia pais, comunidade no ambiente escolar, comportamento, mas as que envolvia a aprendizagem, alfabetização me encantava mais; eu sempre achei que isso era muito difícil, alfabetizar, mas quando você começa a ver e fui para sala, você percebe como as crianças se desenvolvem rápido e é gratificante.

Quando falávamos de EJA, olhava até para minha própria sala, muitas idades diferentes no mesmo ambiente e aprendendo cada um do seu jeito, foi interessante e até quando se falava em preconceito com raça, opção sexual, porque naquela sala tinha de tudo: negro, branco, homossexual, novo, velho. Na educação especial também, é um público que está crescendo cada vez mais dentro da escola e exige uma certa dedicação, cuidado e a procura de profissionais especializados para esse público aumentou e isso fez com que eu pensasse na possibilidade de seguir por essa área.

Algumas disciplinas conseguiam me prender só com a fala dos professores, e também com as histórias dos próprios alunos que exemplificavam o tema que a gente estava tratando na aula, porque fazia parte do cotidiano de muita gente lá e o professor pegava o gancho para explicações mais profundas.

Durante o estágio também pude presenciar vários temas tratados em sala, foi bem interessante e ver que desde cedo alguns temas merecem ser trabalhados e dados mais atenção.

Na minha formatura, minha irmã, que acabou não concluindo grau porque pegou algumas dependências, também participou da cerimônia, foi muito emocionante, não tem nem como falar e não me emocionar (choro). Foi meu pai, minha mãe, meu cunhado, sobrinhos e minha filha mais nova, a mais velha iria fazer vestibular no dia seguinte em outra cidade e não pode vir.

Ver todos ali, todos que fizeram com que eu estivesse ali, no incentivo, até financeiro, foram eles que me fizeram mais forte para estar ali naquele momento...

Talvez...por não ter dado mais certo nenhum relacionamento, desde que me separei, eu me preocupe em investir mais em mim, porque com a faculdade eu me levantei bem rapidinho, eu estudava, estava sempre rodeada de pessoas e não tinha tempo de ficar triste, pensar bobagens, eu estava me ocupando de outras coisas, me fez autossuficiente, mas também tudo aquilo não era só para mim, era pelas minhas filhas também, se eu estivesse bem, conseqüentemente elas ficariam, se melhorasse financeiramente para elas também melhoraria, me ajudou muito e continua me ajudando porque eu não vou parar por aí, foi o início de eu querer sempre mais.

Engraçado quando você está na faculdade e você observa as meninas jovens, vê que não está ali para perder tempo, talvez as mais novas não aproveitem tanto quanto eu aproveitei. Eu via algumas colando, eu não consigo, morro de medo e sei que não vai ter proveito pra mim, porque se eu colar, depois eu não vou lembrar.

Quando eu fiz o concurso, eu lembrava de tudo, tudo que eu vi, tudo o que tinha na minha prova eu já tinha visto em sala de aula, tinha momentos que vinham “flashes” dos professores falando sobre o assunto que estava na prova, eu saí dali impressionada de eu ler as questões e lembrar e com a certeza que eu iria passar. Ou estava muito fácil ou realmente eu estava preparada, fiquei muito contente por passar e triste por não ter conseguido assumir porque não estava formada ainda.

Eu mudei minha vida, talvez eu ficasse lá para sempre como inspetora, acomodada eu não ia sair daquilo nunca mais, cuidar das meninas. Sei que não vou ficar rica como professora, professor não ganha tanto quanto mereça, mas você pode ver, a maioria dos professores consegue ter uma casa, um carro, é uma oportunidade de eu melhorar.

Minha irmã também vai concluir, teve muita dificuldade no primeiro semestre por conta de ficar mais de 20 anos sem estudar, então a gente sente muito isso, diferentes dos mais jovens que saem do ensino médio com a cabecinha mais fresca, já está no ritmo.

Se eu tivesse entrado na faculdade naquele tempo, era pra eu estar quase me aposentando, mas não me arrependo, fiz agora com outros olhos.

Nos eventos a gente percebia que não havia muita união entre os alunos. Todo ano a pedagogia promovia um café pedagógico e o nosso quase que não saiu, por conta da desunião, eu não queria fazer parte de um café fracassado, corri atrás de patrocínio, tanto é que com o dinheiro que sobrou nem conseguimos reunir o povo para uma confraternização de final de ano.

Parecia, pra muita gente, que eles não tinham obrigação de fazer acontecer, como se não fosse para eles, trouxemos palestrantes famosos, mas aconteceram muitas desavenças, até um professor quase abandonou o barco e isso nos chocou, até um aluno comentou assim: “olha o que aprendi com esse professor: se o barco pegar fogo, abandone o barco”, ou seja, se a escola pegar fogo, você deve abandonar.

Então a gente observa muito o professor, se o que eles estão falando, eles estão realmente fazendo, você aprende que tipo de professor você quer ser, aquele que você admira e pensa que com tantos afazeres consegue dar o melhor sempre e aquele tipo que não quer ser de jeito nenhum.

Quando a gente aprende isso, sobre a postura do professor em sala de aula e quando a gente vê que isso não é feito com os filhos da gente ou com alguém próximo, tem professor que não percebe que as coisas mudaram e temos novas propostas de como educar e senti isso com a minha filha, eu comecei a observar e questionar a direção sobre isso, quando você conhece seus direitos e deveres, começa a cobrar mais e não deixa que ninguém passe por cima deles.

Todos os eventos que aconteciam, eu participava, nem todos da sala participavam, talvez até pelas condições financeiras, não que eu pudesse sempre, mas em alguns fazia questão, fui ao teatro pela primeira vez, foi tão bonito, mágico, parecia que eu tinha voltado a ser criança, ficamos depois repetindo as falas das personagens durante dias, foi muito bom.

Transcrição Estrela Apus

Estrela Apus, 28 anos, Iguape, casada, um filho.

Entre na faculdade quando tinha 24 anos, em 2014 e concluí em 2016 e ainda não iniciei a pós ou outro curso porque ainda não sei o que quero fazer, ainda tô confusa, porque gosto bastante de gestão, mas desde o último semestre da faculdade fiquei confusa...

Já era casada e meu filho tinha cinco anos e isso me ajudou a analisar meu relacionamento com marido e filho, principalmente em relação ao meu filho, qualquer comportamento, auxílio nas lições de casa, de como educar e cobrar dos professores, porque você começa a ter um respaldo e tem o que argumentar quando percebe que algo não está de acordo.

Quando os métodos não estão mais de acordo com as crianças de hoje em dia, que são muito ativas e espertas.

Não pela profissão, de ser professora, mas pelas decepções e desvantagens que a gente vê no ramo.

Moro em Iguape e atualmente trabalho na empresa do meu marido, de assistência técnica, mas durante a faculdade trabalhei no município de Ilha Comprida como estagiária na área de Pedagogia, na época fiz uma prova seletiva e consegui entrar logo no primeiro semestre da faculdade e esse dinheiro é que me ajudava com as outras despesas da faculdade, condução e vou começar a pagar o financiamento só a partir do ano que vem.

Durante a faculdade, em algumas disciplinas comecei a me entender, falhas, desde a minha infância e perceber que o problema não era você, então me fez melhor, me sentir melhor, apesar de ter vindo de uma família que não era ignorante, tinham estudado e eles me cobravam muito por isso, pra fazer uma faculdade.

Para cursar a faculdade tive financiamento estudantil, Fies.

E depois que entrei na faculdade, despertou a vontade do meu marido também, hoje ele faz Análise de Sistema e eu também fiquei em cima dele porque hoje em dia o mercado exige diploma, não adianta só saber.

Se a pessoa quer crescer tem que ter uma faculdade, até pessoalmente.

A faculdade, muito mais do que contribuir no meu crescimento profissional, contribuiu no crescimento pessoal.

Assim que eu terminei o ensino médio, com 18 anos, eu fiz vestibular para farmácia, mas aí como eu não queria que minha mãe me bancasse, eu não fui fazer porque não tinha aqui no Vale do Ribeira na época, era somente em Santos e como minha mãe é mãe solteira, não quis e achei que aquele não era o momento e resolvi esperar o momento certo.

Apesar de conhecer meu pai, não tínhamos uma relação de pai e filha, agora sim, durante a faculdade, comecei a pensar em me aproximar e pensei que não tinha nada a perder, independente do que ele fez, ele é meu pai.

As coisas começaram a se ajustar quando no estágio, eu fui fazer com uma psicóloga, eu fiquei dois anos com ela como estagiária, eu ficava no grupo de apoio. Foi aí que eu comecei a rever bastante coisa da minha vida que me influenciou nessa decisão de ir procurar meu pai e tentar uma relação.

Eu sempre fui muito protegida pela minha mãe, também pelo fato de não ter pai presente, ela nunca me deixou trabalhar, ela sempre fez de tudo pra mim e minha irmã, ela também é professora, fez Pedagogia e Biologia.

Durante esse tempo que fiquei afastada do estudo, me casei com 19 anos, até comecei a fazer faculdade quando abriu em Iguape, mas não cursei muito, acabei indo embora pra São Paulo porque meu marido é de lá e decidimos voltar por conta do meu filho, foi aí que a faculdade entrou em contato comigo, me ligou perguntando se eu tinha vontade de voltar e eu fui, voltei.

Na verdade, a minha escolha de entrar em Pedagogia teve muita influência da minha mãe, ela sempre me dizia que a área era o primeiro passo e primeiro ramo, ela falou que era mais fácil e disse pra eu fazer e depois ver o que eu queria realmente e foi aí que eu comecei a gostar de Pedagogia.

Mas tem muita falha no dia a dia do professor, então isso desanima, porque você se dedica e o outro não liga.

Muitas vezes no estágio eu tive que me virar, porque nunca tinha trabalhado antes e isso era complicado, mas me fez mais mulher, independente e saber do que eu era capaz, eu comecei a me encontrar e me entender e eu já tinha 24 anos e também colaborar financeiramente em casa.

Construí uma relação forte de amizade com minhas colegas de sala que levo até hoje.

Sou uma pessoa melhor no aspecto geral, tive apoio da minha família, incentivo da minha mãe e marido, ajuda do meu marido para ficar com meu filho todo dia à noite e depois minha mãe quando ele começou estudar também. Não era fácil e no início ele teve ciúmes. Porque ser mulher é ser tudo, né e temos que saber usar e aproveitar as oportunidades e descobrir que a gente pode qualquer coisa, pode tudo que a gente quiser.

Tive muito apoio da minha mãe também, com as disciplinas. Acho que se eu tivesse feito faculdade na idade normal não teria aproveitado tanto quanto eu aproveitei agora mais velha. Agora estou fazendo provas de processos seletivos e concursos nas prefeituras vizinhas e estou esperando me chamarem. E nesse ponto queria fazer uma pós pra melhorar minha pontuação nessas provas e ficar mais bem colocada, mas também não adianta eu fazer qualquer coisa só pra preencher currículo como muitos fazem. Quero alguma coisa que eu goste. Gosto muito de educação infantil, acho que é ali que está a parte mais importante, a fase mais importante da criança.

Transcrição Estrela Aquila

Estrela Aquila, 21 anos, casada não no papel, moro junto, estou grávida de um menino e nasce em setembro. Entrei na faculdade em 2014 e concluí em 2016, não peguei nenhuma DP durante esse período. Atualmente sou professora do 4º ano, mas desde o 2º semestre da faculdade já comecei fazer estágio, já estagiava e assim que eu me formei já assumi minha própria sala numa escola particular de Iguape. Eu passei num processo seletivo da prefeitura, mas o horário não batia, era o mesmo horário da escola particular e então eu preferi ficar na particular. Não fiz nenhum curso ainda, pela falta de tempo e distância da minha cidade, porque não quero fazer a pós à distância, mas pretendo fazer primeiro psicopedagogia e depois psicomotricidade. Então, o lugar onde eu vivo é tranquilo, o bairro é tranquilo a escola sempre foi próxima, podia ficar na rua brincando, não tinha perigo nenhum. Sempre estudei em escola pública, minha mãe sempre trabalhou em escola, ela é merendeira concursada, em casa somos cinco filhas mulheres, quando eu era criança meus pais se separaram e ela casou de novo. Eu falo que não fui eu que escolhi fazer pedagogia, minha mãe sempre trabalhou em escola, também tenho primas professoras, minha irmã também é professora, ela fez Letras, mas não ingressou na área, nunca deu aula e a outra fez administração. Todo mundo falava que eu tinha jeito com criança e eu sempre falava que ter jeito com criança é uma coisa e dar aula é outra coisa, aí todo mundo falava: “Faça pedagogia, faça pedagogia”...eu iria fazer jornalismo quando eu fui morar em Curitiba, eu fiz o vestibular da federal e por pouco não passei e quando voltei pra Iguape todo mundo falava: “Faça pedagogia” e eu falei “Vou tentar”. Quando eu tinha 17 anos, depois que terminei o ensino médio, minha irmã morava lá em Curitiba, mudei pra lá, comecei a trabalhar, só que eu vi que eu estava trabalhando pra pagar aluguel, não estava tendo um bom rendimento lá e as faculdades de lá eram muito caras, daí eu pensei quando ainda estava lá de fazer pedagogia e minha mãe falava muito também, só que o custo lá era muito alto, da faculdade, daí não tinha como eu me manter lá, aí eu preferi voltar e fazer aqui em Registro mesmo. Eu fiquei sete meses lá só. Eu sempre ficava muito com criança, de ensinar, brincar de escolinha e ensinar outras crianças, quando eu tinha meu bisavô, quando eu tinha 6-7 anos, ele não sabia escrever e eu que ensinei ele escrever com sete anos, eu aprendi a ler com 5 anos e assim que eu aprendi ensinei pra ele, e por isso todo mundo falava isso pra mim. No vestibular coloquei pedagogia e administração, passei em pedagogia e logo no primeiro semestre eu vi que era aquilo que eu queria, era realmente aquilo que eu gostava. Eu entrei na faculdade com 18 pra 19 anos, aqui no Vale do Ribeira era mais viável eu fazer faculdade, tinha mais chances porque tinha bolsas, então logo que eu entrei, eu só paguei a matrícula e uma mensalidade, em março eu já estava com a bolsa da Escola da Família e fiquei assim até o final.

Então eu estudava e no segundo semestre já entrei trabalhando meio período, saía da escola e ia direto pra faculdade e final de semana eu ficava na Escola da Família, meu trabalho lá era aula de reforço e fazer oficinas com trabalhos com garrafas pets, essas coisas, manhã era reforço e a tarde as brincadeiras com garrafas pets, mas minha coordenadora, quando era semana de prova, ela sempre disponibilizava pra ficar estudando uma parte do dia.

Eu também fazia estágio remunerado, eu ganhava nessa escola que eu trabalho, entrei e estou até agora trabalhando lá, na época o dinheiro que eu recebia, eu pagava o ônibus pra ir pra faculdade.

Logo que entrei na faculdade, teve uma gincana lá, aí...eu era bem tímida em relação ao público, com pessoas que não conheço, mas com sala de aula não, eu não tenho vergonha, mas a primeira brincadeira que o professor fez eu fiquei meio assim... e pensei “será isso mesmo que eu quero”..., mas ele foi se aproximando e com o tempo vi que era isso mesmo que eu queria, as aulas que eu tive foram bem interessantes, me desenvolveu uma vontade maior de continuar estudando, de fazer outra faculdade, pensei até em fazer Letras depois, mas desisti da ideia, mas Pedagogia eu não desisti, mesmo tendo que ir de Iguape pra Registro todo dia, eu continuei.

Era cansativo, mas eu não desisti, mesmo tantos alunos desistindo no meio do caminho, tanto é que nós iniciamos com uma turma de mais de 100 alunos e se formou nem a metade, muita gente desistindo e você olhava e desanimava, mas fui me esforçando e consegui concluir o ensino superior, sem DP.

A hora que eu cheguei na sala me assustei com o tanto de gente, mas me senti bem porque a grande maioria eram mulheres e já no primeiro dia fiz amizade e essa amizade continuou até o último dia de aula, então me identifiquei muito com ela e assim foi, a amizade, uma segurando a outra, não deixando a outra desistir porque era cansativo viajar todo dia de Iguape para Registro. Por isso eu fiquei bem lá, ter muitas mulheres contribuiu pra eu continuar, acho que se fossem muito homens eu ia regredir um pouco e ia ficar receosa.

Achei que ter muita mulher na sala fosse pior, apesar de ter algumas desavenças, mulher conversando, elas se resolvem, sempre acabam se entendendo, então fiquei bem tranquila. Comigo nunca houve desentendimento, mas com a sala já aconteceu, principalmente quando a gente se reunia pra fazer alguma coisa, porque cada um dizia pra fazer alguma coisa. Isso desanimava um pouco, porque a gente lutava pra dar certo e fazer melhor e tinha gente que sempre queria bater de frente. Às vezes a gente acabava desistindo, até os professores e a coordenação, para evitar desavenças lá na frente.

Os eventos que a faculdade promovia eram muito bons, as palestras eram muito boas e dinâmicas, não era aquela coisa cansativa de ir numa palestra e ser cansativa, era sempre dinâmica, você sempre era envolvida, o conhecimento também era muito bom, então todo semestre tinha alguma coisa diferente pra gente fazer e isso foi fundamental é...pro nosso conhecimento por não ser só aquilo que a gente aprendia em sala de aula. As palestras foram fundamentais para o nosso conhecimento.

Eu só não participei dos eventos fora da faculdade porque a maioria era nos finais de semana e eu estava na Escola da Família, então nunca dava pra eu ir.

Os Cafés Pedagógicos eu participei de todos enquanto estive na faculdade, foram muito bons e importantes e o que nós preparamos foi muito bom também, aconteceram algumas confusões e desavenças, mas serviu também pra nos unir, porque a gente queria dar o melhor, a gente se esforçava ao máximo e no final acabou dando tudo certo.

No primeiro semestre foi mais difícil, as aulas eram mais cansativas, não sei se pelos professores, achei tudo muito metódico, aprendi, mas não foi fácil.

No segundo semestre daí foi mais fácil, a gente aprendia mais com exemplos, porque a gente já estava vivenciando.

Eu fiquei só um ano fora da escola e isso facilitou minha vida na faculdade porque eu via algumas coisas que os professores perguntavam e tinha pessoas que estavam muito tempo fora da escola e tinham mais dificuldades, eles até acabavam brincando quando eu respondia dizendo “você acabou de sair da escola, do ensino médio” então eu não me senti

muito perdida nas coisas, mas eu via que tinha muita gente que tinha se formado há muito tempo que ficava perdida, né.

As mulheres mais velhas me tratavam como uma filha, tinha uma colega lá, que acabou não se formando, mas eu gostava muito dela e ela gostava muito de mim e ela me chamava de “filha” porque era bem mais velha, ela tinha idade da minha mãe já, então eu me identifiquei muito com ela, a gente conversava bastante, ela me aconselhava muito, mas ela acabou desistindo.

Algumas matérias por mais que fossem cansativas, os professores tornavam as aulas mais dinâmicas, fazia sempre algo diferente, fazia com que a gente prendesse a atenção, apesar do cansaço, o que eles falavam conseguia guardar na minha cabeça.

O que eu via na faculdade e o que eu já estava vivenciando no dia a dia na prática se complementavam, nas aulas eu dava exemplo do que eu via no estágio e no estágio eu levava o que aprendia em sala, era fundamental.

Na escola onde eu estava tem professores que se formaram há bastante tempo, muitos anos, às vezes tinham aquele método tradicional, então a faculdade sempre vinha com um método novo e eu acabava falando, porque lá, estagiário sempre tem a oportunidade de falar e eu sempre falava algo novo que eu tinha aprendido na faculdade, então era bom nessa parte.

E os professores mais antigos aceitavam o que eu falava, eles adoravam, sempre falavam pra eu pedir dicas pros professores que a gente pode fazer e eu sempre levava.

Daí eu levava pra sala e eu recebia sugestões e levava pra escola e eles aceitavam numa boa.

Quando eu via algumas matérias, achei que fosse fácil, História da Educação, achei que fosse História, mas não, era diferente, relacionada à Educação mesmo, peguei meu primeiro exame., era muito texto, só no segundo semestre começou a interligar com assuntos novos, do mundo atual, daí ficou mais fácil e eu consegui entender.

Algumas matérias que eu tive, até tive vontade de fazer outra faculdade depois; Psicologia eu adorei, mas variava de professor, em Psicologia 2 mudou a professora e a sala percebeu que a gente não conseguia aprender tanto. A outra sempre dava exemplo do dia a dia e a gente sempre acabava ligando e conseguindo aprender.

Tinha professor que só falava em Piaget, Piaget, Piaget, parece que não saía outra coisa da boca dela e muitos slides, daí ficava cansativo. Outras professoras não, pegavam coisas do Vale do Ribeira para mostrar de exemplo pra gente, então a gente se interessava mais, aprendia mais, a sala percebia e se interessa porque era o que a gente vivia no Vale do Ribeira.

Quando ela falava do Vale do Ribeira era algo que estava mais próximo da gente, então a gente se interessava mais em querer aprender e pesquisar mais, aquilo interessava mais a gente por ser algo que estava mais perto de nós, né. Pesquisamos como eram as escolas, se os autores que elas citavam na aula eram usados na escola, os métodos que elas passavam pra gente na faculdade se era realmente utilizados na escola, eu perguntava e algumas utilizavam o método e perguntava se era algo bom ou não. Aí ela mostrava outros autores e fazia uma ligação pra gente ver como era importante mudar com o método tradicional.

Agora tinha outras que falavam coisas tão distante de nós que a gente ficava...nossa...

Na escola eu nunca gostei de Língua Portuguesa, mas por causa dessa professora tive vontade de fazer Letras, o jeito que ela ensinava, eu falava...foi a matéria que eu mais gostei e aprendi, gastei muita folha do caderno porque a gente tinha muita vontade de aprender por causa do jeito que ela ensinava, ficava na nossa cabeça, foi muito boa a aula.

Eu não tinha muita ideia de como fazer trabalhos científicos, TCC, redação e era importante, o problema que eram sextas-feiras e sempre tinha algum evento na faculdade e a gente acabava não tendo aula.

Teve matéria que eu aproveitei muito, que eu mais levava pro estágio, então sempre que o professor explicava, eu sabia, eu estava vivendo isso e conseguia identificar os estágios das crianças, até as outras professoras percebiam o que eu estava aprendendo então pra mim foi fundamental.

Outras eu vejo que são foram fundamentais para meu dia a dia. Outras já sim, fomos pesquisar muito sobre o Vale do Ribeira e as comunidades que eu nem sabia que existiam. Isso me motivava mais porque era ligado a minha realidade e eu sou de Iguape.

Eu achava que Geografia era mapa, pintar mapa e decorar nomes de estados e países, mas o professor mostrou que não é isso, e eu fiquei boba de ver de como trabalhar, de acordo com nossa região.

Os planos de aula que a gente fazia na faculdade eram fundamentais, tanto é que eu levei depois para uma professora depois e ela utilizou na aula dela, foi bem legal.

Dar aula me encantava, não só pras crianças, mas também pras outras idades, jovens e adultos, gente que realmente tava ali para aprender, pra aprender escrever o próprio nome, uma receita, bula de remédio que toma, hino da igreja, eles se esforçavam bastante e isso é gratificante, ver que tem muitas pessoas que realmente querem aprender e eu via isso na sala de aula na faculdade, na minha sala.

Os professores sempre estavam dispostos a explicar tudo, isso ajudou muito, muito mesmo.

Abriu muito a nossa cabeça, porque a gente tem preconceito com coisas que a gente nem conhece, a gente ficava até o final da aula só pra escutar o que ele iria falar, quando tratava de assunto, tipo, religião, a gente pensava que ia ser chato ou dar briga, mas não e que a gente pode trabalhar e falar todos os temas que dá certo, dependendo de como fazer.

Já teve gente que chegou a sair da sala por causa disso, mas abriu a cabeça de muita gente, mostrando que apesar das diferenças todo mundo pode viver no mesmo ambiente e respeitar uns aos outros e isso é mais importante.

Questões dos índios, negros também foram passadas pra gente, porque aqui no Vale tem bastante e tinha gente que nem sabia se interessou em saber mais e pesquisar.

A faculdade não foi só pra conhecimento meu como professora, mas como eu posso mudar de opinião em alguns assuntos, serviu pra abrir minha cabeça. Gostar de coisas novas que antes eu não gostava, de como posso melhorar, não só pra escola, pra eu aprender e ensinar pros meus alunos, mas pra eu mudar o meu conceito em relação algumas coisas e que as pessoas não têm distinção, de religião, de raça, ser menino ou menina, sexo.

O preconceito do que a mulher podia ou não fazer e tratava do ela é capaz de fazer, toda luta delas pra chegar até aqui e ocupar o mercado de trabalho e também para serem professoras.

Assim que eu me formei, na verdade, no último ano de faculdade eu estava como estagiária e dava aula de reforço complementar e o horário iria bater com as aulas de reforço eu preferi ficar com as aulas de reforço, porque no último ano tinha TCC e era um ano que eu tinha que me dedicar muito, então eu pensava: “eu vou ficar o período da tarde na escola e não vai bater o horário” e também financeiramente valia mais a pena as aulas de reforço porque ganhava mais que o estágio, aí eu falei: “vou sair”, mas a dona da escola chegou para mim e falou “Vou contratar você como auxiliar”, porque para ser auxiliar eu não precisava ser formada, ela falou: “você fica, se for preciso você sai um pouco antes do horário” e me garantiu assim que eu me formasse eu teria uma sala minha, então aquilo fiquei feliz porque estava depositando confiança em mim e no meu trabalho. Porque tem gente que está lá 10 anos e nunca assumiu uma sala.

Eu recém-formada, nova assumi uma sala de 4º ano que era difícil e isso foi muito importante pra mim.

Na formatura vimos que tudo valeu a pena, até as brigas e desentendimentos e apesar de tudo formamos uma família. Foi muito bom porque todos viam que era isso o que realmente eu queria, minha família, principalmente, como minha irmã mais velha se formou em Letras, mas não quis de jeito nenhum ser professora, a minha outra irmã que é formada em RH e fez em Curitiba e veio pra cá e não tem emprego na área dela e minha família acreditava que eu sim estava encaminhada, porque desde o segundo semestre eu já estava trabalhando na minha área, então eles acreditavam em mim, que eu era quem ia trabalhar na área, ser professora e eles sabiam que era o que eu sempre quis e estava feliz.

Eu e meu marido moramos juntos desde que eu voltei embora de Curitiba, logo que entrei na faculdade, arrumei estágio e ajudava na despesa de casa e ele também entrou na

faculdade nesse período, foi fazer Direito e depois que eu me formei tudo melhorou porque não tinha mais as despesas com a faculdade, material, ônibus pra ir todo dia.

Tudo isso foi fundamental pra nossa vida de casal, nesse período eu sempre ganhei mais que ele, porque ele também era estagiário, mas nunca teve problema em relação a isso e agora podemos ter nosso filho, assim que terminei já comecei a pensar em filhos e já estou grávida de sete meses.

Apesar de acabar de ter assumido uma sala, mas todos aceitaram numa boa e nem pensam em me dispensar depois da licença maternidade.

Transcrição Estrela Dalva

Estrela Dalva, 29 anos, separada, três filhos.

Entre na faculdade em 2014 e concluí no ano de 2016, no período certinho e depois que terminei a faculdade não fiz nenhum outro curso, mas pretendo fazer pós-graduação em Educação Especial.

Todo tempo da faculdade eu era dona de casa, também fazia estágio que não é remunerado no Programa Escola da Família nos finais de semana, em uma escola em outra cidade que fui designada para trabalhar, diferente da que eu moro e também da faculdade, por isso não paguei a faculdade, tinha esse estágio que eu pagava para o governo.

Paguei a faculdade só três meses antes de conseguir esse estágio.

Antes da faculdade, minha vida era só em casa, até trabalhava com outras coisas, em lanchonete e restaurantes na cozinha, minha vida era casa, serviço e filho.

Tenho três filhos e meu primeiro filho tive com 18 anos de um namorinho de adolescente, se separei do rapaz e tive e criei a criança sozinha, aí passou um ano e conheci o pai das minhas filhas e fiquei casada com ele durante 10 anos e durante esses 10 anos eu tive minha duas meninas, uma de oito e uma de quatro anos.

Minha vida sempre foi bem complicada, meu pai é pedreiro, minha mãe era dona de casa e então eles se separaram e nós era muito novos quando eles se separaram, a gente tinha uns 13 anos, aí eu fiquei morando só com meu pai, então era meu pai, eu e mais quatro irmãos, aí como meu pai era pobre e homem não supria as necessidades que uma menina precisa, então comecei a trabalhar cedo em casa de família, cuidar de crianças e assim foi indo...comecei com 13 anos, logo que minha mãe saiu de casa.

Tem uma vizinha minha que é professora e ela sempre falava: “faça um curso, faça um curso” e eu sempre falava: “agora não, agora não”, porque eu tinha uma bebê e estava grávida ainda e pensava em deixar esse negócio pra mais tarde e assim foi indo e minha filha nasceu e quando ela nasceu eu estava entrando no “Facebook” e vi um anúncio da faculdade e entrei no site da faculdade e vi que estava programado o vestibular e acho que faltavam dois dias para encerrar o cadastro, fiz o cadastro e no outro dia paguei o boleto e aí vim e contei pro meu marido, aí ele pegou assim e ficou meio assustado e falou “não, não faça, deixe esse negócio quieto” e eu disse: “não, eu vou fazer” e peguei e fiz.

Chegou o dia do vestibular, fui fazer o vestibular e fiquei naquela expectativa de “passou ou não passou” porque eu fiquei 10 anos sem fazer curso nenhum depois que eu terminei meu ensino médio, então eu não tinha noção nenhuma do que eu tava fazendo, dei minha cara a tapa, não estudei, não fiz nada e fui.

Aí chegou a aprovação e eu fiquei extasiada e daí “cadê o dinheiro?” pra fazer a matrícula, aí eu não tinha, aí meu pai falou: “Não, a gente dá um jeito, a gente consegue” e aí nós juntamos um dinheirinho daqui, outro dali e assim conseguimos fazer a matrícula.

E pra pagar nos três primeiros meses de mensalidade, a gente economizou no último, a gente juntou, meu pai ajudou, minha mãe ajudou, meu irmão que é cabeleireiro e mora fora também ajudou, cada um ajudou um pouquinho até eu conseguir a bolsa, foi o esforço da família inteira pra eu conseguir, principalmente o meu ex-marido, ele me ajudou muuuito porque ele que ficava com as crianças pra eu poder ir pra faculdade à noite, ele que ficava com as crianças no final de semana pra eu poder ir pra escola trabalhar pra poder pagar a bolsa.

Então, além de toda noite ir pra faculdade, no final de semana ficava na escola das 9h às 17h sábado e domingo, e durante a semana fazia estágios para completar as horas do estágio da faculdade e ele também trabalha, ele era pedreiro, continua sendo, né.

No começo foi bem complicado com ele, ele falava assim: “você tem 3 filhos e ainda vai fazer faculdade”, ele ficou com um pouco de medo na verdade, mas aos poucos ele foi vendo que tava gostando, tava interagindo nas ideias, tava me esforçando, aí ele pegou e aceitou.

Você sabe que ele não é estudado também, ele fez só até a sétima série de antigamente e parou e ele sempre trabalhou também, desde muito cedo, ele começou a trabalhar cedo e então acho que ele tinha medo sabe, da mulher ganhar mais, tem homem que sente medo, né, da mulher estar crescendo e ele ficar pra atrás.

Depois do curso trabalhei como auxiliar de sala durante um tempo numa escola pública da minha cidade mesmo (Jacupiranga), mas depois disso não trabalhei mais, estou desempregada.

No começo da faculdade foi muito estranho, tinha um recém-nascido em casa, eu tinha que pegar ônibus e eu não tinha dinheiro pra pagar as passagens de ida e volta pra ir até a faculdade que ficava em outra cidade, daí eu fui até a prefeitura, conversei, fiz um cadastro e consegui passes que pagavam a metade da passagem, e meu marido com muito esforço ajudava com o restante.

Assim comecei a ir, frequentar o curso, e pense, aquela sala cheia de alunos, mais de 100, todos desconhecidos, gente que nunca tinha visto na minha vida e eu ali, não sabia de nada, foi bem complicado, sentei bem no cantinho na parede, escondida e aí eu pensava em desistir, porque tudo era novo, as matérias novas: português, história, não sabia o que era leitura e escrita, essas coisas, até já conhecia, mas descobri que não sabia nada, os professores falavam e eu ficava desesperada, mas com o tempo fui aprendendo a absorver da melhor forma possível e a maneira como os professores conduziam as aulas me ajudaram a aprender e gostar daquilo e hoje me sinto professora e preparada para exercer a função, mas quero evoluir mais.

O primeiro semestre foi bem difícil como falei, no segundo também, e no terceiro foi que o negócio começou a fluir melhor, comecei a entender melhor, o relacionamento com os professores melhorou, com os colegas de sala também, porque também foram diminuindo os alunos na sala.

Escolhi pedagogia por conta da minha colega que mora perto da minha casa que é professora e ela falava sempre pra eu fazer pedagogia, mas eu sempre quis fazer enfermagem, porque gosto de lidar com pessoas, ajudar, por isso era meu foco principal, mas a mensalidade era um absurdo, muito caro e eu não tinha condições de pagar aquela quantia e também não dava bolsa de estudos, aí fiquei com o mais prático e mais fácil e barato, mas durante o curso fui aprendendo a gostar e se hoje fosse escolher uma profissão, seria ser professora.

O curso contribuiu muito para a minha vida, na relação com meus filhos, com outras crianças, outras pessoas, hoje eu vejo que eu falo melhor, que me expresso melhor, escrevo melhor, sou melhor em tudo hoje.

Até a relação com a minha família melhorou, eles não tinham esperança...Eu sou a única formada na família, na família inteira sou a única graduada, com diploma universitário e então o presente não foi só meu, foi deles também.

Eu e meu marido nos separamos no último ano da faculdade, ficamos casados 10 anos, mas não foi por causa da faculdade, já não estava dando certo, tanto que depois da separação ele continuou cuidando das crianças todo dia, indo em casa pra eu poder ir pra faculdade, inclusive nos sábados e domingos, fez o mesmo processo que ele fazia quando morava comigo, ele fez separado.

Fui em busca e conquistei novas oportunidades, fui atrás dos meu sonhos, hoje tenho uma visão melhor da vida, sei procurar o melhor pra mim e para os meu filhos e mostro para as pessoas que eu posso e consigo, se correr atrás.

Tinha uma relação boa com meus colegas de sala, aconteciam alguns atritos, muita mulher junta, mas as amizades que fiz vou levar pra sempre e os professores também, não tenho nada para falar de ruim daquele período, só me trouxe coisas boas.

As disciplinas eram muito difíceis para mim no começo, Didática eu não entendia nada, não sei como consegui, era muito difícil e logo nos primeiros semestres, ainda mais para mim que fiquei tanto tempo longe da escola, sem ler, estudar...Já com outras matérias e com o passar do tempo fui me adaptando ao novo ritmo, lá aprendi a ter interação e contato com as pessoas, saber lidar com elas, como posso explicar...no agir, até como falar.

Uma vez, durante a aula, a professora falou sobre a Companhia de Jesus, Jesuítas e eu nem sabia do que se tratava, algumas pessoas, recém-saídas do ensino médio sabiam do que se tratava, mas eu e muitas das outras não sabiaaaa (constrangimento) isso me deixou com vergonha e chateada porque acabei falando uma barbaridade e as pessoas olharam e a professora perguntou se eu tinha certeza do que estava falando e eu disse: “não tenho ideia o que você está falando”.

Em quase todas disciplinas e maioria dos autores estudados eram homens. Rever Língua Portuguesa na faculdade me ajudou muito, eu não sabia onde por os pontos, vírgulas, escrevia tudo junto, nem interrogação eu sabia colocar na frase, até hoje tenho o material passado nas aulas e quando eu ou meus filhos temos dúvidas, vou consultar.

Professores ótimos, algumas disciplinas, como Psicologia da Educação me ajudaram a me entender, porque sempre achei que eu tinha algum problema, não conseguia aprender nada e foi lá, com os professores e autores que a gente lia, que fui entendendo e percebendo que eu poderia aprender e que cada um é diferente do outro, mas todos podem, cada um da sua maneira.

Só na faculdade que aprendi de verdade, me ensinar a me descobrir e a descobrir de qual forma eu consigo entender e aprender e principalmente a focar e me concentrar.

Eu não sabia fazer um texto, foi lá que me ensinaram a fazer meus trabalhos, projetos, fui ensinada como se ensina um aluno do fundamental e médio, quase reprovei algumas vezes, mas aprendi muito, aprendi sobre o que significavam todas aquelas siglas que a gente vê por aí e não tem ideia do que se trata, hoje sei de tudo isso, e sei de todos meus direitos, direitos dos alunos e deveres também, de uma maneira geral, de todo cidadão.

Aprender todas as hipóteses de escrita da criança foi demais, eu tinha três crianças em casa e podia constatar e aplicar com eles o que aprendia para poder ajudar, porque antes eu acreditava que a letrinha deles era tudo garrancho e me ajudou a entender e fui pesquisando cada vez mais sobre o assunto, além do comportamento e movimento das crianças.

Os ensinamentos aprendidos levei para dentro da minha casa, entender melhor cada fase da criança, seu desenvolvimento motor, pois eu tinha três e com idades diferentes, as questões da higiene melhorei com eles, também a relação com meio ambiente, reciclamos mais, reutilizamos, reaproveitamos mais os materiais, eu junto com as crianças fazemos vasos para flores, porta canetas, tudo aprendido na faculdade.

Hoje crio coisas para as crianças, até livros educativos, o que eu não gostava muito eram as questões burocráticas, as aulas de gestão me judiavam, era complicado para mim.

Na disciplina de Educação de Jovens e Adultos, me identifiquei porque, apesar de não ser muito velha, me sentia parte daquilo, não pude dar continuidades aos estudos logo que concluí o ensino médio, eu me via naquelas mesmas situações, começar a trabalhar desde muito cedo, não conseguir acompanhar os estudos porque trabalha o dia inteiro e à noite está cansado e muitos anos depois conseguir realizar o sonhos de concluir os estudos. Além de enfrentar a dificuldade de acompanhar o que é ensinado, em matemática, por exemplo, pelo fato de ficar muitos anos sem estudar.

Quando foi tratado de educação especial foi muito importante porque tenho dois sobrinhos especiais, são autistas, e antes disso não conseguia entender o comportamento deles, e depois me encantei pelo assunto e a partir daí eu e minha irmã, que é mãe deles, começamos a ter mais diálogo e conversarmos sobre os meninos, tudo o que eu via de novo, autores que abordavam o assunto eu falava para ela e ela me pedia para pesquisar

cada vez mais para trocarmos informações e foi aí que decidi que faria minha pós em educação especial.

Outro ponto muito marcante foi quando tivemos cultura indígena e afro-brasileira, tipo assim...eu sou de uma família mista, meu pai é italiano, branco e minha mãe é negra, entendeu...e sempre sofri muito na escola, antigamente a gente não falava muito sobre isso, não tinha esse negócio de falar que era “bullying” e toda essa movimentação que tem hoje falar disso e acabava que a gente não ligava muito e levava na brincadeira, mesmo sofrendo com isso escondido, foi somente quando o assunto foi abordado na faculdade que fui ver que tudo que eu e meu irmão passava era preconceito, era preconceito na escola, porque na minha família são três irmãos brancos e três negros e os três negros eram taxados e é até chato de falar, mas a gente não entendia. A gente tinha perna ressecada, e passava óleo de cozinha na perna e os outros tiravam sarro.

Até hoje eu percebo, pra arrumar emprego, que entre uma branca e uma negra vão dar o emprego para branca, sabendo que o negro tem uma qualificação melhor que o branco, entendeu?...independente da cor...hoje eu entendo que é crime, que é preconceito e eu sei dos meus direitos e não vou deixar me humilharem, assim como não posso sair ofendendo ninguém, ninguém pode sair me ofendendo por conta da minha cor. (falou com força)

Lá a gente tratava de temas transversais, como o papel da mulher, além do meio ambiente, raça, homossexualismo...e ser mulher, é não depender de homem nenhum, é ir atrás dos seus objetivos, lutar, a mulher consegue ter tudo, cada um tem seu espaço, seu lugar é só seguir em frente, independente, tem que ir atrás, lutar.

No começo eu não tinha muito acesso à informação, tinha um computador bem velhinho em casa que só usava pra entrar em redes sociais, aí depois meu marido acabou comprando um notebook bom pra mim, aí já fui fazendo meus trabalhos, aprendendo mais a mexer, aí depois minha mãe me deu uma impressora.

Na minha formatura, foi um pouco triste, eu tinha acabado de me separar, não tinha muito dinheiro pra bancar maquiagem, vestido, salão, cabelo, sapato, essas coisas, então minha irmã que veio de outra cidade e tem os filhos autistas que acabou me arrumando e me dando o vestido, mas acabou não conseguindo ir na formatura. Meu pai me deu o sapato e acabou indo na formatura só meu pai, minha madrastra e meus três filhos. Meu pai chorou bastante e tirou muita foto.

Minhas notas nunca foram muito elevadas, eram notas razoáveis, às vezes passava raspando, cuidar da casa, três filhos, marido, escola da família nos finais de semana, durante a semana, estágios e fora outros compromissos, era difícil, estudava de madrugada e sempre vivia morta de cansada.

Nunca fui comunicativa, mas depois que entrei na faculdade comecei a conversar com todo mundo e me soltar, eu não tinha coragem de olhar no olho da pessoa pra falar, eu tinha medo, vivia com a cabeça baixa, com medo de alguma coisa, hoje em dia eu pego e falo, sou autoconfiante, graças a Deus.

Fiz muitas amizades na sala e com as meninas dos outros cursos que levo pra vida, até hoje falo, meu marido começou a ficar com ciúmes, ainda mais porque antes de eu fazer faculdade eu não me arrumava, não ligava pra maquiagem, não colocava um batom, não colocava um brinco, nem a sobancelha eu fazia pra você ter uma ideia...aí depois eu fui vendo, meu Deus, eu preciso me arrumar, todo mundo vem bem arrumado pra faculdade, vem bonito e cheiroso, e falei: “também quero” e comecei a ver isso e absorver pra mim também, aí ele foi vendo que aí eu fui ficando mais arrumada, aí quando sobrava dinheiro eu comprava maquiagem, comprava batom, dava mais importância pra isso...ele falou: “perai...o que está acontecendo lá, pra ela mudar desse jeito”.

Aí teve uma vez que a gente até discutiu por causa disso, ele falava: “pra que isso, esse batom na boca, você vai lá pra estudar, não vai pra ficar passeando”...só que eu queria me sentir igual e não inferior.

E hoje não, eu faço meu cabelo, passo maquiagem, ponho salto, passo batom vermelho ou que cor que eu quiser, saio, me divirto e agora não tenho medo de ser feliz, vou e faço acontecer, não espero mais.